

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

A COMPREENSÃO DOS MEMES ATRAVÉS DOS
COMENTÁRIOS NO *FACEBOOK*

ANA CAROLINA ALMEIDA DE BARROS

Recife-PE

2016

ANA CAROLINA ALMEIDA DE BARROS

**A COMPREENSÃO DOS MEMES ATRAVÉS DOS
COMENTÁRIOS NO *FACEBOOK***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Estudos textuais-discursivos de práticas sociais

Orientadora: Prof^a Dr^a Karina Falcone de Azevedo

Coorientadora: Prof^a Dr^a Suzana Leite Cortez

**Recife - PE
2016**

Catálogo na fonte

Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

B277c Barros, Ana Carolina Almeida de
A compreensão dos memes através dos comentários no Facebook / Ana Carolina Almeida de Barros. – Recife, 2016.
175 f.: il., fig.

Orientadora: Karina Falcone de Azevedo.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2017.

Inclui referências e anexo.

1. Comentários. 2. Compreensão. 3. Memes. 4. Sentido(s). 5. Sociocognição. I. Azevedo, Karina Falcone de (Orientadora). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2017-13)

ANA CAROLINA ALMEIDA DE BARROS

**A COMPREENSÃO DOS MEMES ATRAVÉS DOS COMENTÁRIOS NO
FACEBOOK**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em LINGUÍSTICA em 26/8/2016.

TESE APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Karina Falcone de Azevedo
Orientadora – LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Suzana Leite Cortez
Coorientador(a) – LETRAS / UFPE



Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra
LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante
PROLING - UFPB

Recife – PE
2016

AGRADECIMENTOS

Ao Deus de amor e de imensa bondade, por estar presente e SER comigo em todo o tempo; mesmo quando a vida ficou de ponta-cabeça, eu sei que o Teu amor foi o que me sustentou... me guardastes na sombra das Tuas asas e nela me fizesse descansar segura.

Aos meus pais, Marcos (no coração e na memória) e Suely, por incondicionalmente me amarem. Vocês serão sempre meus melhores guias e instrutores nesta vida. Sem vocês, tudo seria muito mais incerto, inseguro e cinza. Obrigada por me conduzirem, por acreditarem, por incentivarem, por se desdobrarem e trazerem sempre direcionamentos tão cheios de retidão. Amo vocês para SEMPRE, pois não há tempo e distância que desfaçam nossos laços. Eles são ETERNOS!

Ao meu irmão, Marcos (Marquinhos), por me fazer sentir a irmã mais especial do mundo. Irmão, você é tão preciso, é um presente sem igual. És meu companheiro, amigo, parceiro...tão amável e tão decidido. Aprendi, sem dúvidas, a compartilhar um pouco de tudo contigo: da vida aos sonhos. Obrigada por ser tão presente, por se doar e por não medir esforços. Eu te amo, Zé!

Aos meus avós, tios e primos, por caminharem comigo, entenderem as ausências em tantas datas, por não me cobrarem (só de vez em quando...rsrsr) e por respeitarem as minhas escolhas, mas também por incentivarem e mostrarem-se tão alegres com as minhas conquistas. Obrigada, família!!

À Karina Falcone, minha orientadora tão querida, por me mostrar o quanto de humanidade, leveza e alegria ainda cabem no espaço acadêmico. Obrigada por apostar no meu trabalho e me oportunizar construir conhecimento ao teu lado. Obrigada pelo respeito, pelo afeto gratuito e pelos abraços apertados que, em muitos momentos, foram também minha segurança. Sou imensamente grata a ti!

À Suzana Cortez, minha coorientadora, por tamanha delicadeza, sabedoria e força, que foram indispensáveis, na trajetória. Obrigada pelos direcionamentos dados, pelo acolhimento sincero e pelo saber compartilhado.

Aos Falconeanos, meus tão queridos: eu consegui! Obrigada pela parceria e por todos os momentos da caminhada. Li (Lilian Noemia), Vini (Vinícius Nicéas) e Si (Sirleidy), saibam que sem a força, a doação e o companheirismo de vocês, a tarefa teria sido muito mais árdua. Obrigada pelas dicas e por serem, em tantos momentos, meus olhos! Vocês fazem, sem dúvidas, diferença em minha vida!! A Laura e Larissa, pela alegria dos encontros, pela disponibilidade e pelas palavras de incentivo! Obrigada, meninas!!

Aos meus amigos de perto e de longe, com tantos sotaques, sintam-se representados: Kayra (a minha “Pessoa”), Mayara (agora, a mãe da Mannara...rsrsr), Michele (o ser mais doce e encantador), Carol (minha metade carioca), Vanessa (a personificação da Mônica, do Maurício do Sousa...rsrsrs...com aquele sotaque do PI) e Nildes (a que me chama de Flor), por me tornarem, a cada (re)encontro, incrivelmente feliz. Obrigada

pelo apoio, pela preocupação, por não cobrarem, por entenderem e por somarem. Sou grata pela amizade e por serem sempre fieis, leais e justas. Amo!

À Maria Clara (Catanho), pela sementinha colocada em solo fértil. Clarinha, obrigada pelo incentivo e por ser tão incrível no que fazes. Sua voz foi constante durante todo esse tempo. Você é inspiração!

Aos meus tão queridos companheiros de jornada no PPGL/UFPE: O que dizer daquilo que somos? Fomos escolhidos para que nos reconheçêssemos, porque não há o que explique a unidade que nos tornamos. Sheila (companheira de aventuras...rsrs), Camila (a Camis da vida e para vida), Vanessa (a força e a emoção, juntas), Gih (Girllayne... a alegria e parceria), Shirleide (sempre viva e de sorriso frouxo), André (Andrezito do meu coração), Rafael (o centrado e amigo honesto), Isaac (meu querido e doce), Severino (o criativo), Rita (a mamãe da Ana) e Flávia Ferreira (minha grata e tão linda surpresa. Coração generoso e virtuoso!), obrigada por deixarem um pouco de cada um de vocês em mim!

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, pelo apoio dispensado, por acatarem as minhas solicitações com pacificidade e mostrarem-se acessíveis em todo o tempo. Muito obrigada!

Às professoras Nelly, Beth Marcuschi, Medianeira Souza, Siane Góis e Joice Galli pelas aulas e pelos conhecimentos compartilhados, construí muitas pontes com vocês!

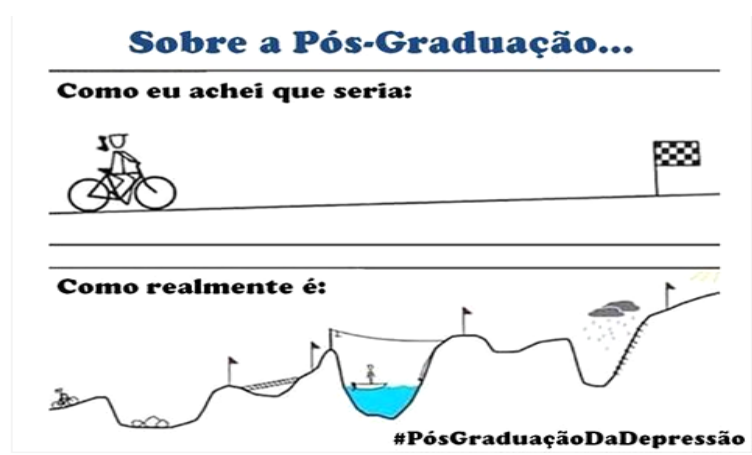
Ao Prof^o. Benedito Bezerra, em especial, pela participação na banca de qualificação, trazendo um pouco do seu ponto de vista e mostrando possíveis direcionamentos para o engrandecimento do trabalho.

À Diva e a Jozaías, funcionários do PPGL, pelo acolhimento, pelo carinho e por todas as soluções, sempre. Muito obrigada!

À Capes, pelo auxílio financeiro indispensável.

O sentido das palavras e textos não lhes é imanente e não é depreensível numa atividade de cálculos com regras rígidas previamente estabelecidas. O sentido é necessariamente situado histórica e socialmente e é, também, plástico, no sentido de que, em todos os níveis de linguagem, existe uma negociação entre os interactantes para o estabelecimento desse sentido. A linguagem não traz os objetos do mundo para dentro do discurso e sim trata esses objetos de diversas maneiras, a fim de atender a diversos propósitos comunicativos [...]

(KOCH & CUNHA-LIMA, 2005, p.295. Do cognitivismo ao Sociocognitivismo. *In*: MUSSALIM, F; BENTES, A.C. **Introdução à Linguística- Fundamentos epistemológicos**)



(Facebook: **Pós-graduação da Depressão**)

RESUMO

Neste estudo, voltamo-nos aos comentários publicados, via *Facebook*, decorrentes das postagens de memes em diferentes *fanpages*, com o objetivo de investigar como é construído o processo de compreensão textual apontando para a possibilidade de emersão(-ões) de sentido(s), considerando-se, para tanto, que os humanos, seres de linguagem simbolicamente estruturada, produzem significação(-ões) nas práticas comunicativas em que estão engajados. As postagens e comentários publicados refletem valorações, em adesões ou contra-adesões, observadas desde as categorias ou macroesferas temáticas que proporcionam a emergência dos próprios memes, transitando fluidamente por questões sociais, econômicas, futebol, uso de redes sociais, etc., como também através das estratégias lançadas e validadas pelos próprios interlocutores, desembocando em produções e possibilidades de sentido(s); sabe-se, todavia, que o(s) sentido(s) coadunam-se a práticas sociais situadas e não refletem de maneira direta a ordem do mundo, mas é a linguagem que medeia as relações com os outros, as experiências e o que é tomado enquanto realidade e verdade. Tendo em vista essas vinculações e o que nelas estão implicados, consideramos importante analisar como os comentários evocam práticas comunicativas e, possivelmente, as coletivizações de experiências. Para tanto, estruturamos o *corpus* deste trabalho através de comentários postados, no período de junho de 2014 a junho de 2015, a partir de 13 (treze) *fanpages*, mas incidindo analiticamente sobre 5 (cinco) exemplares de memes e 26 (vinte e seis) comentários. Partimos das bases teóricas que refletem uma perspectiva sociocognitivista dos gêneros, desenvolvida em Berkenkotter & Huckin (1995), Marcuschi (2002, 2008) e Miller (1994, 2012), apoiando-nos, contudo, para os estudos propriamente dos memes em Dawkins ([1976] 2001), Blackmore (1999), Heylighen (1993), Lima-Neto (2014) e Chagas (2015); acerca dos comentários, alinhamo-nos a Cunha (2011), Borges (2012) e Costa (2015), e recorremos a Recuero (2005; 2009) a fim de uma melhor noção e articulação sobre os *sites* de rede social, como o *Facebook* (FB). Para o empreendimento analítico e as reflexões que abarcam elaboração, processamentos, estratégias, mas também compreensão leitora, fez-se importante revistar Marcuschi (2002, 2008, 2011), Koch (2009a, 2009b), Solé (1998; 2009), Leffa (1996), Coscarelli & Novais (2010) e Kleiman (2013), e considerar que essas instâncias coordenam-se a saberes de diversas ordens, a conhecimentos textuais, aspectos cognitivos e ao próprio contexto, encontrando em Tomasello (2003), Bazerman (2011), Marcuschi (2002; 2008), Ferrari (2003) e Van Dijk (2012, 2013a, 2013b, 2015) as orientações e elaborações-base. Ao identificar estratégias linguístico-cognitivo-discursivas nos comentários, verificamos que o acesso aos sentidos se constituem como um processo a partir das ações comunicativas dinâmicas estabelecidas nas comunidades, onde estão refletidos o olhar compartilhado e a diversidade de diretrizes, que auxiliam a construir existências e verdades, sendo a linguagem o *locus* e a via por onde toda a ação coordenada entre os interlocutores acontece. Entendemos, nessas configurações, que os memes fornecem orientação aos atores de linguagem, auxiliando-os na construção de imagens e representações, quando os interlocutores ratificam ou negam construções grupais via comentários, em decorrência das suas escolhas e organizações textuais, considerando, para tanto, os repertórios similares, em (re)construções e (re)modelações, na emersão de sentido(s).

Palavras-chave: comentários; compreensão; memes; sentido(s); sociocognição.

RESÚMEN

En este estudio, nos volvemos a los comentarios publicados, a través de Facebook, derivada de la publicación de memes en diferentes *fanpages*, con el objetivo de investigar cómo se construye el proceso de comprensión textual, direccionando para la posibilidad de emersión(es) de sentido(s), teniendo en cuenta, por lo tanto, que el ser humano, seres de lenguaje simbólicamente estructurado producen sentido(s) en las prácticas comunicativas que participan. Entradas y comentarios publicados reflejan las valoraciones de adherencias o contra- adherencias, observados desde las categorías o macro esferas temáticas con la aparición de los propios memes, que se mueven de forma fluida por factores sociales, económicos, el fútbol, el uso de las redes sociales, etc., así como lanzados a través de estrategias y validadas por las propias partes, terminando en la producción y las posibilidades de sentido(s); se sabe, sin embargo, que lo(s) sentido(s) emergen de acuerdo con las prácticas sociales situadas y no reflejan de manera directa el orden del mundo, pero es el lenguaje que media las relaciones con los demás, las experiencias y lo se toma como realidad y la verdad. Teniendo en cuenta estos vínculos y a que ellas se refieren, consideramos que es importante analizar cómo los comentarios evocan prácticas comunicativas y, posiblemente, las colectivizaciones de experiencias. Por lo tanto, hemos estructurado el *corpus* de este trabajo a través de los comentarios publicados en el período comprendido entre junio 2014 a junio 2015, de trece (13) *fanpages*, pero con enfoque analítico en cinco (5) publicaciones de memes y 26 (veintiséis) comentarios. Nos pusimos a lado de las bases teóricas que reflejan una perspectiva socio cognitivista de géneros desarrollados en Berkenkotter y Huckin (1995), Marcuschi (2002, 2008) y Miller (1994, 2012), apoyándonos, sin embargo, para estudiar adecuadamente de los memes en Dawkins ([1976] 2001), Blackmore (1999), Heylighen (1993), Lima-Neto (2014) y Chagas (2015); por los comentarios, nos unimos a Cunha (2011), Borges (2012) y Costa (2015), y buscamos a Recuero (2005; 2009) para un mejor conocimiento y trabajo sobre sitios de redes sociales como el Facebook (FB). Para el desarrollo de análisis y las reflexiones que incluyen la preparación, procesamiento, estrategias, sino también la comprensión de la lectura, se hizo importante recorrer a Marcuschi (2002, 2008, 2011), Koch (2009a, 2009b), Solé (1998, 2009), Leffa (1996), Coscarelli y Novais (2010) y Kleiman (2013), y considerar que estos organismos se coordinan para el conocimiento de las diferentes órdenes, al conocimiento textual, aspectos cognitivos y el contexto adecuado, teniendo en Tomasello (2003), Bazerman (2011) Marcuschi (2002; 2008), Ferrari (2003) y Van Dijk (2012, 2013a, 2013b, 2015) orientaciones y elaboraciones importantes. Mediante la identificación de estrategias lingüísticas y cognitivo-discursivas en los comentarios, tomamos nota de que el acceso a los sentidos están constituidos como un proceso de las acciones comunicativas dinámicas establecidas en las comunidades donde se reflejan la mirada compartida y la diversidad de orientaciones, que ayudan a construir acciones y verdades, y el lenguaje es el lugar y el camino donde toda la acción coordinada entre las partes ocurre. Comprehendemos, por lo tanto, que los memes fornecen orientaciones a los actores del lenguaje, ayudando-les en la construcción de imágenes y representaciones, cuando los interlocutores confirman o niegan construcciones conjuntas vía comentarios, en función de sus escojas e organizaciones textuales, considerando, por lo tanto, los repertorios similares, en (re)construcciones e (re)modelaciones en la emersión de sentido(s).

Palabras clave: comentarios; comprensión; memes; sentido(s); cognición social.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 GÊNEROS TEXTUAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	18
1.1 GÊNEROS TEXTUAIS SOB O OLHAR DA SOCIOCOGNIÇÃO.....	18
1.2 MEME COMO GÊNERO TEXTUAL: CONSIDERAÇÕES, ASPECTOS E DINAMICIDADE	33
1.3 COMENTÁRIOS DAS POSTAGENS DE MEMES NO FACEBOOK: CONFIGURAÇÕES INTERATIVAS.....	44
2 DESCORTINANDO SENTIDO(S): A COMPREENSÃO TEXTUAL	54
2.1 NOÇÕES DE COMPREENSÃO - A EMERSSÃO DE SENTIDO(S)	54
2.2 A COMPREENSÃO TEXTUAL NA PERSPECTIVA DA SOCIOCOGNIÇÃO.....	63
2.2.1 <i>Conhecimentos prévios ou conhecimentos de mundo como base para construções interpretativas.....</i>	69
2.2.2 <i>Conhecimentos textuais - gatilho no trato com a diversidade interpretativa dos textos.....</i>	71
2.2.3 <i>Os processos inferenciais- alicerce na produção de novos sentidos</i>	74
2.3 O VALOR DO CONTEXTO E DOS MODELOS MENTAIS COMO BASE PARA A COMPREENSÃO.....	78
3 (RE)SIGNIFICANDO MEMES: OS COMENTÁRIOS NO FACEBOOK	89
3.1 ANÁLISE DOS DADOS	89
3.2 COMENTÁRIOS VALORATIVOS.....	95
3.2.1 <i>Estrutura nominal composta por um item lexical / estrutura nominal lexical: Substantivo adjetivo ou advérbio</i>	96
3.2.2 <i>Estrutura sintagmática formada por verbo ser + grupo nominal com ou sem modificador</i>	107
3.2.3 <i>Estrutura sintagmática com índices argumentativos/proposição</i>	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	127
ANEXO -corpus restrito da pesquisa.....	134

LISTA DE FIGURAS E QUADRO

Figura 1- Exemplo 1 de meme	38
Figura 2- Exemplo 2 de meme (twittado)	41
Figura 3- Exemplo 2 de meme twittado e compartilhado no FB.....	41
Figura 4- Exemplo 3 de meme	43
Figura 5- Exemplo 4 de meme/marcos temporais	48
Figura 6-Exemplo 5 de meme /meme-mote e comentários no FB	51
Figura 7- Exemplo 6 de meme	65
Figura 8- Trajeto investigativo	94
Figura 9- Exemplo 7 de meme :Minions Sinceros (gasolina)	97
Figura 10- Exemplo 8 de meme: Félix Bicha Má (mulher)	103
Figura 11- Exemplo 9 de meme : Chapolin Sincero (WhatsApp)	110
Figura 12- Quadro- <i>continuum</i>	115
Figura 13- Exemplo 10 de meme : Minions Sinceros (WhatsApp).....	116
Figura 14- Exemplo 11 de meme: Futebol da Depressão (Copa 2014).....	120
Quadro 1- Configurações dos memes	37
Quadro 2- Construções inferenciais.....	76
Quadro 3- Sistema de memória(s)	79
Quadro 4- <i>Fanpages</i> selecionadas (<i>corpus</i> restrito)	93
Quadro 5- Principais comentários (com filtro)	93

LISTA DOS CONJUNTOS DE COMENTÁRIOS

Conjunto de comentários 1 - Exemplo 1 de comentários	99
Conjunto de comentários 2 - Exemplo 2 de comentários	101
Conjunto de comentários 3 - Exemplo 3 de comentários	105
Conjunto de comentários 4 - Exemplo 4 de comentários	107
Conjunto de comentários 5 - Exemplo 5 de comentários	109
Conjunto de comentários 6 - Exemplo 6 de comentários	112
Conjunto de comentários 7 - Exemplo 7 de comentários	114
Conjunto de comentários 8 - Exemplo 8 de comentários	118
Conjunto de comentários 9 - Exemplo 9 de comentários	121

INTRODUÇÃO

Compreender como se dá o processo de construção de sentido(s), recorrendo a ambientes mediados por computador, configura-se como um deslocamento na busca por práticas de linguagem efetivadas e articuladas às dinâmicas interlocutivas, que são negociadas, representadas e produzidas intersubjetivamente, apontando para a construção das mais diversas experiências, como as realizadas, por exemplo, no site de rede social *Facebook*. Para isso, os interlocutores consideram suas necessidades, objetivos e intenções a cada ponto e momento interativo, a partir do que dispõem como bases e orientadores das práticas linguageiras a serem ali adotadas e desenvolvidas.

O *Facebook*, assim como outros espaços interativos, suscita trocas e criações através de diferentes recursos, interferindo, direta ou indiretamente, na maneira como os usuários validam e valoram suas manifestações e criam espaços dos quais se apropriam em um ambiente amplamente dinamizado.

Para atuarmos e enriquecermos os usos nos mais diversos espaços, recorreremos aos gêneros textuais, configurados dentro de uma multidimensionalidade “como um conceito dinâmico marcado pela estabilidade e pela mudança; funcionando como uma forma de cognição situada [...]” (BAWARSHI & REIFF, 2013, p. 108), aos quais se credita uma agência que interconecta o ser e o reconhecível, nas comunidades discursivas, em atividade de interdependência, e em um trato com realidades que não são dadas *a priori*, onde a relação estabelecida entre palavra e mundo se dá intermediada pela cognição (FERRARI, 2011).

Compreende-se que os sujeitos atuantes configuram e constroem mundos, bem como os objetos discursivos a partir da articulação conjugada entre subjetividade e objetividade, organismo e meio, individual e social, assim como em orientações e alinhamentos que têm como base a própria coletividade e suas práticas interativas, posto que “a forma como conhecemos e a forma como agimos estão mutuamente relacionadas” (BAWARSHI & REIFF, p. 105).

Admitimos, em nosso percurso, enquanto seres cognitivos situados, comportamentos e convenções compartilhados, negociações, bagagens experienciais e um lastro envolvimento sociocultural, que possibilita, ao mesmo tempo, gerar e indicar os fins sociais sobre os quais

se atua; perpassados somos por um “estado de conhecimento, social, emocional, etc” (KOCH, 2008, p.20), que conflui na geração de equilíbrios, arranjos e estabilidades.

Considera-se de grande valia o que Marcuschi (2011) aponta no trato com o gêneros, esses constructos dinâmicos que, embora estabilizados, arrendam flexibilidade, e, sob sua ótica, admite a possibilidade de adaptação, renovo e multiplicação, em uma concretização que requer linguagem, interlocutores, uso, reconhecimento e evocação de sentido(s), sabendo-se, para tanto, que somos possuidores de representações mentais e acionamos conhecimentos relevantes a cada “nova” situação, em uma busca interpretativa das materialidades linguísticas com as quais nos defrontamos (VAN DIJK, 1994; 2012; 2013).

Ressaltamos, contudo, que os textos e suas configurações (oral ou escrita) fornecem pistas e deixam rastros; exercemos, enquanto participantes, papel fundamental em uma atividade de profunda complexidade no trato com “realidades discursivas”, pois lemos nas “entrelinhas” e empenhamo-nos, como (re)construtores, na mobilização de saberes e conhecimentos, buscando relacioná-los e articulá-los a esquemas de experiências outras e várias, a partir da socialização e da cultura.

Explorando, ainda, os aspectos que envolvem a própria cultura, suas dinâmicas, construções ativas realizadas, de forma a integrar naturezas plurais e próprias que compõem os seres, a linguagem “incorpora o outro e as circunstâncias sociais como seus elementos constitutivos” (MORATO, 2007, p.340), para uma valoração e significação em movimentos cooperativos.

Ao se considerar as necessidades de realização solicitadas pelas práticas de linguagem, bem como as mobilizações empregadas pelos agentes, dadas as intenções, objetivos e ações, considera-se a diversidade de usos, assim como recorrência aos gêneros, a fim de que propósitos comunicativos de um grupo em determinadas esferas de comunicação possam ser atendidos, em caminhos perpassados por representações e significações.

Tomando por base esses funcionamentos e caracterizações, empreender-se-á à uma abordagem examinativa que considera a emergência de um gênero, o meme, estando este inerentemente relacionado às ações linguageiras, às práticas grupais e às elaborações comunicativas, que ganharam novas formas ou dimensionamentos com o advento dos usos

tecnológicos, e, neste caso, provenientes da internet, estabelecendo relações semióticas diferentes, combinadas e coocorrentes.

Os memes difundidos na internet encontram, como ratifica Heylighen (1994), um ambiente fecundo para a propagação, e são utilizados, como afirma Dawkins (2001), em esferas diversificadas, apresentando configurações distintas e, conseqüentemente, provocando nos interlocutores posturas específicas, tanto quanto à recepção como também às expectativas, diferenciadas, estando articulados e orientados, como aponta Fontanella (2009 *apud* CAPARROZ, 2013, p.7), a partir de um “[...] repertório conhecido por um grupo ou comunidade, como eventos com alguma repercussão de produtos da indústria cultural”.

Sobre tais constructos incidirão, inevitavelmente, posturas interlocutivas várias que são, no entanto, passíveis de verificação e observação através dos comentários enquanto espaço aberto às discussões, expressão de opinião, em trocas contínuas, funcionando como dados constitutivos entre o trânsito das esferas públicas e privadas (BORGES, 2012), razão pela qual julgamos interessante válido proceder a uma investigação, pois fornecem subsídios e/ou indicativos de compreensões e (re)construção(-ões) de significados.

A pesquisa desenvolvida, a partir do exposto, tem como objetivo geral investigar como é construído o processo de compreensão textual do gênero meme, recorrendo, para tanto, aos comentários dos memes no *Facebook*; considerando que os humanos, seres de linguagem simbolicamente estruturada, organizam-se linguisticamente, a fim de produzir sentido(s) nas práticas comunicativas em que se engajam, tornam-se os comentários uma via ou prática onde podem estar sinalizadas coletivizações de experiências, bem como atitudes valorativas do agentes, em movimentos de integração, em realidades sociocognitivamente fundamentadas, a partir do que, especificamente, buscamos:

- ✓ Localizar nos *posts* (comentários) elementos que possam comprovar a adesão do público-leitor como ferramenta do princípio de “colaboração”;
- ✓ Compreender como o *Facebook*, mediante sua natureza e configuração, funciona como um suporte na produção de sentido(s) do gênero em questão- o meme;
- ✓ Pontuar algumas das estratégias lançadas pelos interlocutores nos seus comentários para apreensão do(s) sentido(s) que o gênero meme pode suscitar.

Como aporte teórico, considerando o que compete às investigações, recorremos à teoria sociocognitiva dos gêneros, amparando-nos em Berkenkotter e Huckin (1995); Marcuschi (2002; 2008) e Miller (2012); quanto ao trato com as questões que envolvem propriamente os memes, ligamo-nos às bases de estudo desenvolvidas por Dawkins ([1976] 2001), Blackmore (1999), Heylighen (1993), Lima-Neto (2014) e Chagas (2015); para as configurações acerca dos comentários, valemo-nos de Cunha (2011), Borges (2012) e Costa (2015); e ao explorar os *sites* de rede social, como o *Facebook* (FB), respaldamo-nos em Recuero (2005;2009).

Por conjugar-se à linha e aos objetivos delineados, apresenta-se como fundamental, no que diz respeito à construção de sentidos, os estudos desenvolvidos por Marcuschi (2002; 2008) e Koch (2009a; 2009b); já ao que se refere à leitura, processamentos e estratégias leitoras, recorre-se à Koch (2009a; 2009b); Marcuschi (2008; 2011); Solé (1998; 2009); Leffa (1996); Coscarelli & Novais (2010); Koch & Cunha-Lima (2005) e Kleiman (2013); e ao que compete a saberes humanos, conhecimentos textuais, sociocognição e contexto, bem com suas associações, assentamo-nos, fundamentalmente, nas teorias de Tomasello (2003); Bazerman (2011a; 2001b); Marcuschi (2002; 2008); Koch & Cunha-Lima (2005); Ferrari (2003) e Van Dijk (2012, 2013a; 2013b; 2015).

O *corpus* ampliado desta pesquisa é composto por 28 (vinte oito) memes observados a partir de material recorrente no *site* de rede social *Facebook* (FB), no período de junho/2014 a junho/2015, período destinado à coleta de dados, a partir de 13 (treze) *fanpages*¹, considerando, assim, a diversidade de construções exploradas e as temáticas abordadas por elas, sendo os memes selecionados, em virtude daquilo que os torna repetitivos e recorrentes, observados dentro das seguintes configurações: **foto + legenda ou imagens/fotos com ou sem duplicação de quadros + legenda**; incidimos analiticamente, para a construção do

¹ “Artes Depressão” - <https://www.facebook.com/ArtesDepressao/?fref=ts>

“ Pós-graduação da Depressão” - <https://www.facebook.com/brasildefato/?fref=ts>

“ Futebol da Depressão” - <https://www.facebook.com/FuteDaDepressao/?fref=ts>

“ Humor engraçado” - <https://www.facebook.com/FuteDaDepressao/?fref=ts>

“Seu post tá muito ofensivo” - <https://www.facebook.com/seuposttamuitoofensivo>

“ Mundo Memes” - <https://www.facebook.com/MundoMemesOficial/?fref=ts>

“ Memetizando” - <https://www.facebook.com/Memetizando/?fref=ts>

“ Brasil de Fato” - <https://www.facebook.com/brasildefato/?fref=ts>

“ Chapolin Sincero” - <https://www.facebook.com/ChapolinSincero/?fref=ts>

“ Disney Irônica” - <https://www.facebook.com/disneyironica/?fref=ts>

“ Minions Sinceros” - <https://www.facebook.com/oficialminionssinceros/?ref=ts&fref=ts>

“ Humordido” - <https://www.facebook.com/Humordido/?ref=ts&fref=ts>

“ Félix Bicha Má” - <https://www.facebook.com/FelixBichaMa/?ref=ts&fref=ts>

corpus restrito, sobre 5 (cinco) exemplares de memes, a partir de 4 (quatro) *fanpages*, e os reconhecemos como pertencentes a 4 (quatro) macroesferas temáticas: *economia, futebol, representação da mulher na sociedade e uso de sites de redes sociais*, considerando, para este momento, 26 (vinte e seis) dos comentários organizados em torno de segmentos/porções textuais; não nos detivemos aos configurados, exclusivamente, em links, propagandas, *emojis* ou que recorressem, unicamente, a outros memes com função, possivelmente atribuída por alguns dos interlocutores, de comentário, como poderá ser constatado no Capítulo 3.

Considerando os dados e as características da pesquisa, tem-se um estudo de viés qualitativo, não só em virtude da escolha do próprio material de análise, mas também em como as relações intercomunicativas são percebidas e ganham sentido(s) pelo olhar do analista, galgando fundamento no que Oliveira (2010, p.22) teoriza ao expor que “fazer pesquisa qualitativa é analisar e interpretar dados, refletir e explorar o que eles podem propiciar (...)”, o que permite uma maior aproximação do pesquisador quanto a seus entendimentos, reflexões e bagagem na investigação realizada e àquilo que os participantes, nessas redes intercomunicativas, fazem quando apontam, ainda que de maneira implicada, parcelas de sua atividade compreensiva e/ou suas (re)construções no que é ou mostra-se discursivamente expresso.

Esta pesquisa direciona-se também como pesquisa de cunho interpretativo, pois visa apontar e identificar fatores que contribuam para a ocorrência de um determinado fator que, aqui, circunscreve as possibilidades de compreensão, havendo, pois, apoio em trabalhos desenvolvidos anteriormente, o que configura o caráter bibliográfico do trabalho.

Em um primeiro momento procedemos à observação do *site* de rede social *Facebook* e de *fanpages* que possivelmente contribuiriam, dadas as suas características, para a publicação de memes. Na sequência, selecionamos os memes considerando a variabilidade de abordagens ou o núcleo temático, bem como a sua popularidade, tendo em vista a quantidade de curtidas e comentários presentes em tais páginas, o que pôde ajudar a perceber o aspecto socio-histórico-cultural e as configurações interlocutivas que apontam para um mundo onde a linguagem e sociedade estão intrinsecamente articuladas.

As escolhas linguísticas realizadas pelos agentes, nos comentários publicados, apontam inclinações, percepções, valorações e validações dos memes postados, a partir de

configurações que arranjam-se em torno de: I) *estrutura nominal composta por um item lexical: substantivo, adjetivo ou advérbio*; II) *estrutura sintagmática formada por verbo ser + grupo nominal com ou sem modificador* e III) *estrutura sintagmática com índices argumentativos/proposição*.

Busca-se, a partir de tais enquadres categóricos, sinalizar como as compreensões tornam-se manifestas, considerando o que é veiculado pelos comentários e o que está sendo revelado interpretativamente em aspectos significativos, coordenando-os ao olhar do analista, em funcionamentos e práticas comunicativas propiciadas pelo espaço destinado no *site*.

É importante ressaltar que o nosso estudo está dividido em três capítulos constituídos da seguinte maneira:

CAPÍTULO I: explora as apreciações acerca da discussão teórica sobre gêneros textuais, no viés sociocognitivista, configurando os memes enquanto realidade comunicativa, seus aspectos e dinamicidades, além de abordar os comentários no *Facebook*, suas configurações e o caráter interativo;

CAPÍTULO II: abrange as noções de compreensão, emersão de sentido(s), no âmbito do aparato teórico apontado pela Linguística Textual em associação à sociocognição, que estabelecem as bases para o entendimento da leitura a partir de construções interpretativas, do conhecimento enquanto gatilho para as (re)significações, dos processos inferenciais e a articulação ao contexto e modelos mentais para que a(s) compreensão(-ões) dos textos seja(m) efetivada(s);

CAPÍTULO III: está relacionado à análise do *corpus* selecionado, ressaltando os aspectos linguístico-discursivos que orientem as possibilidades de compreensão dentro dos quadros em que os comentários emergem.

CAPÍTULO 1

GÊNEROS TEXTUAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

“ [...] a circulação dos gêneros textuais na sociedade é fascinante, pois mostra como a própria sociedade se organiza em todos os seus aspectos. E os gêneros são as manifestações mais visíveis desse funcionamento que eles ajudam a constituir, envolvendo crucialmente a linguagem, as atividades enunciativas, as intenções e outros aspectos”.

(Marcuschi, 2005)

1.1 Gêneros textuais sob o olhar da sociocognição

A percepção e a construção do que envolve o gênero textual - constituição, organização e apropriação pelos grupos sociais - nos campos de estudo das diversas áreas do saber, como Literatura, Retórica, Análise do Discurso, Ciências Cognitivas, inclusive, os estudos desenvolvidos pela Linguística (MARCUSCHI, 2008), situam-se em enquadres teóricos diferentes no que diz respeito à pesquisa do gênero enquanto objeto de investigação; encontramos, assim, multiplicidades de abordagens, situadas desde um viés formal, como pareciam se fundamentar os estudos desenvolvidos aos gêneros literários, entre a Idade Média e a Modernidade, presos a arranjos, de maneira sistemática, ligando-se inclusive à retórica e uma ampla tradição aristotélica, até um outro, que se debruça sobre as particularidades do uso e apreensão por parte daqueles que se encontram culturalmente imersos em práticas comunicativas e, por isso, interativas, orientando-se de uma perspectiva que vai de uma abordagem sócio-histórica e dialógica, àquela que se constitui em torno da sociorretórica/ sócio-histórica e cultural (MARCUSCHI, 2008).

É importante, considerando as configurações e os caminhos constitutivos do estudo dos gêneros, eleger ou trazer à materialidade, aquilo que, para nós, reflete uma concepção valiosa de língua, pois a partir de tal reflexão, os desmembramentos e as escolhas tornam-se fundamentadas e orientadas. Consideramos, para tanto, a língua, não como um sistema constituído único e exclusivamente de regras gramaticais, homogeneamente estruturado ou ainda como a representação do pensamento, pois tais apreensões desconsideram a perspectiva dos sujeitos usuários da língua e/ou vislumbram sujeitos passivos, e que, por vezes, teriam a

sua compreensão atrelada à percepção ou potencial reconstrução daquilo que se passa na consciência do enunciador-interlocutor (KOCH, 2009a; MARCUSCHI, 2008).

A concepção de língua adotada, neste trabalho, faz refletir e articular à uma percepção de gênero revestida de agentividade, multiplicidade e orientações comunicativas, em um funcionamento, organização e configurações atrelados ao socialmente assimilado e difundido, em razão à consideração da existência de uma cognição situada, que abarca o plano social e as relações intersubjetivas.

Parte-se, para tanto, do reconhecimento das ideias desenvolvidas por Bakhtin, no século XX; ainda que ele não seja a base teórica adotada, fornece-nos princípios e ideias, postos de maneira elementar, que darão subsídios para uma melhor assimilação daquilo que os gênero(s), nos estudos que contemplam uma perspectiva sociocognitiva, significam.

De acordo com o estudioso, a comunicação humana é concretizada através de “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN [1979] 1997, p. 280), que diretamente ligados a atividades interlocutivas múltiplas apresentam-se diversos, considerando, para tanto, as rotinas linguisticamente instituídas e identificáveis.

Ao reportarmo-nos ao aspecto que envolve a “estabilidade enunciativa”, há um direcionamento que ressalta uma multiplicidade de esferas que comportam as mais variadas atividades de linguagem humana, somando-se, para tanto, a possibilidade de em tais instâncias emergir, mediante um repertório cultural, histórico, linguístico e interlocutivo, bem como das posturas linguisticamente instituídas, uma pluralidade finalisticamente orientada de gêneros, revestindo-os de inesgotáveis configurações e considerando que as escolhas são determinadas em “função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc” (*ibidem*, p.301), sem limitar-se, assim, a homogeneidades e estagnações; os gêneros integram, como salienta Marcuschi (2008, p.149) “[...] a estrutura comunicativa da nossa sociedade”, auxiliando tanto na organização das pessoas, enquanto sujeitos de linguagem, como também nas atividades que os atores comunicativos efetuam em rotinas interativas situadas.

Tais rotinas, no entanto, são percebidas e emergem com vistas às interpretações de contextos² ali implicados. Há, assim, um plano social, cultural e cognitivo nessas práticas, em que o simbolicamente construído pode ser acessado e vai ganhando contornos. Não há a anulação daquilo que envolve o caráter biológico (processos elementares), pois há individualidades biologicamente herdadas pela espécie, mas as potencialidades estão justamente no arranjo do orgânico (biológico), do sociocultural e do cognitivo, envolvendo sujeitos ativos e textualizadores do dizer.

Nessa configuração, os gêneros não são entendidos enquanto simples ferramentas que apenas transformariam uma “realidade externa”, como uma espécie de objeto situado fora das construções e condições humanas e do qual se faça uso no desejo de “manipular” uma circunstância. Isto é, não se constituem como uma espécie de utensílio que tão logo seja utilizado em um dado meio é abandonado, mas sim é um artefato constituído do/no sujeito de linguagem.

A partir dos estudos desenvolvidos por Bakhtin ([1979] 1997), é possível atentar para uma consciência teórica que se direciona às ações humanas linguageiras, considerando, para tanto, o dizer e suas práticas manifestados e (re)atualizados em razão às respostas dadas pelos interlocutores nos contextos sociais de sua cultura, mediante o uso efetivo da língua, a partir de um sujeito que se constrói em usos concretos, intervindo nas realidades, mediante escolhas adequadamente coordenadas às objetividades sócio-históricas e, assim, reagindo a essas demandas.

O que Bakhtin permite antever é que as práticas de linguagem acabam por não destituir o homem de um universo que emerge pelas relações intercambiadas, sem a existência de uma espécie de hiato, de uma separação, entre aquilo que constitui individualidades, pensamentos e saberes refletidos na humanidade e nas suas produções, estabelecendo, portanto, uma espécie de diálogo entre sujeito e mundo, nas trocas efetivas reais, a partir de um homem que se funda na globalidade, estruturado sociocognitivamente, na medida em que o lugar do simbólico emerge interativamente, repercutindo o inter e intrasubjetivo, e levando, posteriormente, a um (re)direcionamento ou um desmembramento teórico, nos estudos

² A noção de contexto será abordada posteriormente. Salientamos, no entanto, que o contexto, na perspectiva a ser adotada, é construído a partir das relações sociointerativas em que os atores sociais, mediante a situação de interlocução, tomam dados elementos como importantes, no intuito de produzir e compreender os discursos (VAN DIJK, 2012).

referentes à linguagem, que auxiliaram a enxergar a atividade comunicativa humana não realizada via palavras, frases, períodos desconexos ou proferidos isoladamente, mas sim por um viés que concebe mundo(s) organizado(s) textualmente, em razão da intercomunicação entre agentes linguísticos, onde a palavra, o dito, o enunciado indicam de maneira mais concreta, sensível e materialmente “[...] as transformações sociais”³, refletindo em práticas comunicativas, que são situadas; sai-se, portanto, de um quadro envolto em abstrações e passa-se a valorar aspectos de cunho sócio-histórico-interativo.

Ao tomarmos a Linguística de Texto (KOCH, 2009b; FÁVERO & KOCH, 2012) como referência, é possível considerar que os estudos e esforços teóricos estiveram compreendidos desde uma investigação que assumiu como primazia as análises transfrásticas, por considerar o texto como local da comunicação e as frases insuficientes para a compreensão no âmbito das trocas interlocutivas, bem como no amparo aos aspectos de ordem sintático-semânticos, para posteriormente difundir e ancorar-se em uma percepção de organização, produção e papel social do texto, que sinalizem a importância do contexto e dos elementos contextuais em busca daquilo que envolve construção e compreensão dos conhecimentos, saberes e realidades humanas que emergem textualmente, incorporando, para tanto, fatores de ordem pragmática e cognitiva.

Considerando as novas acepções e a imersão em realidades históricas e sociais, ainda que incompletas e com fronteiras fluídas, o texto e a sua efetivação configurar-se-iam, de acordo com Koch (2008, p. 26), como “resultado da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, de conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza”, tornando-se os papéis assumidos pelos sujeitos e a sua condição humana situados necessários para que haja uma produção orientada no curso das comunidades de linguagem, a fim de que determinados objetivos comunicativos possam ser cumpridos em dinâmicas (re)atualizáveis.

Compreende-se, portanto, a existência e possibilidade de atividades interacionais através dos textos, em uma configuração que os observa enquanto processo e não produto, estando permeado por fatores de ordem cognitiva, social e linguística, nas diferentes práticas e ações interativas, comportando e refletindo dimensões mais abrangentes na constituição do universo interativo humano, acionando modelos que organizam, orientam e facilitam as atividades de

³ Cf. “Marxismo e filosofia da linguagem” (Bakhtin, 2002)

linguagem, mediante os gêneros, reverberando o aspecto situado da condição humana, em um reflexo da incidência fundamentada no aspecto sociocultural; o que, possivelmente, sedimenta tais diretrizes é que “não há possibilidades integrais de pensamentos ou domínios cognitivos fora da linguagem, nem possibilidades de linguagem fora de processos interativos humanos” (KOCH, 2009b, p.32), tampouco uma constituição de práticas que não se deem mediante gêneros (BAZERMAN, 2011a).

Certamente, entender os textos enquanto unidade comunicativa humana, concretizados via gêneros, assumidos como forma de “realizar linguisticamente objetivos específicos em situações particulares” (MARCUSCHI, 2008, p. 154), suas efetivações e movimentos para além do puramente linguístico, abriu um caminho que perpassa desde a compreensão das representações sociais até aquilo que comporta aspectos sociocognitivos, possibilitando a esses constructos funcionarem como “[...] materialidade textual a uma determinada interação humana recorrente em um dado tempo e espaço [...]” (MEURER & MOTTA-ROTH, 2002, p.11), instaurando “rotinas” comunicativas em ações discursivas.

Pode-se compreender, até aqui, que as produções humanas do sujeito constituído na e pela linguagem realizam-se textualmente e ganham existência através dos gêneros, que ajudam a estruturar a vida social, e organizar as “realidades”, as representações, os conhecimentos entre os homens e, como Marcuschi (2008) sinaliza, favorecem e estabilizam as atividades desempenhadas pelos agentes comunicativos, instituindo certos padrões e modelos no uso da linguagem, a partir do que é tomado como típico e recorrente nos eventos comunicativos.

Os humanos desenvolvem-se, assim, em meio a práticas enunciativas e aprendem, desde cedo, a utilizar-se de uma linguagem dotada de propósitos e a também reconhecer os outros como seres intencionais (TOMASELLO, 2003), ainda que não tenham claramente consciência de como isso se processa; os aspectos voltados à intencionalidade ou aos estados intencionais configuram-se dentro de um enquadre que posiciona sujeitos em relação aos efeitos/resultados do que é, por eles, objetivado, daquilo que é pretendido entre os interlocutores em suas ações de linguagem, isto é, nas interações por eles travadas, que desembocam na compreensão das intenções percebidas como adequadas em certos contextos sociais, por seus coespecíficos, posto que compartilham de certos estados mentais.

Nossas construções linguísticas fazem, portanto, parte de enquadres comunicativos elaborados societariamente e que não resultam de mera percepção, não são efeito dos órgãos

dos sentidos, mas sim edificadas cooperativamente, a partir de interpretações que ganham significações através dos interlocutores que desses espaços sociais fazem parte e nele atuam em parceria.

Para que seja possível atuar nas realidades em que estamos imersos, os gêneros configuram-se como orientadores não só do modo de agir, mas refletem as práticas de linguagem revestidas de intersubjetividades, bem como formas de ser e conhecer, encontrando amparo na recorrência, na compreensão em como os eventos são socioculturalmente ambientados e apresentam um grau de estabilidade suficientemente reconhecíveis, auxiliando de maneira estratégica nas dinâmicas e coerências comunicativas (BAWARSHI & REIFF, 2013).

Compreende-se que, embora haja aberturas para variáveis individuais e sensibilidade desses constructos para tais acomodações, os gêneros não pertencem a um indivíduo, mas a uma comunidade de discurso, que através da linguagem elabora versões do mundo, como salienta Rodrigues-Leite (2004); conceptualiza-se o mundo em articulação a uma cognição humana privilegiada, dadas as suas possibilidades e processamentos, estabelecendo pontes com a ordem social, cultural e histórica provedora de significações da(s) realidade(s) via intersubjetividades.

Há uma compreensão do papel indispensável desempenhado pela coletividade, posto que não existe transparência nem relação direta e refletidamente estabelecida entre os homens e as coisas mundanas, o que implica o modo como são categorizados distintamente os objetos que fazem parte da(s) realidade(s), rotinas e práticas comunicativas, como é, por exemplo, o caso dos gêneros, sendo os sentidos negociados e produzidos, como afirma Acosta Pereira (2007, p.1708), pelas “[...] pessoas, que como membros de grupos sociais, se engajam em eventos comunicativos por intermédio da linguagem”.

Nos gêneros reconhecemos, enquanto usuários da língua, seu papel fundamental e característico em papel de “mantenedor de equilíbrios”, se o entendemos como orientadores das percepções/construções do socialmente organizadas nas produções textuais-discursivas, já que em decorrência das condições e usos, também se transformam e possibilitam que conhecimentos sejam oportunizados, mas também aspectos que envolvem: quando, como, quanto, em uma dinâmica que valida, de maneira estrategicamente orientada pela comunidade

na qual perpassam, singularidades e enquadres, no que concerne às relações, bem como ações, estrategicamente orientado e ligados, uma vez que o conhecimento articula-se à cognição.

Torna-se mais enriquecedor pensar essas construções humanas, e especificamente, as elaborações textuais-discursivas, em uma articulação entre instâncias biológicas e sociais, na existência de uma dinâmica favorável ao (re)conhecimento de um mundo dotado de certa estabilidade, onde interlocutores possam atuar conjuntamente, envolvendo-se não na objetividade em si mesma, mas “regidos” sob seus efeitos. Tais construções estariam embebidas do externo e interno, que não se polarizam ou constituem-se em dualidades, mas abrem espaço para um processamento linguístico que se mostra em total interação aos contextos sócio-históricos, em um trânsito ou via de mão dupla, conectando e refratando os diálogos entre sociedade e cognição.

Os gêneros podem, então, ser compreendidos, ainda mais especificamente, segundo Falcone (2008, p. 65), como “enquadres sócio-interacionais que construímos, ao longo da história, para facilitar nossas relações e torná-las mais dinâmicas e fluidas”, não havendo condições de no plano discursivo e a cada momento enunciativo, os interactantes formularem novos quadres em gênero, pois, se fosse assim, certamente, a comunicação tornar-se-ia inviável ou bastante problemática, já que as situações interacionais seriam sensivelmente afetadas pela falta de compreensão entre as partes envolvidas no que diz respeito à “relativa estabilidade”, por se considerar que esses constructos equilibram o mundo anunciado, esquematizando ações e dando sentido às percepções dos participantes, daquilo que é “normatizado” dentro da comunidade, fortalecendo os vínculos e heranças existentes.

Haverá, para tanto, nesse empreendimento interlocutivo, a cooperação de elementos de diversas ordens e naturezas, a fim de que as ações realizadas discursivamente sejam concretizadas. Para isso, mente e corpo, subjetividade e objetividade, individual e social, organismo e ambiente precisam estar em trocas constantes, o que conduzirá a uma melhor compreensão de como são dadas as relações entre sociedade, sujeito, linguagem, interação, história e cognição.

Em consonância ao que foi exposto logo acima, Marcuschi (2008, p. 93) certifica que:

[...] um texto se dá numa complexa relação entre a linguagem, a cultura e os sujeitos históricos que operam nesses contextos. Não se trata de um sujeito individual e sim de um sujeito social que se apropria da linguagem ou que foi apropriado pela linguagem e a sociedade em que vive.

As configurações textuais sugerem, portanto, um funcionamento que se desenvolve dentro de uma concretude, requerendo que os atores considerem a importância da dinâmica entre os pares na produtividade diversa das práticas sociodiscursivas, o que ancora a criação de expectativas quanto da possibilidade de uma comunicação mútua, dotada de significações e valorizadas no seio da sua cultura, no estabelecimento de relações que permitam sociocognitivamente refletir as práticas/experiências comuns aos interlocutores.

Para que haja dentro das esferas de produção evocação a respostas dos sujeitos comunicativos, a partir do que é concebido como recorrente, os interactantes reconhecem reciprocamente os momentos em que estão localizados e interconectados e recorrem a modos apropriados de enunciação, mediante as coconstruções, ao acionarem, dentro de algo que lhes pareça convencionalizado, uma possibilidade de operacionalização discursiva que é orientada pelas vivências, normas, mas também ideologias. É o que Berkenkotter e Huckin (1995) definem por “conhecimento de gênero”, ou seja, os interlocutores selecionam recursos, dizeres, elementos através das experiências condizentes com a situação comunicativa identificada e nela atuam através do gênero textual mais adequado.

O uso dos gêneros no meio social assegura a existência das vivências culturais, das relações sociais complexas, do desenvolvimento de uma ação conjunta e das tipificações, já que apenas o conjuntamente instituído e reconhecido, definido em razão de suas funções, “permanece” linguisticamente como herança, como modo de representação e lugar das negociações na construção das categorias, em prol da atribuição de significados, inclusive, no que diz respeito às próprias configurações genéricas.

Há, para essas construções, um entrelaçamento das experiências corpóreas (história corporal do indivíduo, o sensorio-motor) que estão localizadas em contexto social, biológico e também psicológico, pois as ações humanas de demandas cognitivas nascem de configurações e/ou representações que se baseiam em atividades situadas, apontando, assim, para o campo do intencional, criativo e, especialmente, social. (KOCH & CUNHA-LIMA, 2005; FERRARI, 2003)

O que daí também se pode refletir, é que para a existência de ações de linguagem, é necessário o compartilhamento de conhecimento e a busca na criação/percepção de contextos em torno das atividades verbais organizadas. Estas são dotadas de propósitos comunicativos e passíveis de observação no que Silva (2002, p. 23) concebe como *práticas sociais*:

[...] o fator de exterioridade social se configura como um elemento intrínseco à atividade discursiva na medida em que se concebe que as formas interacionais da língua, manifestadas em gêneros textuais, atualizadas na sociedade, resultaram (e resultam) de atividades comunicativas humanas, construídas no seio dos eventos comunicativos das esferas sociais (público ou privada), e estas, com seus específicos sistemas socioculturais, organizam e constituem as práticas sociais.

Silva (2002) busca exprimir, através das suas afirmações, não ser possível significar as práticas e os usos como eventos comunicativos que permaneçam estáticos e sejam os mesmos no curso da história das diferentes esferas sociais, mas que como práticas são ampliadas, diversificadas e transformadas, pois de acordo com os usos, materializados em gêneros, atualizações, multiplicações e reformulações decorrem justamente das relações interlocutivas e suas trocas.

Os gêneros existem, como salientado por Berkenkotter e Huckin (1995, p. 4), em virtude “das respostas dos agentes a situações recorrentes, que servem para estabilizar a experiência e lhe dar coerência e sentido”⁴. Eles funcionam em repercussão às demandas sociocognitivas e interacionais, a partir das atualizações entre interactantes que partilhem uma mesma língua e cultura; são adquiridos através de contextos de socialização que, certamente, revelam as ideologias presentes em uma comunidade, e potencializam os ditos e seus arranjos, em relação a um determinado grupo e suas formas de ação (BAWARSHI & REIFF, 2013).

Berkenkotter e Huckin (1995, p.4), então, traçam cinco princípios orientadores de um quadro teórico, que conduziria a observação do gênero propriamente sob uma perspectiva sociocognitivista. Seriam eles: *dinamismo, situacionalidade, forma e conteúdo, dualidade de estrutura e domínios da comunidade* ou *convenções das comunidades discursiva*, detalhados a seguir.

Ao referirem-se a *dinamismo*, Berkenkotter e Huckin (*op. cit.*) estão explicitando que na natureza dos gêneros há vida, pois eles estão abertos a mudanças, embora funcionem em resposta às situações comunicativas identificadas como “rotinizadas” ou interpretadas como situações-padrão. Isto é, na significação do socialmente construído há uma “estabilização” que garantiria aos interlocutores uma tomada de coerência das formas retóricas.

⁴ Tradução nossa: “*Genres are dynamic rhetorical forms that are developed from actors responses to recurrent situations and they serve to stabilize experience and give it coherence and meaning.*”

Por outro lado, essa adoção de estabilidade não é empecilho para evolução dos gêneros através do tempo, já que eles atendem às demandas interativas que compõem espaços de interlocução. A estabilidade e a mudança, na constituição dos gêneros textuais, ocorreriam em razão dos interesses sociocognitivos dos usuários e configurar-se-iam sempre como locais de disputa entre estabilidade e mudança (BERKENKOTTER E HUCKIN, 1995); é o que Cavalcante (2013, p.49) parece considerar em relação à constituição de tais constructos, evidenciando uma relação ou direcionamento aos propósitos comunicativos, quando da possibilitando de gerar “[...] formas de comunicação que terminam por se consagrar, mas que, a depender das práticas sociais e das convenções impostas pelo meio em que circulam podem sofrer mais variação, ou menos”.

Um aspecto considerado também por Berkenkotter e Huckin, é a *situacionalidade*. Neste ponto, a atenção volta-se para o fato de que a compreensão e assimilação dos gêneros está na força do aprendido e apreendido por profunda imersão cultural; valores e comportamentos são identificados e tomados como necessários em resposta às situações experienciadas, pois o aprendizado adquirido ao longo do tempo, em relação aos gêneros, faria parte do “conhecimento de gênero”, isto é, um saber a respeito das organizações textuais, que são sistematicamente incorporadas, a partir da localização dos interactantes em ambiente cultural. Isto implica dizer o seguinte: a partir da nossa localização, do lugar em que nos situamos, geramos informações, saberes e práticas, que levam a uma organização ou categorização dos conhecimentos em recorrências e enquadres; uma vez que, como ressalta Cavalcanti (2008), as práticas relacionadas às ações dentro da sociedade, configuram repertórios de conhecimento, sendo, no entanto, esse repertório e as ações advindas de tais saberes, assim como as ações resultantes das práticas, desconectadas, muitas vezes, de uma motivação consciente.

O que parece ser evidenciado para Berkenkotter e Huckin (*apud* BAWARSHI & REIFF, 2013, p.104) é o fato de se incorporar “dinamicamente os modos de conhecer, ser e agir de uma comunidade”, refletindo de maneira mais incisiva o fato de que as próprias relações sociais, bem como as estruturas linguísticas que comportam as práticas, através do compartilhamento manifesto entre seus membros, gerarem na sociedade a emergência de textos específicos, que reproduzam estruturas aprendidas cotidianamente, e encontrem amparo no que relaciona aos aspectos da *forma e conteúdo*.

Os teóricos, acima referidos, considerando essa relação, propõem a existência de uma estrutura fundante sobre a qual “repousaria” um conteúdo, assim, o conteúdo deve ser apropriado às situações, aos propósitos que emergem e solicitam, contextualmente, determinadas configurações, arranjos ou características mais específicas, possivelmente adquiridos no curso das práticas comunicativas instituídas historicamente.

Percebe-se uma certa consonância com Marcuschi (2008, p.155), no fato do estudioso ressaltar serem, os gêneros, “ padrões comunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos concretamente realizados”, expondo sua efetiva realização a partir da “[...] integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas”, o que se coaduna ao pensamento de Miller (2012), já que tais constructos também levam ou denotam à prática social certo cuidado, pois são cercados por normas e convenções. Há, assim, uma potencialidade nesses constructos situando-os local, temporal e socialmente, posto que os usos valorizam, em determinadas circunstâncias e escalas, as relações que abarcam a comunidade, refletindo, em certa instância, práticas potenciais recursivas.

Berkenkotter e Huckin (1995) reforçam, no entanto, que aquilo que constitui o verdadeiro aprendizado e conhecimento de gênero é “[...] não apenas o conhecimento das convenções formais, mas o conhecimento do tópico apropriado, bem como dos detalhes relevantes”⁵ (p.14). Haveria, de tal modo, um tempo determinado e espaço apropriados para o aparecimento de certas configurações ou de características mais formais, assim como a existência de um conhecimento de fundo (de uma disciplina, de uma comunidade, de mundo...), além de um senso de assimilação, a fim de que os agentes comunicativos alcancem seu(s) propósito(s) retórico(s), levando a uma compreensão de que tais sistematizações e modos particulares do uso da língua são “formas culturais e cognitivas de ações social corporificadas” (MARCUSCHI, 2008, p.156).

As categorias acima citadas – *tempo, espaço, características formais, conhecimento de fundo, senso de apropriação* – ganham funcionalidade e sentido em virtude da seleção e usos adequados tanto em direção ao alcance de um objetivo ou finalidade comunicacional, mas também no que se refere à seleção/escolha de um gênero específico para uma atuação linguística mais eficiente.

⁵ Tradução nossa: “[...] what constitutes true genre knowledge is not just a knowledge of formal conventions but a knowledge of appropriate topics and relevant details as well”.

Haveria, no entanto, no que se refere à própria prática e uso dos gêneros, aquilo que Berkenkotter e Huckin (1995) denominam *dualidade de estrutura*; propõe-se uma relação direta entre os agentes, as estruturas sociais e seus arranjos, levando à existência de um diálogo constante entre essas duas forças, pois ao mesmo tempo em que se constituem enquanto “esferas”, são constituídos em articulação. O que se torna inferível é que tal configuração sugere um não completo domínio das estruturas sobre os agentes interacionais, como se elas fossem dadas *a priori*, mas também não há possibilidade de os agentes interlocutivos investirem exclusivamente em suas subjetividades na efetivação de práticas linguageiras, já que existiriam condições mais ou menos determinadas a guiarem suas posturas.

Esta configuração poderia, então, levar-nos a compreender os gêneros tanto como modificadores de estruturas, em razão da sua dinamicidade, quanto como uma espécie de reflexo da existência de organizações orientadoras das ações humanas. Percebe-se que, se por um lado há direcionamentos e “padrões” a serem replicados, dada a nossa condição sociocultural, também é possível realizar adaptações, mediante as necessidades comunicativas. Elas auxiliam a (re)configurar o quadro das estruturas socialmente convencionadas, integrantes de uma realidade discursivamente elaborada, e refletidas nas produções dos gêneros textuais.

A partir do direcionamento de Giddens (2003), ao considerar que as estruturas são constituídas e existem como resultado do uso que as pessoas fazem de ‘regras e recursos’, Acosta Pereira (2007, p.1711) esclarece que:

[...]As regras são as normas, as convenções e os significados através dos quais as pessoas se orientam ao compreender e desempenhar ações sociais. Os recursos são as posses e as capacidades que as pessoas têm que lhes permitem exercer controle sobre o meio ambiente e sobre outros indivíduos.

Isto é, quando tratamos dos aspectos relacionados aos gêneros, bem como da agentividade e aquilo que envolve a relação com estrutura, consideramos as experiências no trato social, a capacidade interpretativa e compreensiva de realidades e a forma como esses agentes discursivos lidam com o uso linguístico, a partir das representações das estruturas, que são simbólicas, mas às quais são atribuídas a umas ou a outras substancialidade e ação estratégica, a partir do que se dispõe, em resposta às exigências, correspondências, convenções e

tradições, de acordo com as demandas, pois, como afirma Miller (2012, p.29), a(s) ação(-ões) empregada(s) não decorre(m) em virtude à uma objetividade, materialidade, mas “baseada em (e guiada por) sentido e não em causas materiais, no centro da ação encontra-se um processo de interpretação”.

Certamente, e em paralelo a estes dizeres, estabelece-se uma relação direta com fatores relacionados à nossa socialização, em uma prática que permite, através de Giddens (2003), articular a compreensão de que nessas produções de linguagem há, também, reproduções de práticas cotidianas, onde, como ressaltado pelo teórico, “componentes de interação sempre gravitam em torno das relações entre os direitos e as obrigações ‘esperadas’ pelos participantes[...]” (p.35), ou seja, segundo o que se pode apreender, utilizar-se de constructos socialmente elaborados, bem como recorrer a práticas “estabilizadas”, ganham contornos e articulam-se em uma dialética entre saberes sociais e individuais, mas mais que isso, ligam-se a sistemas ou representatividades que ao mesmo tempo restringem e facilitam a vida discursiva dos interlocutores.

Berkenkotter e Huckin (1995) articulam, ainda, às noções/conceitos aqui apresentados, a *domínios da comunidade* ou *convenções das comunidades discursivas*, desenvolvendo a ideia de que as operações realizadas nos gêneros, muito dizem respeito em como uma comunidade acorda os aspectos epistemológico, ideológico e ontológico. Ao acessarmos os gêneros, eles podem revelar como os grupos discursivos concebem o mundo circundante, mas também como os textos produzidos socialmente carregam consigo intenções, valores, propósitos e verdades que são estabelecidos na história das comunidades, e apontam, de certa forma, ao que Swales (1990) inclina-se a defender, quando expõe serem os propósitos comunicativos interligados aos objetivos comuns que circundam as práticas de uma dada comunidade, através de mecanismos que lhes são próprios, estando ou sendo estes, larga ou explicitamente, difundidos ou apreendidos/apreendidos participativamente, em que as práticas interativas, como salienta o próprio Giddens (2003), produzidas e reproduzidas na interação, consideram que “os atores vivem em contextos situados” (*op citi.*, p.394), mas que em tais regularidades, reproduções, intenções e propósitos atuam reflexivamente.

Tais inclinações e percepções conduzirão a práticas interativas mais ou menos apropriadas e que possibilitarão ao usuário, como afirmam os teóricos (BERKENKOTTER & HUCKIN, 1995, p. 24), “reconhecer os padrões disponíveis através do qual podemos agir a qualquer

momento”⁶, mas, por certo, estar-se-á amparado em uma compreensão que é dada a partir das situações de interlocução e nas representações concebidas pelas experiências.

É importante ressaltar que essas interpretações encontram-se fundamentadas nas relações intersubjetivas, das rotinas ou recorrências, e que chegam até nós através de experiências discursivas, de construções sociocognitivamente elaboradas, de constructos ordenados em um tempo que é situado histórica e culturalmente, refletidos, por exemplo, nos usos dos gêneros.

Se tomamos a perspectiva do gênero a partir de construções que refletem práticas que são direcionadas, ordenadas pelo meio social, tais percepções são dadas mediante aspectos sociais e culturais atrelados a representações que são amplamente difundidas, mas também ligadas e situadas histórica e temporalmente, ao que Bawarshi (1994 *apud* BAWARSHI & REIFF, 2013, p.119) orienta-nos ao expressar que as inclinações e engajamentos articulam-se a “momentos mutuamente reconhecidos”, mas não só, pois “[...] o conhecimento e a apreensão de gêneros está vinculado a memória e experiências e relações prévias com outros usuários do gênero[...]”, refletindo práticas sociais, modos de saber, conhecer e atuar, ligando-se à cognição, uma vez que “a forma como conhecemos e a forma como agimos estão mutuamente relacionados” (*op.cit.*, p. 105). Esta cognição é situada, pois além de não ser concebida como individual, mas sim tomada como uma construção social amparada nas interações, está intimamente interconectada ao fato de que intenções, criatividade e valores estão presentes nas realizações comunicativas contextualizadas, gerando significações de mundo.

Lidamos, assim, com uma teia em que se costuram ações de ordem cognitiva, histórica, cultural e social em função dos intercâmbios, onde participantes ali circunscritos e em trabalho cooperativo modelam os significados evocáveis de uma realidade socialmente interpretável e convencionada na/pela linguagem, pois o mundo que se configura e ganha relevos é construído fora de uma ordem “natural”, é “fruto” de acessos do agir intersubjetivista (MARCUSCHI, 2004, p. 2); os gêneros textuais configurar-se-iam, enquanto práticas discursivas, na condição de que as “ mentes individuais não aprendem uma computação abstrata, mas estão aprendendo a compreender um processo historicamente situado, compreendido e transformado pelo indivíduo ao longo das suas histórias de vida” (KOCH & CUNHA-LIMA, 2005, p. 279), sem limites bem estabelecidos entre o que se

⁶ Tradução nossa: “[...] we constantly monitor our actions and recognize the available patterns through which we might act any given momente”

processa individualmente ou socialmente, sem segmentações ordenadas, onde esses mesmos sujeitos operam no tráfego entre saberes individuais e sociais, nas mais diversas práticas de linguagem, que se (re)constroem/emergem via gêneros.

Os gêneros, assim, integram uma categoria que comporta parte das produções humanas, são adquiridos mediante a atuação mútua de agentes interlocutivos em um contexto, de um modo tal, que não há como desenvolver práticas comunicativas em isolamento; as nossas compreensões/significações, como ressalta Marcuschi (2007, p. 80), resultam “de interações sociais no interior da cultura e da história” através de acordos estipulados, ainda que concebidos tacitamente.

Observa-se, todavia, que tanto os acessos quanto os próprios usos dos gêneros são dados tanto assimétrica como simetricamente aos indivíduos no seio das comunidades, já que a apreensão e a manipulação evidenciam os tipos de práticas compartilhadas, formadas e proliferadas em contextos característicos, considerando, para tanto, as relações estabelecidas, o funcionamento de comportamentos linguísticos localizados e fundamentados em modelos pré-existentes e perpetuados; no entanto, isso não é empecilho para que reconfigurações ocorram, como salienta Cavalcanti (2008, p.26), pois embora haja uma certa “reprodução”, os agentes de linguagem possuem criatividade “[...] e é justamente esse poder inventivo que faz com que os gêneros sejam estruturas maleáveis as quais podem se adequar às possibilidades sócio-históricas”.

Talvez, por indeterminação ou fronteiras não tão bem marcadas, no fio do estável e instável, alguns gêneros possam apresentar indefinições no que concerne, por exemplo, às nomenclaturas, embora haja reconhecimento e utilização com propriedade por parte dos sujeitos desses operadores organizacionais, tornando indispensáveis para ação e inscrição em eventos interativos de atividades socialmente pautadas de linguagem.

O próximo tópico será desenvolvido a partir dessa perspectiva teórica, tomando como base as relações intrinsecamente dinâmicas propiciadas pelo uso da linguagem, instaurada em um enquadre sócio-histórico, que aponta para a elaboração de saberes situados e significados em contextos férteis de intencionalidade, onde se destacam os memes proliferados via *Facebook*.

1.2 Meme como gênero textual: considerações, aspectos e dinamicidade

Para melhor situar as discussões, é interessante ressaltar a origem do termo “meme”, suas filiações e particularidades, tendo em vista, no entanto, que as especificidades do gênero tornam-se relevantes e mais solidificadas à medida que sobre ele se reflete.

Originalmente, o termo “meme” foi cunhado por Richard Dawkins, biólogo que concentrou seus estudos no ramo da zoologia de base Evolucionista, em 1976, no livro “O Gene Egoísta” (*Selfish Gene*). O meme, nas configurações do pesquisador, surgiu em aproximação ao termo “gene”, mas também por sinalizar, em semelhança, na raiz, a “*mimeme*”, do grego, que pode ser compreendido como imitação ou “memória”.

Dawkins ([1976] 2001) afirmava que assim como os genes são responsáveis pela transmissão de informação genética, os memes seriam os “genes” culturais, ou seja, poderiam ser compreendidos como os saberes ou informações adquiridas via “imitação” e requisitariam de pessoas para que sua perpetuação acontecesse, pois não disporiam de “vida própria”, mas para existirem, necessitam de articulação entre ambiente, sociedade e cultura, a fim de que possam ser propagados.

Tais construções culturais, na perspectiva traçada por Dawkins, seriam transmitidas em forma de ideias, melodias, construção de utensílios, técnicas, costumes, etc., que se replicam e se difundem. Percebemos, de acordo com essa vertente, uma larga abrangência daquilo que “comportaria” as representações dos memes, ou seja, não há marcos limítrofes bem estipulados para o que sejam essas entidades, a não ser o que Blackmore (1999) alerta: a necessidade de pessoas que por eles optem quanto à transmissão.

Uma das percepções a ser ressaltada é que, como o termo foi desenvolvido em base associativa aos genes, eles, analogamente, sofreriam ao longo do tempo uma evolução e, assim, uma espécie de seleção natural, contando, para isso, com a existência de certas “condições ambientais”, que favoreceriam o aparecimento de cópias, e, por isso, dotadas de similaridade, a partir das unidades chamadas de “replicadoras”. Elas necessitariam, para tanto, dos esforços de indivíduos humanos, e é neste ponto que encontramos um certo direcionamento daquilo que pode ou não ser, neste trabalho, atribuído ou compreendido por meme.

De acordo com Heylighen (1993, p. 1), há nesse cenário, onde os seres sociais agem, um certo “poder” beneficiário da replicação, e: “[...] desde que o indivíduo que transmitiu o meme continue a projetá-lo/carregá-lo, a transmissão poderá ser entendida como uma replicação: uma cópia do meme é feita na memória de outro indivíduo e faz dele o portador do meme”⁷. Isto poderia conduzir à compreensão de que quanto mais ativos ou chamativos forem os memes, mais expressivos e compreendidos os assuntos, ideias, crenças, valores, costumes serão, mas também conseguirão se manter nos agentes ou portadores e gerarão maiores possibilidades de compartilhamento, e, conseqüentemente, mais dessas entidades serão transmitidas e espalhadas.

O que atribuímos como sendo, no entanto, memes articula-se às observações de Castro e Cardoso (2015, p.3), que os compreendem como um “empreendimento linguístico” e os relacionam a

algumas estruturas textuais que vêm sendo disseminadas nas redes sociais, constituem-se normalmente de caráter multimodal (texto escrito e imagem, imagem e texto sonoro, vídeo, dentre outros), aderindo a maneiras distintas de se apresentar e, geralmente, também estão ligados ao discurso cômico, irônico ou satírico

Podemos, ainda, ressaltar um aspecto explorado por Chagas *et al.* (2015), quando dizem ser o meme produto de um cultura, que depende de um “repertório cultural extraído das relações sociais, memórias, referências históricas, geográficas, econômicas e aspectos conjunturais específicos” (p.09), isto é, são frutos de uma sistematicidade particular, e deslizam, como anteriormente mencionado, de uma tônica que vai do cômico ao satírico, mas também permeiam a criticidade, revestindo-se em seus enquadres de integração a múltiplas semioses

Encontramos, em alguma medida, correlação com o que é exposto por Shifman (2014, p. 41), ao destacar, tratarem-se, esses artefatos, como “um grupo de itens digitais que compartilham características comuns de conteúdo, forma e/ou posição, os quais são criados com consciência umas das outras, e circulam, imitam e/ou transformam-se na internet através

⁷ Tradução nossa: “[...]Since the individual who transmitted the meme will continue to carry it, the transmission can be interpreted as a replication: a copy of the meme is made in the memory of another individual, making him or her into a carrier of the meme”

de muitos usuários”⁸, em razão das relações interpessoais, das práticas desenvolvidas cotidianamente, das interações travadas nos mais diversos espaços, sendo tais práticas, um exercício de intervenções e manifestações, mediante ressignificações da cultura popular (CHAGAS *et al.*, 2015), desdobradas em compartilhamentos, produções e (re)produções.

Considerando os memes a partir de três características básicas, pensadas por Dawkins ([1976]2001), eles comportariam: *fidelidade, fecundidade e longevidade*; tais atributos seriam responsáveis pela vida destas unidades replicadoras, colaborando para que obtivessem sucesso e pudessem espalhar-se em meio societário. A fim de tornar mais evidenciadas essas propriedades, exploraremos um pouco das suas significações ou particularidades:

- I) Fecundidade – Estaria relacionada à capacidade que um determinado meme tem em produzir cópias de si mesmo, funcionando como uma espécie de modelo para que, a partir da sua propriedade replicadora, gere “descendentes”;⁹
- II) Fidelidade – Refere-se ao potencial dos memes, através da replicação, de garantir a existência de descendentes com alto grau de semelhança em relação ao meme original, motivando o surgimento de exemplares proporcionalmente idênticos e conservando traços, os mais próximos possíveis, do “grande” replicador;
- III) Longevidade – É a característica que diz respeito à possibilidade de um dado meme manter-se vivo e evocável ao longo do tempo, isto é, de ele possuir aptidões para sobreviver por um extenso período, o que favoreceria o surgimento de muitas de suas cópias, aumentando assim, o número de réplicas.

É válido, no entanto, atentar para tais aspectos referentes aos memes e ponderar, posto que seu lócus, onde se assenta e emerge, neste caso, a internet, mais especificamente no *Facebook*, e pela própria dinâmica do espaço onde transita, relacionando-o à volatilidade e

⁸ Tradução nossa: “*a group of digital items sharing common characteristics of content, form, and/or stance, which were created with awareness of each other, and were circulated, imitated, and/or transformed via the Internet by many users*”

⁹ Quando falamos em fecundidade e propagação de si mesmo, não estamos com isso limitando a uma replicação que se dá sempre de maneira igual ao meme original, mas que, assim como elementos podem ser propagados de um exemplar para outro, algo é mantido na geração de cópia que, aqui, não significa igualdade, mas replicação do que poder-se-ia considerar como a essência ou núcleo.

fluidez, considera a existência de certa maleabilidade e flexibilidade no que diz respeito à longevidade, posto que determinados arranjos podem surgir e, em pouco tempo, atingir um ápice na propagação, logo depois caindo em “esquecimento”, ou seja, como revela Lima-Neto (2014), eles emergem, propagam-se ao auge e perdem força entre os estágios de fecundidade e longevidade, cumprindo seu destino no “[...] frequentemente compartilhado, ou seja, repetido” (CAPARROZ, 2013, p.6).

É possível associar a questão referente à replicação, em alguma escala, com os acervos transmitidos e exemplares perpetuados, a partir de uma espécie de “efeito catraca”, assemelhando ao que é validado por Tomasello (2003), quando o estudioso aponta para o quadro de transmissão cultural, possibilitando que tanto habilidades como conhecimentos já existentes, que perpassam culturas, grupos e comunidade, sejam, aos participantes desses “nichos”, transmitidos, gerando, assim, um certo beneficente, já que pelo fato da catraca acumular construções, saberes, práticas, ideias, instrumentários produzidos nas comunidades e propagados pelos grupos, são consumidos, a partir do já “instituído” anteriormente, modificado, mas reproduzido, fazendo-nos pensar em uma possível aproximação ou associação entre memes e os constructos sociais, pois, como bem salienta Fontanella (2009 *apud* CAPARROZ, 2013, p.7), eles “[...] frequentemente envolvem a apropriação de um repertório conhecido por um grupo ou comunidade, como eventos com alguma repercussão de produtos da indústria cultural”.

Os memes, a partir das nossas projeções, poderiam ser tanto os “produtos” culturais acumulados, como aqueles gerados ou aperfeiçoados em direção à propagação, no transcorrer das vivências e das relações humana dadas, que se efetivam no campo da coletividade e ganham, de certa forma, contornos estáveis, correndo em direção a uma assimilação, retenção, expressão, mas, por ora, também dados via imitação como propõem ser, ou seja, o que é cultural é replicado por práticas imersas em linguagem, como parece-nos acontecer com os gêneros.

Ao considerarmos as transmissões e perpetuações, bem como todo o investimento e esforços de atividades cognitivas como a memória e a linguagem, além do que se apontaria para o culturalmente elaborado, os memes são configurados como produções humanamente efetivadas e replicadas, regularizadas e relativamente estabilizadas no conjunto das práticas sociointeracionais, que são sensivelmente dependentes das combinações do histórico, do

cultural, do social e do cognitivo. Consideramos, no entanto, ao que se refere à “relativamente estável”, principalmente por se tratar de ambiente fluído, como a internet e espaços como *Facebook*, um grau mínimo de estabilidade, já que para as atuações discursivas é necessário recorrer a determinado gênero. Lima-Neto (2014, p.43) pontua um interessante aspecto, ao falar sobre a emergência ou instanciação dos gêneros em ambiente digital, salientando que “[...] como um artefato abstrato, pode ter sua relativa estabilidade, principalmente na mídia digital, talvez num plano social e cognitivo dos usuários, e nem sempre num viés textual/material, já que este é o meio pelo qual, em geral, um gênero é palpável”, sendo importante, talvez, como o estudo por ele desenvolvido pontua, ressignificar a noção própria de estabilidade e recorrência.

A fim de evidenciar e ratificar aquilo que estamos chamando de meme, considerando-o, assim, um dos muitos gêneros que transitam cotidianamente, a partir de uma natureza múltipla, no enlace a outros modos, semioses coocorrentes - imagens, tipografias, etc.-, interessante seja, a partir das reflexões levantadas em Lima-Neto (2014), trazer um quadro, um tanto quanto didático, que ajudaria a melhor situar as perspectivas ou delineamentos nos quais os memes¹⁰ inscrever-se-iam.

Quadro 1- Configurações dos memes

GÊNERO	TRAÇOS/CARACTERÍSTICAS
MEME(S)	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de consenso para a nomeação; -Uso de editores de imagem; -Disseminação/propagação por meio de links; -Saturação em curto tempo; -Despreocupação na arte final do enunciado; -<i>Remix</i>: mesclas de gêneros casualmente ocorrentes; -Conteúdo temático do cotidiano voltados para públicos bem definidos; -Utilização de recursos intertextuais; -Misturas de elementos do mundo real com o fictício.

Fonte: adaptado de Lima-Neto (2014)

¹⁰ No trabalho desenvolvido por Lima-Neto (2015), a partir do seu estudo quanto a emergência e standardização, não haveria consenso quanto à estabilização de uma nomenclatura exata, apresentando ainda flutuações para os participantes da pesquisa.

Figura 1: Exemplo 1 de meme



(Fonte: Seu post tá muito ofensivo, Facebook, julho/2014)

Se buscarmos estabelecer uma relação entre o que até aqui foi exposto e articulá-lo ao exemplo 1, figura 1, além dos aspectos ligados a algumas das características, como orientado por Lima-Neto (2014), considerando-se o uso de editor de imagens, o conteúdo temático atual - como o jogo do 7 x 1, em que o Brasil foi derrotado pela Alemanha, na Copa de 2014-, bem como a difusão via links (curtidas e compartilhamentos), teríamos um exemplar de meme.

Para tanto, essas informações e suas evocações, via memória, precisam estar ativas, fazendo emergir conhecimentos de mundo, questões ligadas à inferência, articulações ao conhecimentos da língua, o que permitiria atingir significações como, por exemplo, saber que o gol que se “levará” não trata de um carro da marca Volkswagen, mas trata-se do resultado de não defesas em uma partida de futebol, e que ganha representação na figura do goleiro da seleção brasileira, à época, Júlio César, geradas, inclusive, pelas possibilidades de enquadres e reflexões, como participação e relações possíveis dentro de um determinado grupo e cultura, desembocando no riso, quanto da percepção do humorístico que é dado na articulação entre a Volkswagen, empresa alemã, que representaria os jogadores da seleção alemã e Júlio César, como “comprador” de gols, aqui, percebidos como pontos marcados.

Os memes, entidades dotadas de dinamicidade, encontrariam ligação ainda mais direta como gênero nas considerações de Marcuschi (2011b, p. 19), ao afirmar que estes “variam,

adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se”, mas que também “[...] mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional”, sendo todas essas ações concretizadas através da linguagem.

É válido ressaltar no trato com os gêneros que, embora sejam consideradas as replicações/multiplicações, elas não devem ser compreendidas com a propagação de cópias idênticas, e as elaborações/construções desses “exemplares” devem ser tomadas a partir de um quadro de interpretação que se vale da recorrência, e que, como bem ressalta Marcuschi (*op. cit.*, p. 24), “quanto mais um gênero circula, mais ele é suscetível a mudanças e alterações por se achar estreitamente ligado a uma modelagem social”, constituindo-se dentro de uma pluralidade e plasticidade.

Pensando nisso, na multiplicidade de gêneros, tanto no que diz respeito à diversificação e em uma replicação não idêntica de usos, bem como nas relações que estabelecem com as novas tecnologias e, no intuito de suprir as necessidades comunicativas, lidamos com uma variedade de construções dentro de atividades discursivas, que se estruturam através de elaborações, adaptações, mobilidade, evoluções e mesclas, e que possibilitam evidenciar nesse panorama o surgimento e circulação dos memes na internet.

De acordo com Heylighen (1994 *apud* RECUERO, 2007, p. 24), os memes na internet teriam uma propagação facilitada, sendo este “[...] um ambiente fecundo”, pois “a digitalização da informação proporcionaria uma maior fidelidade da cópia original do meme, além de uma maior facilidade de propagação [...]”, cabendo às pessoas um forte papel de agentes e divulgadores, peças fundamentais no processo, atuando também, como demonstrando por Lima-Neto (2014), através dos links.

Poderíamos considerar, assim, esse modelo¹¹ de meme como emergente, pois surgiu em razão às necessidades suscitadas pela internet, ambiente relativamente novo. Aqui, o *site* de Rede Social, onde se pôde recuperá-lo foi o *Facebook* (FB) que, assim como outros espaços de relacionamento, suscita trocas e criações através de diferentes recursos, interferindo, de alguma forma, na maneira como os usuários validam sua expressividade em um ambiente mais dinâmico.

¹¹ Estamos utilizando “modelo” e “exemplar” como palavras que estabelecem uma relação de sinonímia.

Pimentel (2014) ressalta que os memes¹² são um dos gêneros mais recorrentes no site *Facebook*, em torno de 40% das publicações nele efetivadas, e que, apesar de sua diversificação, constituem-se organizacionalmente a partir da imagem de um personagem, mas também podem ser compostos, ao nosso ver, a partir das imagens, fotos, desenhos, que não evidenciem, necessariamente, alguém conhecido, a quem estará atrelado um texto de natureza verbal.

Acrescentaríamos que as porções verbais presentes nos memes são curtas, e que tal gênero carrega em sua composição, de maneira mais evidenciada, o aspecto da multimodalidade¹³, havendo uma integração de sistemas diferentes (verbal e não-verbal ou verbal e icônico) que articulados na constituição dos gêneros, como salienta Dionísio (2011, p. 138), “exercem uma função retórica na construção de sentidos dos textos”. Isto é, ao estarem tais semioses combinadas, e não ali dispostas aleatoriamente, favorecem a construção global de significados.

Ainda segundo Pimentel (2014), o gênero que estamos explorando parece ser próprio do ambiente do *Facebook*, com vistas a atender a interação suscitada pelo *site* de rede social. Acreditamos, no entanto, que os memes não se constituem como propriedade exclusiva do *Facebook*, considerando, para tanto, as delimitações do que compreendemos por memes e a perspectiva adotada. Eles podem surgir em outros *sites* de Redes Sociais e de lá migrarem, já que muitas vezes os perfis dos usuários desses *sites* estão sincronizados e há possibilidades de trânsito e compartilhamento entre eles, como, por exemplo, as informações ou atualizações, que a depender de sua natureza podem ser compartilhadas do *Twitter*¹⁴ para o FB, a partir da

¹² A nomenclatura atribuída a memes encontraria relação a “Cartão *Facebook*”, no estudo desenvolvido por Pimentel (2014). Apesar de o pesquisador considerar os dois termos como termos correspondentes, e ressaltado o que Marcuschi (2008, P.161) afirma sobre a dificuldade em se atribuir uma nomenclatura aos gêneros, pois “[...] a questão de dar nome aos gêneros é algo de enorme complexidade”, consideramos, no entanto, dentro das práticas e da circulação do gênero em evidência na atualidade, assim como de sua popularização, a percepção apenas como memes ainda que estejam sendo constituídos e solidificados socialmente.

¹³ Não estamos propondo-que os outros gêneros não carreguem aspectos multimodais, já que tais aspectos são próprios tanto de textos quer encontrem-se na modalidade oral quer encontrem-se na modalidade escrita. Dionísio (2011, p. 139) afirma que a multimodalidade consistiria no “uso de dois ou mais modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipográficas, palavras e sorrisos, palavras e animações etc.”

¹⁴ “[...]é construído enquanto microblogging porque permite que sejam escritos pequenos textos de até 140 caracteres a partir da pergunta ‘O que você está fazendo?’ O *Twitter* é estruturado com seguidores e pessoas a seguir, onde cada *twitter* pode escolher quem deseja seguir e ser seguido por outros. Há também a possibilidade de enviar mensagens em modo privado para outros usuários. A janela particular de cada usuário contém, assim, todas as mensagens públicas emitidas por aqueles indivíduos a quem ele segue. Mensagens direcionadas também

ativação do “Publique seus *Twitters* no *Facebook*”, ou vice-versa, onde “seguidores” e “amigos” acompanharão as atualizações em um ou outro *site* de rede social, e/ou também no *Instagram*¹⁵

Figura 2: Exemplo 2 de meme/meme twittado que poderia ser compartilhado no *Facebook*



(Fonte: Artes Drepressão/Twitter – maio/2015)

Figura 3: Exemplo 2 de meme twittado e compartilhado no perfil do *Facebook*



(Fonte: Artes Depressão, *Facebook*- maio/2015)

são possíveis, a partir do uso da “@” antes do nome do destinatário. Cada página particular pode ser personalizada pelo *twitter* através da construção de um pequeno perfil” (RECUERO, 2009, p. 173).

¹⁵ O aplicativo foi desenvolvido pelo norte-americano Mike Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger; configura-se como um aplicativo gratuito para a exibição de fotos a serem compartilhadas em Redes Sociais e torna possível a publicação de imagens em um tempo hábil a partir da captura de imagens, pinceladas com doses de personalização. De acordo com Silva Júnior (2012, *apud* SALAZAR, 2014), a força do *Instagram* insere-se no fato de que há uma sincronia entre a captura, o tratamento da imagem (realizado através de “filtros” especiais) e a disponibilização imediata das fotos através das Redes Sociais.

Os memes, geralmente, fundamentam-se sob um viés humorístico, todavia, Lima-Neto (2014, p.193), diz ainda não haver uma convenção em relação aos propósitos comunicativos, “[...] já que foram identificados propósitos variados numa mesma prática de linguagem, principalmente o humorístico”, e, de fato, entre os exemplares que compõem o *corpus* deste trabalho, percebeu-se uma alternância mesma na natureza de construção dos enunciados reproduzidos, que transitam entre a criticidade e o humorismo. O que damos por certo é a integração entre essas produções, os indivíduos e as comunidades das quais fazem parte, bem como a possibilidade do fortalecimento dos vínculos, já que se ligam à história e à perspectiva social, sendo estes elementos essenciais para as interpretações enunciativas em movimentos de cooperação mútuos que são efetivados entre os interlocutores.

Considerando, ainda, o traço do humor, Bérghson ([1978] 1983), ao se referir ao riso, diz que é preciso ser da “paróquia”, fazer parte de determinados grupos, em que temáticas desenvolvidas possam ganhar sentido, pois o riso funciona como uma espécie de gesto constitutivo da sociedade em si, sendo o próprio homem e suas marcas, a figura central na emergência e projeção do risível, tornando-se, sutilmente ou não, reflexo das percepções dos outros, dos nossos pares, que reverberam ecoante o riso, o riso da “paróquia”, a partir das concepções, convicções e valorações, e apontam, portanto, a posição desses atores nos espaços em que atuam. Isso aconteceria, por exemplo, nas propostas levantadas pelos memes. Há, assim, um jogo de “sutilezas” e “evidências” que precisam ser percebidos, uma construção feita nos limites entre o sugerido e o aparente para que desemboquem na possibilidade do riso pela descoberta de sentidos, às vezes, inesperados.¹⁶

Os memes podem tanto estar relacionados a um acontecimento ou a um evento que foi fortemente difundido em alguma mídia, e que, assim, serve como mote para a sua criação, bem como viralização, estando, desta maneira, temporalmente mais marcados ou mesmo serem elaborados e explorados a partir de questões mais gerais e/ou temáticas universais, incluindo as de cunho social, político e econômico; ao meme compete uma variedade múltipla de abordagens que contemplem as mais diferentes esferas e enfoques ou, ainda, levar “à discussão sobre algum assunto polêmico que esteja circulando nos meios de

¹⁶ Apesar de o humor ser a essência desse gênero, nosso intuito não é discorrer a respeito dessa temática nos memes, mas apenas evidenciar que ele está presente e faz parte desse constructo, atendendo às suas particularidades.


comunicação em determinado espaço de tempo” (PIMENTEL 2014, p. 78). É o que pode ser constatado no exemplo a seguir, **figura 4**.

Figura 4: Exemplo 3 de meme



(Fonte: Brasil de Fato, *Facebook*, abril /2015)

Para melhor situar, esse meme surgiu e viralizou, replicando-se na internet, através de 5.391 compartilhamentos, no dia 30.04.15, principalmente, nos *sites* de Rede Social, como o *Facebook*, em virtude da ação da PM (Polícia Militar) contra os professores e servidores estaduais do Paraná que protestavam em frente à Assembleia Legislativa do Estado.

A discussão em relação ao fato é levantada através da interação entre facebookeanos e seguidores da *fanpage* “Brasil de Fato”, onde, na lateral direita à postagem do meme, como podemos verificar, há um espaço para a expressão de opiniões que podem ser feitas por meio de comentários; os comentários, por sua vez, exigem um maior envolvimento daqueles que se propõem a publicar as ideias, em comparação à ação de “curtir”  ¹⁷ a postagem no mural ou, ainda, “curtir” um comentário publicado por outro usuário/perfil do FB.

¹⁷ O *Facebook*, desde o dia 24.02.16, conta com cinco novas possibilidades de interação, além do “curtir”,

chamadas de “*reactions*”:



A respeito dos comentários, de como podem ser constituídos, validados, assim como das relações estabelecidas entre eles e os interlocutores, tomando o comentário como gênero textual, além de seu vínculo com os memes, no *site* de Rede Social *Facebook*, o próximo subtópico buscará discorrer sobre tal dinâmica. Acrescentamos, a princípio, que os comentários podem ser percebidos dentro de uma configuração das novas tecnologias no que concerne ao aspecto de tempo e espaço, bem como na possibilidade de integração e interação entre os internautas, mas não só, pois através da estruturação própria do comentário, eles funcionam como uma espécie de “proposta”, ainda que não tomadas as devidas proporções pelos facebookeanos, dos potenciais de (re)significação construtivas, refletindo práticas interativas públicas e publicáveis na internet, onde as experiências podem ser assumidas através das representações ativadas pelos usuários da rede.

1.3 Comentários das postagens de memes no *Facebook*: configurações interativas

Compreendemos o espaço do *Facebook* (FB) como um ambiente que favorece a convivência entre atores sociais e, assim, faz emergir a partir das interações, eventos comunicativos e necessidades de operacionalização com uma diversidade de gêneros.

Para uma melhor configuração daquilo que constitui o *site* de relacionamento do qual se está falando, dado que ele conta com aproximadamente 1,48 bilhão de usuários no mundo, e cerca de 99 milhões encontram-se no Brasil¹⁸, cabe a exposição de algumas de suas particularidades.

Criado em 2004 por quatro estudantes da Universidade de Harvard, Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, o *site* atendia inicialmente a estudantes desta universidade, tornando-se, pouco depois, acessível a universitários de outras instituições de ensino superior, e posteriormente, a discentes do ensino médio e interessados maiores de 13 anos.

A princípio, o FB tinha como finalidade possibilitar a interação entre os estudantes através da troca de mensagens e fotos, mediante a criação de um perfil. Ao longo do tempo, foi

¹⁸ Segundo dados do *site* TechTudo, Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias /noticia/ 2016 /01/ facebook-revela-dados-do-brasil-na-cpbr9-e-whatsapp-vira-zapzap.html> Acessado em: 29/04/2016

incorporando outros recursos, tais como: formar grupos privados, fazer chamadas de vídeos, acompanhar a linha do tempo, criar eventos, etc., atingindo notoriedade, a partir de 2011, no Brasil.¹⁹

O *Facebook* não é a rede social em si. De fato, ele deve ser compreendido como um *site* que favorece intercâmbios e onde as trocas ali processadas, a partir dos atores, constroem as redes. Assim, através das interações, chega-se à formação dessas estruturas, onde laços fortes e fracos podem ser estabelecidos; os laços fracos estão baseados em relações mais difusas/dispersas, enquanto os fortes apontam para uma efetiva aproximação/intimidade entre os agentes.

Segundo Recuero (2009, p. 24), para existir uma Rede Social ou mesmo para que possamos defini-la, há necessidade da presença de dois elementos: “[...] atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”, ou seja, o *Facebook* não é uma rede social *a priori*, porque não dispõe de autonomia para realizar as conexões ou nós, mas viabiliza que os atores através de perfis criados, formem os laços com graus de influência diferentes e efetuem ligações ao utilizarem tecnologias, como: *tablets*, celulares, computadores, etc.

Essas trocas nas conexões podem ser realizadas, considerando circunstâncias e contextos, através de curtidas, compartilhamentos, chats e, atualmente, por reações, mas também via comentários, que em extensão podem ser compostos por até 60 mil caracteres a cada nova postagem; há, no entanto, uma indefinição nas *fanpages*, de grupos, instituições, artistas, etc., no que diz respeito à quantidade de “fãs”²⁰, mas também em relação ao número de vezes que um determinado interlocutor pode expressar-se, tanto nos perfis quanto nessas páginas. Desde que os “amigos” ou “fãs” não sejam excluídos/bloqueados, parece haver indeterminação em relação à quantidade de comentários por eles publicados, já que neste ambiente há possibilidade de retornos, diálogos, réplicas, tréplicas, etc., ou seja, os atores comunicativos podem participar quantas vezes julgarem válidas a sua manifestação via comentários.

Há, certamente, construções dinâmicas que favorecem a manutenção e/ou o afastamento nas relações estabelecidas, e que demandam empenho, tempo e dedicação dos atores no

¹⁹ Essas informações foram selecionadas a partir dos artigos da página da Wikipédia: "[Faça chamadas de vídeo e voz no Facebook usando o IM+ Video](#)". *iTouch BR*. "[Facebook Central de ajuda](#)". www.facebook.com

²⁰ Para os perfis pessoais, há um limite de 5.000 “amigos”, segundo dados encontrados em: <https://www.facebook.com/help/community/question/?id=618287328192458>. Acessado em: 18/05/2015

Facebook. Nos comentários, os interlocutores podem encontrar qualidade e funcionalidade para o atendimento das necessidades reveladas nas práticas em ambientes como os do *site*.

Torna-se, por vezes, mais perceptível a construção dialogal estabelecida entre os comentários e a postagens realizadas - uma notícia, um trecho de música, um meme, etc.-, e em outros momentos, a centralidade de diálogos está nas interlocuções realizadas entre os próprios facebookeanos, o que apontaria a existência, ainda mais concreta e interpretável de uma realidade dialógica tão cara à linguagem, ganhando face entre dialogias interlocutivas e interdiscursivas (CUNHA, 2011).

As possibilidades de trocas verbais ocorrem nas interações, em fluxos contínuos e múltiplos, pertencentes a um corpo social, em atitudes de responsividade (BAKHTIN, [1976] 1997) que validam um sujeito agente e mantenedor de enlaces com outros diálogos, discursos e caminhos, em um grande fio de interlocuções construídas no dizer. Há uma cadeia enunciativa ininterrupta e efetivada em situações concretas, em uma zona de contato entre a “realidade” e a língua, que estão ligadas às instâncias de produção, onde cada enunciado “é um elo na cadeia da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1997, p. 308).

Considerando as questões referentes aos comentários, enquanto gênero, concebendo estes como “mediadores entre o público e privado” (BORGES, 2012, p.131), há configurações e deslocamentos em sua incorporação ao *Facebook*, a partir de uma prática socialmente ambientada; considerando, para tanto, suas (re)significações e funcionalidades, os comentários remontam aos quadros de avisos presentes nos jornais, estando, em suas primeiras configurações, presentes no *Community Memory*, onde era possível deixar mensagens ou buscá-las através tópicos ou assuntos, ainda no ano de 1973. O que encontramos hoje, no *Facebook*, é uma certa semelhança às caixas de comentários já disponibilizadas pelos jornais *online* (COSTA, 2015), migrando tal gênero para outros espaços digitais, a partir dos potenciais e motivações interlocutivas.

A respeito dessas configurações, Costa (*op.cit.*, p.47) tece os seguintes dizeres, validando a dinamicidade e a fluidez do universo digital

[...]consideramos possível que o comentário *online* seja uma transmutação do comentário jornalístico, visto que podemos perceber algumas similaridades entre eles, especialmente, no que se refere ao propósito comunicativo, que é expressar uma opinião/avaliação sobre um determinado fato ou assunto divulgado na rede, com vistas à adesão do público leitor.

Para que os comentários sejam efetivamente publicados, existiria um mote ou uma espécie de gatilho que “impulsionaria” seu aparecimento e, estimularia, dependendo das temáticas, do envolvimento e do despertar da atenção, um volume maior ou menor desse tipo de interação, fazendo com que os usuários do *Facebook*, na condição de “perfis”, publiquem desde mensagens mais simples ou sintam-se tão motivados a ponto de tornarem esses espaços próprios, uma espécie de fórum, direcionando-se, segundo Recuero (2005, p. 6), a uma “[...] ruptura ou transformação” da rede.

As trocas efetuadas no FB, considerando a mediação realizada através dos aparelhos tecnológicos, são dadas de maneira *online*²¹, atentando, para tanto, à perspectiva de quem publica e quem comenta, e uma instância temporal demarcada cronologicamente; os comentários podem efetivar-se imediatamente após a publicação do *post* motivador, caracterizando-se como uma interação direta e quase simultânea, encaminhando-se à própria postagem, sem sobreposições entre estas e o(s) comentário(s), relacionando-se ao imediatamente publicado, e também destinar-se a outros atores que já tenham efetivado comentários, realizados minutos, horas, dias ou até meses antes, quer em relação à própria postagem quer a outros nós, estando ou não estes conectados. É o que se pode verificar na **figura 5** em relação ao síncrono ou assíncrono, no que diz respeito às publicações dos comentários, considerando que a divulgação do meme aconteceu dia 21.03 e, como exemplo, dois comentários são visualizados, um que se dá no próprio dia do *post* e um outro que é efetivado no dia seguinte, dia 22.03.

²¹ Assim como Barton & Lee (2015), concordamos e configuramos o *online e off-line* apenas para referirmo-nos “aos diferentes contextos situacionais em que a comunicação ocorre” (p.19)

Figura 5: Exemplo 4 de meme e efetivação dos comentários marcados no tempo



(Fonte: Memetizando, Facebook, mar/2015)

De acordo, ainda, com Costa (2015), o que corrobora com as orientações anteriormente tomadas, no que diz respeito às características do gênero em evidência, teríamos traços de: informalidade, pouca monitoração e constante atualização. Quanto ao que se refere à constante atualização, compreende-se que pelo fato do FB disponibilizar algumas ferramentas ou instrumentários, comentários podem ser tanto deletados (apagados) como reconfigurados, através do “editar”; podem, ainda, “ser curtos ou mais extensos, e mantêm uma relação temática com a postagem ou comentário” (p.76), o que pode levar o leitor, como já explicitado anteriormente, dentro das suas escolhas, objetivos e relações, com uma realidade interpretável do FB, a diálogos entre “comentaristas” ou a respostas e referências atribuídas unicamente à postagem do meme na *fanpage*, como ponto de partida, considerando, para tanto, conhecimentos significativos e edificados grupalmente, em coconstruções.

Interessante, pois, é compreender que as atividades realizadas pelos comentaristas desembocam em ações que são percebidas e interpretadas, assim como exibição do meme, a partir do que é tornado significativo e das (re)laborações, que contam com as representações

acessadas e acessíveis, mediante enquadramentos e modelos arquivados, mas reconfigurados nos momentos próprios das interações, onde passam a ganhar sentido, e estando, então, tais gêneros inseridos socialmente, na representatividade, na força, nos deslocamentos e nas compreensões possíveis que serão efetivadas em razão a um corpo que socialmente estrutura e atribui a esses constructos relações, a partir de como a eles se reage, a eles se recorre e eles se interpreta, em como tornam “típicas” as atividades, que são socialmente constituídas, o que leva-nos, inclusive, a compreender que o próprio processo de construção e configuração do comentários está embebido em conhecimentos prévios e procedimentos de ressignificação, a partir de uma perspectiva que considera esses sujeitos interagentes situados e detentores de uma cognição que não se configura, apenas, internamente, mas se processa enquanto fenômeno social, a partir também de uma memória que é significada culturalmente; consideramos, pois a existência de um “sujeito socicognitivo frente a uma relação indireta entre os discursos e o mundo, que participa no mundo no cumprimento de suas atividades sociais e o estabiliza [...]” (LIMA, 2014.p.120).

É válido ressaltar que nem sempre as relações entre os comentários- considerando o fato de que comentar é dizer algo, fazer observações, analisar, são dadas de maneira pacífica, e encontram reflexo no que Recuero (2009, p. 37) afirma, ao dizer que “as relações não precisam ser compostas apenas de interações capazes de construir, ou acrescentar algo. Elas também podem ser conflituosas ou compreender ações que diminuem a força do laço social”, o que pode ser visto em diferentes comentários, a partir dos parâmetros tomados como orientações, já que as respostas sinalizadas e as (re)apropriações feitas pelos interlocutores desenham caminhos que apontam para concordâncias, adesões ou, do contrário, negações, recusas, objeções, apesar de a rede ser construída entre “amigos” ou “curtidores”/ fãs, o que em certo grau diminuiria a zona de conflito e geraria movimentos mais cooperativos, a fim de manter os laços; no momento em que os atores passam a integrar, por exemplo, as *fanpages*, que operam como grupos abertos, demonstra-se prevalência de laços mais fracos, facilitando o aparecimento de conflitos dado o distanciamento entre os atores e, talvez, uma menor necessidade de preservação da face.²²

Estes movimentos acabam revelando através dos comentários postados, aproximações ou afastamento, virtudes, habilidades, concordâncias e discordâncias de posicionamentos, e

²² Para melhor detalhamento das questões relativas à face, Cf. Goffman (1974)

também o quanto de empenho pode haver entre os interlocutores em minimizar ou favorecer a criação de ambientes “estáveis”, respaldados pela velocidade, acessos e conexões, que, por vezes, proporcionariam uma interação mais próxima ou semelhantes às que ocorrem face a face.

O que se pode conceber, então, é que as atividades desenvolvidas por meio das reflexões fundamentadas nesse processo de escrita está, antes de tudo, amparado ou implicado em interpretações de atividades socialmente ambientadas e disseminadas, sob as quais operam avaliações, baseadas também em validações coletivas, a partir do que se torna possível atuar enunciativamente/textualmente via comentário, considerando esquemas de cunho representativista, mas também ligados a saberes de ordem comunicativa na possibilidade de significações.

A dinâmica das interações localizadas através dos comentários, observados a partir do *click* na publicação, via *Facebook*, segue uma dada ordem: vão das mais recentes às mais antigas, verificáveis a partir da visualização data/hora, que considera como referência a postagem mote. Há também a possibilidade da seleção dos comentários de acordo com uma ferramenta que organiza a disposição entre os “Principais comentários (sem filtro)”, “Mais recentes” e “Principais comentários (mais relevantes)”. Os comentários podem ser visualizados a partir do movimento com a barra de rolagem, com exceção dos quatro ou cinco primeiros que, geralmente, aparecem após o *click* no *post*. Para ver os demais, basta ir acessando o “ver mais comentários”. Alguns desses pontos podem ser constatados abaixo, na **figura 6**.

Figura 6: Exemplo 5 de meme/ Comentários no Facebook a partir da publicação e click no meme-mote²³



(Fonte: Futebol da Depressão, Facebook, mar/2015)

Há, por certo, no espaço onde transitam os comentários, influências mútuas, construções colaborativas, graus de autonomia e força participativa na exposição de ideias, que podem atingir um grande poder de circulação e, por isso também, encontram pares coincidentes e/ou divergentes, o que pode demonstrar, em certo grau, o nível de comprometimento ou não, do que se materializa linguisticamente, gerando “novos” efeitos de sentido, considerando, para isso, as intenções e as demandas interativas a partir de posições que são assumidas pelos interagentes.

É perceptível uma certa abertura para que os leitores/escritores utilizem o espaço disponibilizado para comentar, mas ela não é plena, dada a moderação que pode ser realizada nas *fanpages*, ou mesmo na “força” que outro e qualquer usuário do FB, seja ele seguidor da página ou dono do perfil, tem para exercer o papel “moderador”. Este justifica, através da

²³ O que chamamos por meme-mote é aquele que, a partir da sua postagem inicial em uma *fanpage*, por exemplo, gera uma série de comentários ou outras práticas interativas.

“denúncia”, os motivos que o levaram a considerar determinada publicação imprópria²⁴, sendo o gerenciamento e considerações finais realizadas pelo próprio *Facebook*, que decide pela manutenção ou exclusão da postagem.

De acordo com o levantamento traçado por Pimentel (2014), exposto em ordem decrescente (quantitativamente) a partir da circulação e recorrência no *Facebook*, são elencados os seguintes gêneros: cartão *Facebook* (memes), fotografias com comentário, charges comentadas, anúncios publicitários, tirinhas, trechos de músicas, cartões de felicitação, citações, quadrinhos e vídeos, como os de maior incidência no site de rede social, encontrando nele um ambiente propício para, de acordo com as interações, cumprirem, os agentes, seus propósitos interlocutivos.

Aqui, segue uma breve observação: há possibilidade de manifestação, via comentários, para todos esses gêneros acima citados, a exceção dos anúncios publicitários (“*Patrocinado*”) localizados na lateral direita do perfil dos usuários; há a compreensão de que os próprios comentários podem ser configurados enquanto gênero de alta circulação no ambiente do *Facebook*, já que pertencem a uma esfera onde a recorrência é evidenciada, em que os atores de comunicação reconhecem-no, interpretam, validam e deles fazem uso, percorrendo uma finalidade comunicativa situada e orientada, mas também manifestando juízos, valores, opiniões e compreensões acerca do que foram expostos, como anteriormente já pontuado, a partir da ocorrência de outros gêneros que seriam propulsores; os comentários são compartilhados entre aqueles que, por meio das conexões, vão construindo uma rede entre discursos ou entre os próprios interlocutores (CUNHA, 2011).

Isso possibilita que encaremos os comentários não só como gênero que encontra abrigo no *Facebook*, mas também como um gênero de grande potencial de incidência, considerando as relações estabelecidas entre os usuários e os impactos de suas participações à publicação de respostas/comentários, que podem levar a discussões sobre determinado assunto, desde fatos e aspectos rotineiros/cotidianos/comuns a questões que se dirijam ao ativismo social e político, transitando do humor à crítica.

²⁴ Sobre esse recurso, o *Facebook* diz: “Removemos esses conteúdos que não estejam seguindo os Termos do Facebook (exemplo, nudez, *bullying*, violência gráfica, spam). Se você se deparar com algo no *Facebook* que não siga os Termos do *Facebook*, use o link de denúncia ao lado da publicação ou foto para enviar uma denúncia”. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/212722115425932>. Acessado: 05/05/2015

Nestas redes interlocutivas, a construção de sentido(s) vai emergindo por meio da linguagem, que em nada é clara e objetiva em essência, mas ganha existência, consistência e possibilidade nas trocas elaboradas por meio das realizações linguísticas. É, pois, considerando as dinâmicas interlocutivas, a pluralidade de caminhos percorridos pelos atores, bem como os aspectos que conferem (re)significações, mediante as interações, levando a elaborações interpretativas com base em usos concretos, que iremos discorrer no próximo capítulo, tentando trilhar caminhos que nos levem a perceber como configurações em torno da compreensão textual são possíveis e evidenciam-se, considerando que, para isso, perfis de mundo são construídos, não havendo sobre ele uma intervenção direta, mas sempre uma atuação mediada.

CAPÍTULO 2

DESCORTINANDO SENTIDO(S): A COMPREENSÃO TEXTUAL

“O melhor é pensar em termos de sujeito-objeto-sujeito: duas subjetividades criando uma realidade intercomunicável. Sentidos são bens humanos e não fenômenos naturais”

(Marcuschi, 2002, p.60)

2.1 Noções de compreensão - a emersão de sentido(s)

A língua, as produções e as compreensões textuais não devem ser tomadas em enquadres de permanência ou inércia, muito menos o/um sentido que se revela exclusivamente na decodificação, ainda que esta seja uma das etapas do ato de ler e interpretar. Considerando-se a natureza do ato de ler, Kleiman (2002, p. 12) comenta que a leitura deve ser observada como um “processo psicológico em que o leitor utiliza diversas estratégias baseadas em seu conhecimento linguístico, sociocultural e enciclopédico”. Aponta-se para o processo de compreensão, no trato com texto, como múltiplo, elaborado em uma dinâmica de cooperação, em realidade agentiva, e que recorre para sua real efetivação a uma vasta gama de saberes instanciados na pluralidade.

Assim como a leitura, os arranjos proporcionados pela língua não são dados de maneira fragmentária, mas também a partir do conhecimento do código e das representações que os sujeitos, envolvidos em embates linguisticamente orientados, empenham-se na (re)construção de materialidades e exploram/expõem suas representações, mediante uma organicidade concebida enquanto texto.

Consideramos o texto não através de uma perspectiva estruturalista, como um conjunto de elementos de ordem estritamente gramatical ou, ainda, concebido enquanto um produto logicamente orientado e finalizado, como uma espécie de condutor que através de um movimento de decodificação realizado pelo sujeito-leitor traria à tona o reconhecimento ou o acesso direto aos pensamentos/mensagens do autor-produtor. Tomando essa perspectiva como

base, não haveria espaço e abertura para o extralinguístico e as construções seriam elaborações sedimentadas nas relações de objetividade; por consequência, a compreensão em nada se ampararia em um movimento efetivamente cooperativo e interativo, como assim a consideramos, e os usuários da língua sujeitar-se-iam às mesmas possibilidades interpretativas, infindavelmente repetidas, controláveis e únicas.

A emersão dos sentidos dar-se-ia, nesses moldes, de maneira clara, linear e limitada, com uma língua que denotaria correspondência entre referentes e mundo, apontando para certa passividade dos sujeitos, minimizado suas atividades a mero reconhecimento e reprodução de uma realidade textual focalizada em estruturas e superfícies. Assim, são considerados, em uma abordagem estrutural sobre a língua, apenas, os fatores de ordem cotextual, não integrados a outros elementos - cultura, história e sociedade- no universo da compreensão, sem que sejam, por exemplo, alcançados os não-ditos, posto que não são explicitados pelo código.

O que há, no entanto, é a repercussão da realidade humana localizada, que articula e interconecta o aspecto histórico, social e cognitivo, enquanto bases constitutivas dos interagentes, e contribui, essencialmente, para os deslocamentos realizados em movimentos interpretativos, a partir de produções textuais, no auxílio das (re)construção de significados intencionados ou não pelo “autor” do texto e, conseqüentemente, na interpretação da realidade, pois situados estamos e construímos “nossos mundos através da interação com o entorno físico, social e cultural” (KOCH, 2009a, p.79), mas também através dos nossos modelos, que operam (socio)cognitivamente na elaboração das situações discursivas que vão se revelando; a língua, então, mostra possibilidades de faces na interação e na atuação dos sujeitos sobre ela, em um mundo de coletividades, onde os agentes adequam-na às possibilidades e aos efeitos/objetivos supostamente pretendidos através de (re)elaborações, a cada nova enunciação, por sujeitos que constroem e são construídos textualmente.

A compreensão pode ser validada, assim, como a construção de sentidos globais, mediante pistas linguisticamente apresentadas nos textos, ganhando contornos em uma atividade de coautoria, pois os sentidos não são de antemão dados e localizáveis, e dependem, como ressalta Carvalho (2014), das posições que os sujeitos ocupam, sejam: sociais, históricas, culturais ou ideológicas, em uma relação dinâmica e ricamente estruturada entre coletivo e

individual, social e cognitivo, interno e externo, biológico e grupal, inter-relacionando-se em atuação conjunta. Os movimentos desempenhados para a construção das significações efetivam-se não em caráter isolacionista, mas através de uma rede integrada onde há negociação e operacionalização de recursos e elementos vários, a partir de um trabalho refinado de competência humana.

É importante salientar que não existem compreensões definitivas, singulares, mas sim convergentes, já que um texto mostra-se como “potencialidade” interpretativa entre o explicitado e o parcialmente complementado pelo trabalho dos leitores/ouvintes; ao transcorrer do tempo, há a possibilidade do aparecimento de novas significações, como sinaliza Marcuschi (2011a, p.92), já que “(...) o texto acha-se em permanente elaboração ao longo de sua história e das diversas recepções pelos diversos leitores”, pois as vivências e particularidades dos sujeitos experienciadores ativam uma pluralidade perceptiva, mediante o adquirido, armazenado e ativado para/na compreensão textual.

Para cada texto escrito ou enunciado, circunscrito em um gênero, há também a solicitação de leituras e comportamentos diferenciados, de modo tal que os interlocutores não assumem as mesmas posturas quanto a objetivos e intenções, lançando olhares e apropriando-se de maneiras distintas à leitura que procedem e às interpretações admitidas, em caminhos que possibilitam multiplicidades na (re)criação do sentido(s), em acordo com os interesses e finalidades, como nos aponta Solé (2009), em acessos que se dão sempre de maneira indireta.

Para que leituras e compreensões sejam efetivadas, considerando que ler não é meramente identificação mecanizada de informações, estratégias de alta complexidade são efetivadas, como: a seleção de dados, construção de relações entre eles, atenção a certas informações presentes no texto, pondo-as em maior ou menor grau de relevância, durante a leitura/escuta, etc. Ao utilizar-se de tais mecanismos, os interlocutores buscam a(s) (re)construção(ões) de sentido(s) dentro de margens possíveis, a partir de uma diversidade de perspectivas cabíveis, ativando esquemas e conceitualizações, que são revelados e tornados conhecidos de acordo como os contextos sociocognitivos dos interlocutores.

A compreensão, entretanto, não é uma arena onde tudo é válido, apesar das variadas maneiras de proceder com a leitura, como aponta Marcuschi (2008), pois existem “autorizações” ou “horizontes”. Eles requerem, para que haja sucesso interpretativo, uma

certa equidade entre o universo do texto e os conhecimentos do leitores nas (re)elaborações de realidades textuais, lugar onde os agentes atuam cooperativamente e por negociações no estabelecimento de conexões/elos.

O texto torna-se, então, o lugar, o espaço, para se atuar de maneira reflexiva, sobre o qual, a partir de um processo de coprodução, procede-se a avaliações, verificações e complementações em pontos de preenchimento, em caminhada interpretativa avaliativa, a fim de que, considerando as pistas lançadas, proceda-se a uma ou a outra interpretação, mobilizando memórias e estabelecendo articulações entre cotexto e modelos de contexto, que são ativados pelos interlocutores.

O papel desempenhado pelo autor/produtor demonstra uma atividade também complexa quanto à produção por ele efetivada, pois pressupõe audiência, traça caminhos e lança âncoras consideradas recuperáveis por seus interlocutores, prevendo compartilhamento de enquadres cognitivos similares. A compreensão pode ser vista como uma atividade que requer cumplicidade com o texto, a fim de que implícitos e ideias não reveladas na superfície textual sejam acessados, bem como concepções ideológicas trazidas à consciência do leitor, a partir de uma imersão mais profunda e engajada. (MARCUSCHI, 2011a)

Uma atividade leitora realmente interativa e tomada por coerente se vale das construções de um mundo plural e fluído, mas que ao mesmo tempo costura-se em um *continuum*, o que possibilita formulações, reformulações, aceitações, recusas, predições, etc., edificando-se enquanto uma atividade responsivo-ativa (BAKHTIN, ([1979] 1997), mas também se faz no entrelaçamento das vivências, quer com outros textos e leituras, quer com as experiências nos campos que compõem as mais diversas esferas da vida. Este somatório colabora e justifica, em alguma medida, as compreensões diversificadas e globalmente convergentes, quando do descortinar das intencionalidades, apontando para o(s) sentido(s) que não estão no texto em si, mas no interativamente constituído.

Entendemos, então, o texto de acordo com a perspectiva e as reflexões delineadas por Koch (2009a, p.9) como “[...] um constructo histórico e social, extremamente complexo e multifacetado, cujos segredos (...) é preciso desvendar para compreender melhor esse ‘milagre’ que se repete a cada nova interlocução”; isto é, elabora-se e torna-se compreensivo à medida que esforços são empregados pelos coenunciadores. Aponta-se para interação e

interconexão dos sujeitos e dos conhecimentos, o que também revela a heterogenia própria à língua e firma aquele constructo como um elo entre as práticas sociais que são (re)significadas a cada novo contato entre o sujeitos e a palavra, sendo os interagentes (*op. cit.*, p. 20) “contemporâneos ou não, copresentes ou não, do mesmo grupo social ou não, mas em diálogo constante”.

Considera-se, portanto, a emergência da materialidade linguística a partir das articulações realizadas entre os agentes, o objeto (o texto) e o acesso a conhecimentos, que compõem um corpo de saberes relevantes e acionáveis nos movimentos de construção e reconstrução de significações, ligando os conhecimentos pressupostos ao explicitado textualmente, favorecendo um equilíbrio entre as informações dadas e os não-ditos, porém recuperáveis. Para tanto, deve-se contar com uma organização sistematizada, adequada, ajustada e escrita dentro de padrões pertencentes à situação comunicativa, que possibilite traçar e verificar hipóteses e garanta “que o leitor compreenda o texto e que (...) construa uma ideia sobre seu conteúdo, extraindo dele o que lhe interessa, em função dos seus objetivos” (SOLÉ, 2009, p.31).

Gradualmente, os sentidos vão sendo formatados e reformatados, construídos e reconstruídos, sem que haja uma linearidade sistematicamente pré-definida e configurada; eles completam-se ou complementam-se à medida que se avança no contato com a materialidade linguística, em conexões e articulações que deslizam em direção a significações sustentadas pelas assunções do autor-enunciador e do texto que se está a explorar.

A leitura, portanto, não é uma habilidade natural (inata), mas aprendida, e seu encaixe às configurações humanas - biológico, social e cultural - interferem na forma como a compreensão se realiza. Dependemos também de um sistema visual, mais especificamente quando tratarmos de textos escritos, e de um aparato cognitivamente equilibrado para que sejam efetivadas as interpretações, já que não são realizadas, apenas, através de informações pinçadas, do pontualmente reconhecido, em meio a unidades soltas e desarticuladas, mas ligações amparadas entre diversos conhecimentos disponíveis e utilizáveis, somados a conhecimentos já internalizados e selecionados, pois “quem compreende precisa mostrar que compreendeu e fazer uso do que foi compreendido de forma a modificar sua situação cognitiva inicial” (LÖBLER & FLÔRES, 2010, p.182).

Amparar-se, portanto, em concepções que operem numa perspectiva onde sentidos são estabelecidos a partir de relações unívocas, em mera decodificação ou ainda em arranjos de letras e sílabas, é um recorte que não permite avanços e possibilidades que desemboquem no saber ou articulações para conhecimentos mais elaborados, dado que a compreensão está para além da exploração da significação de um vocábulo, do conjunto de algumas palavras ou da mera disposição destas no texto.

No que diz respeito ao quadro das compreensões e percepções, considera-se e valida-se também o aspecto temporal, como salientado por Leffa (1996), pois as (re)significações são viabilizadas nas interlocuções e afetam as “consciências” quando banham-se nas realidades discursivas, gerando intercâmbios significativos que são (re)construídos, possibilitando que os textos, enquanto instrumentos comunicativos, orientem-se dentro de certas realidades socioculturais e propaguem, como afirma Gonçalves (2008, p.148), “valores, ideologias, conhecimentos sobre o mundo”, requerendo uma agentividade reflexiva e consistente.

O sentido, todavia, como aponta Melo (2008, p.90), “(...) dá-se por aquilo que o leitor ou produtor de um texto vê em seu mundo particular, que é um mundo também de coletividade”; as angulações são/estão embasadas nas singularidades que constituem os sujeitos e a elas tornam-se ajustáveis, mas são em algum grau compartilháveis, pois pautam-se ou apoiam-se no socialmente representado, e por elas somos afetados, já que as produções humanas orientam e exercem força estruturadora.

Para que essas produções possam ser compreendidas enquanto formações linguístico-textuais que se desdobram em sentidos, há um grande empreendimento por parte do leitor/ouvinte. Este desenvolve uma série de estratégias e parte da premissa direcionadora que o faz crer, ser toda aquela organização não só dotada de uma verdade, mas também articuladora de coerência, ainda que não se considere a coerência como existente no texto em si, mas resultante de uma atividade empreendedora dos interlocutores.

Bentes (2012) traz uma interessante perspectiva quanto aos papéis desempenhados pelos interlocutores nos movimentos que executam para atingir o alvo, o(s) sentido(s), e nos níveis cooperativos por eles a serem lançados mão, considerando, para tanto, as funções preenchidas e os enquadres situacionais, pois “a atitude do leitor ou destinatário ante uma determinada produção textual pode ser mais ou menos cooperativa; isso dependerá uma série de fatores, entre eles, o próprio papel social do leitor ou destinatário” (p.276).

Os direcionamentos veiculados pela estudiosa levam-nos a entender a impossibilidade de se negar imagens produzidas, perspectivas assumidas, valor atribuído às produções textuais e a importância social com a qual se julga o hábito ou atividade leitora, dada a relevância e a particular importância que tal prática exerce no meio cultural, posta a sua capacidade transformativa, que circunscreve os acordos estabelecidos entre as sociedades e suas tradições: desde a valorização do instrumento leitura e seu *status* social e econômico, bem como a forma como essas interações são reconhecidas pelos grupos de indivíduos, mas também as práticas adotadas e a significação que podem favorecer a imersão em diferentes territórios do saber.

Considerando o aspecto social, o pertencimento grupal, a não desvinculação das individualidades, os arranjos e acordos das dinâmicas processadas em (inter)textos e os aspectos político-econômicos, como apontado por Paulino (2001), encaminha-se para amplitude daquilo que envolve o quadro do processamento textual, a sua construção apreensiva, a partir de um oceano margeado por possibilidades, em atuações ora conscientes ora inconsciente do ato de ler e do que circunscreve os domínios e investimentos da prática leitora.

No que tange aos processos conscientes e inconscientes, Leffa (1996, p.153), assim como Paulino (*op. cit.*) concordam quando abordam a existência de um trânsito entre estes níveis e os subprocessos, apontando para uma variação “desde o nível inconsciente do processamento gráfico até o nível altamente consciente de atenção, exigida em tarefas como a monitoração da própria compreensão”, demonstrando, portanto, a realização de trocas ininterruptas entre essas instâncias.

O que isso faz refletir é que, embora tal atividade seja realizada a partir também de subprocessos, a operacionalização entre eles não se dá de forma desconexa. Para que seja possível uma efetiva orientação que reflita potencialmente na significação, todo o trabalho entre essas instâncias, em movimentos de maior ou menor vigilância, desloca-se por caminhos que validem o trajeto da leitura, fazendo com que as unidades trabalhem conjuntamente, a fim de que possam, como uma engrenagem, concorrer para um funcionamento orgânico, em trabalho articulado e harmonioso.

A compreensão desse todo, a partir da materialidade textual, desdobra-se em ocorrências interpretativas similares pelos agentes, posto que “existem inúmeros elementos no texto que

nos encaminham em direção semelhante” (COSCARELLI & NOVAIS, 2010, p. 38), demonstrando, assim, que para cada situação enunciativa há estratégias, ações, buscas e sinais que concorrem para a existência de uma certa “estabilidade” na construção significativa, procedendo a (re)formulações que possam ser sustentadas pelo próprio texto, sem, contanto, deixar de considerar a dinamicidade que envolve tal processamento, mas sem também facilitar aproximações que levem às extrapolações, atingindo “horizontes indevidos” que, como definiu Marcuschi (2008), compreenderiam uma atividade leitora conduzida a interpretações indevidas, em graus de incompatibilidade e impossibilidades, relacionadas a um determinado texto, gerando sentido(s) equivocado(s) e bastante problemáticos(s)

O leitor, durante a (re)construção das informações e mensagens, vai validando os comportamentos, checando os caminhos que podem ser percorridos, com o intuito de que a atividade sobre a qual se debruça seja efetivada o mais eficazmente possível através das decisões, observações e constatações que o levem às camadas mais profundas em sua experiência de leitura, do explícito ao implícito. Assim, utilizando-se de habilidades e estabelecendo focos de interesse, compreendendo que não se está tratando com um recipiente ou um depósito, onde as informações são despejadas e ganham vida, cede-se, pois, “espaço” às trocas e às complementações efetivadas e (re)atualizadas nos câmbios e nos diálogos executados.

Não há, portanto, passividade leitora, e apesar de ser um movimento realizado de maneira individual, insere-se, pela própria constituição e organização humana, dentro de um conjunto, sugerindo potenciais de significação em atividade dialógica, pois

[...] fazer sentido (ou interpretar) é necessariamente uma operação social na medida em que o sujeito nunca constrói o sentido-em-si, mas sempre para alguém (ainda que este alguém seja si mesmo). Construir sentido, como já ilustramos, implica em assumir uma determinada perspectiva sobre uma cena, perspectiva que é também mutável no próprio curso da cena. (SALOMÃO, 1999, p.71)

A Linguística aponta para a existência de posturas, inclinações e vieses perceptivos contornados pelas relações estabelecidas entre vivências, experiências, memórias, acúmulo e acomodação, sociais e culturais, em processos elaborativos através de capacidades e habilidades cognitivas próprias da espécie humana que, no contato com os outros agentes de interlocução, auxiliam e orientam a construção de “mundos” de sentido(s) através da linguagem.

Compreender, torna-se, de certo modo, uma explicitação de universos, daquilo que foi possível acessar e construir, tomando como base as ordens cognitiva, ideológica, social e cultural repertoriados e processados de maneira única, no entanto, compartilháveis com outros seres com os quais se interage em espaços diversos da vida, a partir de conhecimentos que foram/são publicamente organizados e aceitáveis, em discursos e versões socialmente validados, que apontam para a complexidade de uma língua viva, em que convenções vão sendo exibidas mediante negociações (CARVALHO, 2010; MARCUSCHI, 2002).

Toda essa complexa rede de relações, desemanhamentos e articulações só ocorrem no contato real e efetivo com a materialidade enunciada linguisticamente, em que o texto funciona como um “[...] *input* e é processado pelo leitor, que realiza diversas operações simultâneas e integradas, gerando, a cada momento, sentidos que podem ser mantidos, enriquecidos, reconstruídos ou modificados a cada segundo de leitura” (COSCARELLI & NOVAIS, 2010, p.38).

Não há, partindo dessa perspectiva, como dizer que as palavras ou sequências arranjadas carregam em si e por si mesmas o significado, pois existe um dinamismo próprio a cada nova situação, fazendo emergir estruturas significativas, sem que, no entanto, todas as determinações prévias sejam estabelecidas, mas sem também contarmos com uma vagueza absoluta dos elementos que compõem a língua, pois elas, em algum grau, apontam para uma certa perspectiva em virtude das práticas comunicativas e de um processo de cooperação, na atuação de sujeitos cognitivos situados, que refletem domínios e práticas das comunidades às quais pertencem.

Como aponta Lima (2001, p.22), “a linguagem desencadeia operações mentais, que terão papel fundamental na produção de sentido”, isto é, os significados são construções de ordem cognitiva que ganham estruturação, reconfiguração e atualização, considerando-se, para tanto, as diferentes vivências intergrupais, os saberes distintos, reunidos e ativados, mas acumulados também ao longo do percurso evolutivo humano, quer tratemos de conhecimentos ou práticas, ativados, certamente, dentro das parcelas que compõem as individualidades desses agentes de linguagem.

A fim de discutir de forma mais aprofundada como podem ser efetivadas as compreensões, apontadas como processualmente constituídas, e tomando por base uma diversidade de

saberes - linguístico, enciclopédico, interacional-, bem como as implicações dessa diversidade no processo interpretativo e a própria condição sociocognitiva dos sujeitos linguajeiros, pretende-se que o próximo subtópico possa dar conta de algumas questões mais específicas sobre produção de sentido(s), sem pretender, contudo, esgotá-las, dada a sua abrangência e possibilidades de enfoque.

2.2 A compreensão textual na perspectiva da sociocognição

Para se ter um pouco mais de clareza a respeito da perspectiva de compreensão permeada pelo viés sociocognitivista aqui adotado, antecipamo-nos em dizer que as compreensões e percepções humanas baseiam-se entre o socioculturalmente apreendido, através das relações estabelecidas com os nossos pares, e os “esquemas cognitivos internalizados” (MARCUSCHI, 2008). Isso revela que os sujeitos estão ligados a memórias discursivizadas acessíveis a partir do estabelecimento de relações interlocutivas, orientadoras da agência linguística e que se desdobram em tentativas interpretativistas, para isso, percorrem caminhos não linearizados e múltiplos (MARCUSCHI, 2011a) ; são consideradas as construções experienciadas, que apontam para a existência de unidades de compreensão em domínios mais amplos, não unívocas e, tampouco, imutáveis, sobre as quais há grande empreendimento por parte daqueles que se encontram na “ponta” do processo: os leitores/ os ouvintes.

Como elucidada Marcuschi (2008, p.230), ao abordar a questão da compreensão, esta caracterizar-se-ia como “mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade”. Há, para que isso seja possível, um emaranhado de conhecimentos, saberes e mobilizações que se coadunam em processos de (re) atualização, a partir de sujeitos integrados, inseridos e situados em contextos sociais compartilhados.

Os interlocutores, em dinâmicas mediadas por textos, auxiliados pelo uso da língua, que se constitui e é constituída em razão da natureza humana, revela a coletividade, a historicidade e a cultura, em memórias que sobressaltam, sedimentam, alimentam e estruturam as tomadas de perspectivas das ações de linguagem, amparando-se em uma mente que “[...] necessita organizar as vivências e experiências de modo significativo e articulado [...]” (FERREIRA & DIAS, 2004, p.440). Há, assim, uma integração e/ou uma coletivização das experiências, que

são tomadas e reconhecidas enquanto significativas, não deixando, todavia, de se considerar os “filtros” reflexivos individuais e os recortes feitos por cada sujeito, que permitirão os acessos a esses “mundos discursivos”.

Deslocamo-nos das bases que atentam a uma mente individualizada, centrada exclusivamente nas capacidades e funcionamentos cognitivos do leitor/ouvinte, como um corpo que se circunscreve ou aloja-se em uma espécie de bolha, para uma vertente que entende a cognição dentro de um plano sociocultural integrado (KOCH & CUNHA-LIMA, 2005), em que eventos, realidades e não-realidades efetivam-se em projeção/reflexões respaldadas por uma linguagem que as “evidencia”, evoca e reinvoça, em uma dinâmica processual de movimentos interativos e flexíveis.

Concordamos, então, com o que Oliveira & Silveira (2014, p.92) expressam ao tratarem do processamento cognitivo e de uma cognição social a partir de uma simbiose entre “dispositivos biopsíquicos e cerebrais e o meio social”, ou seja, não se desconectam as possibilidades próprias da constituição particular de cada ser e o seu processo interativo com outros indivíduos; operacionaliza-se com todo o aparato cognitivo, compreendendo, pois, a inserção e a necessidade de apreensão de realidades que são socialmente dimensionadas.

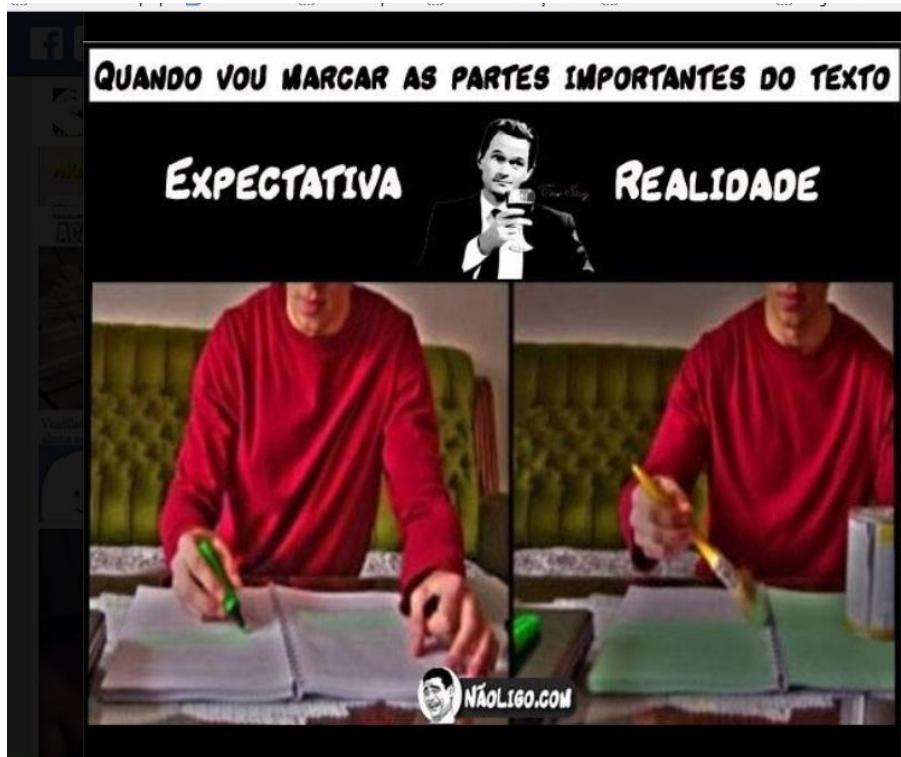
Se assim não o fosse, “apropriações” e configurações enunciativas, como a que se segue, tornar-se-iam ininteligíveis pelos interlocutores em práticas de linguagem onde “outros” estão inseridos e contribuem para que o fio comunicativo extenso e contínuo permaneça aberto a novos caminhos

O meme, a seguir, evoca uma prática reconhecida e estabelecida dentro de uma cultura, bem como seu funcionamento: uso do marca texto. Tal configuração torna-se possível e acessível, pois se reconhece, dentro do socioculturalmente apreendido, que tal dispositivo, a partir de alguma função prevista, serve para sublinhar o que é ou deveria ser tomado como relevante à leitura de um texto.

Ao ser publicado e difundido, o meme requer que seja acessada e reconhecida uma dada realidade ou prática, atentando ao socialmente manifestado e apropriado pelas práticas dos sujeitos em uma comunidade, o que propicia (re)construções ou ativação e emergência de uma “verdade” modelar, que permite resgatar significações, dadas as convenções específicas e as manifestações ativadas no arranjo do meme.

Assim, o meme da *figura 7* pode levar ao reconhecimento de um sujeito qualquer, um “eu indeterminado”, ao projetar o autor a sua audiência, considerando os repertórios e experiências comuns, através de aproximações e afastamentos, quando de forma bem humorada, estrutura o que deveria ser feito (“*expectativa*”) e o que efetivamente é realizado (“*realidade*”) no uso da caneta marcadora, resultando, entre outras práticas disponibilizadas no FB, a emergência de comentários acerca da temática apresentada, que só são possíveis em virtude de um conhecimento prévio, que funciona como parâmetro na ação discursivamente pretendida e materializada, ancorada também no universo textual, relacionada a práticas e intercâmbios, revelando, portanto, conhecimentos do contexto sociocognitivo dos interlocutores, posto que são ativos e agem seletivamente buscando atribuir sentido ao que leem.

Figura 7: Exemplo 6 de meme



(Fonte: Mundo Memes/Facebook)

A atividade interpretativa se dá, portanto, dentro da uma prática conjunta, permeada por ações sociais que fundamentam as ações cooperativas, inter-relacionando conhecimentos e experiências que possibilitem através de intercâmbios a emergência de sentidos orientados, ordenados, “unificados” e cercados por estruturação lógica. Tais relações desenvolvem-se a partir de complementariedade, delineamento de objetivos, bem como da atenção conjunta ativa, que buscam o estabelecimento de elos, já que “o sentido das palavras e textos não lhes é imanente e não é depreensível numa atividade de cálculo com regras previamente estabelecidas” (KOCH & CUNHA-LIMA, 2005, p. 295), configurando-se, portanto, como “uma atividade dialógica que se dá na relação com o outro” (MARCUSCHI, 2011a, p.97).

Por se considerar a compreensão como uma construção e não um produto de ações humanas, entende-se a existência de uma interação entre elementos de naturezas plurais - sintática, semântica, pragmática e cognitiva – em relações pautadas nos mais diferentes níveis que compõem a atividade linguística, em um dinamismo próprio de linguagem e dos eventos materializados textualmente, em que podem ser reconhecíveis intenções argumentativas através de uma habilidade crítica, a partir de experiências múltiplas do leitor, que ao detectar ou (re)construir as ideias/opiniões, como acontece nos comentários acionados a partir da publicação ou postagem inicial de um meme, estabelecem na integração de informações e confrontos de perspectivas ali possíveis e autorizadas, a geração de “novas” estruturas de conhecimento que passam a ser tomadas como significativas, e estão fundamentadas e localizadas, como ressalta Davidson (2001, p.210), “(...) conceitualmente no mundo em que habitamos, e sabemos que habitamos, com os outros”.

Há um universo, considerando as singularidades, que é compartilhado²⁵ e que emerge das mais diferentes esferas comunicativas: político, cultural, científico, social, encontrando, inclusive, reflexo de enquadres quanto aos campos temáticos sobre os quais os memes, selecionados nesta pesquisa, orbitam. Os sujeitos geram expectativas a partir do que é estabilizado socioculturalmente, o que auxilia a organizar suas ações e a gerar representações através da mediação da língua e suas “marcas”, pois não há possibilidade de acesso direto às

²⁶ Com isso, não queremos dizer que não há individualidades na forma de apropriação dos saberes, pois como ressaltam Löber & Flôres (2010, p.183) “a base compreensiva de cada indivíduo é diferente...”. Isso inclusive, nos orienta à uma reflexão quanto às possibilidades interpretativas plurais de um mesmo texto. No entanto, por outro lado, o fato de se compartilhar e integrar uma mesma cultura e sociedade, permitem configurações, apreensões e enquadres que ativam uma “realidade” de maneira semelhante.

mentes; é o que, por exemplo, os arranjos e integrações dos comentários e as suas regularidades auxiliam a “garantir” no processamento de leitura e no (re)enquadre, por parte do analista, auxiliando-o à percepção das valorações sobre a que se referem tais comentários, dentro de uma espécie de *continuum*, entre graus de maior ou menor validação, como será possível demonstrar no capítulo 3.

É, então, através dessas produções humanas atualizadas e reatualizadas textualmente, que se pode investigar as experiências, as “realidades” e as atividades cognitivas, auxiliando, assim, a delinear construções dotadas de significação, que apontem para existências, onde “determinados aspectos de nossa realidade social só são criados por meio da representação (...) e só assim adquirem validade e relevância social” (KOCH, 2009a, p.157), o que possibilita ao homem (re)eleborar o mundo, bem como “produzir, preservar e transmitir o saber” (*ibidem*).

De tal modo, põe-se em evidência a cooperação, os saberes intersubjetivos distribuídos no meio de uma dada cultura, em conhecimento, que como salienta Marcuschi (2002), é produto de interações sociais e não de uma mente individual e isolada; assim, a realidade apresentada nos textos não está como um espelho que reflete a objetividade do mundo físico, mas é resultante de uma ação cognitiva, onde há a elaboração de versões do simbolicamente estruturado, pois, crendo como Geertz (1989, p.15), “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”. É, de fato, na atuação entre os sujeitos e no contato com texto, mas também na relação que se estabelece entre intersubjetividades que o potencial de significação emerge, tendo em vista os investimentos cognitivos, as convenções sociais e culturais, vivências e “enquadres”, que fornecem bases para que se possa intervir sobre o texto, que não é neutro nem desprovido de valor, em que uma série de trocas informacionais sucessíveis, geração após geração, também auxiliam na fundamentação de sentidos, a partir de operacionalizações diversificadas, considerando, para tanto, as necessidades e os objetivos previamente traçados.

Dentro desse enquadre, a memória desempenha um papel importantíssimo, pois como Kleiman (2013, p.25) cita, ela é um “repositório de conhecimentos”, lá são estruturados saberes sobre a vida cotidiana, eventos recorrentes, situações típicas ou não; na memória também buscamos auxílio, ainda que de maneira automatizada e sem muita consciência ou alto grau de monitoramento, durante todo o processamento textual.

É válido ressaltar, no entanto, que esses conhecimentos que vão sendo acessados e apropriados, pelos sujeitos de linguagem, causam mudanças na ordem dos nossos saberes e, à medida que se estabilizam, funcionam como apoio para novas construções, agindo como suporte ou ponte, sendo, porém, uma comunidade de mentes “[...] a base do conhecimento; ela provê a medida de todas as coisas” (DAVIDSON, 2001, p.213), pois, as relações estabelecidas com os outros sujeitos são substancialmente responsáveis pela forma como atuamos no mundo, pelo modo como edificamos socialmente aquilo que nos circunscreve e, então, passa a existir.

É fundamental que, em todo o jogo de compreensão, o interlocutor faça uso dos conhecimentos relativos à língua, ao mundo, aos saberes partilhados, à situação comunicativa-*conhecimento interacional*-, às diferentes manifestações textuais, que são aprendidas nas interlocuções através do uso da linguagem, bem como atue no preenchimento de lacunas para a geração de novas informações. Há que se considerar a lógica particular àquela situação de produção discursiva, em um mundo comunicado que é, como reforça Marcuschi (2002, p.56) “(...) sempre fruto de um agir comunicativo construtivo e imaginativo e não de uma identificação de realidades discretas e formalmente determinada”.

Koch (2009b, p.21) ainda valida que “os parceiros comunicativos possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividade social [...] conhecimentos que necessitam ser ativados para que sua atividade seja coroada com sucesso”, ao que Heinemann & Viehweger (1991 *apud* Koch, 2009b) complementam ao dizer que os modelos textuais globais estariam intimamente ligados a saberes relacionados os gêneros textuais, já que através deles é que se interage socialmente e atua-se em uma determinada comunidade linguística.

Compreender, por exemplo, como os memes funcionam, enquanto entidade de natureza sociocultural implica, fundamentalmente, na forma em como os agentes com eles se relacionam, e possibilitam que as práticas, a eles dirigidas, sejam organizadas e projetadas comunicativamente, como, por exemplo, através da escrita/comentário, viabilizando que as interações, além de convencionadas, visem verdadeiros intercâmbios, em movimentos contributivos e que levem os interagentes a posturas que deságuem em sentido(s) e entendimentos, considerando, todavia, as relações de referência elaboradas dentro de uma

coletividade, em virtude aos modelos recuperáveis e representações textuais acessadas (KOCH, 2009a).

Entende-se, neste percurso, que as esferas de atuações humanas são também responsáveis pela propagação de determinadas ideias que darão suporte às representações de conteúdos viáveis e vitais dentro do universo que abarca as práticas de linguagem, mas que, ao mesmo tempo, são modificáveis, pois os sujeitos, enquanto agentes, alteram os conhecimentos e saberes estruturantes e estruturados e que, posteriormente, integrarão os processos de compreensão, fazendo-nos perceber que “(...) o texto constrói-se a cada leitura, não trazendo em si um sentido pré-estabelecido pelo seu autor, mas uma demarcação para os sentidos possíveis” (FERREIRA & DIAS, 2004, p.439).

O interlocutor reveste-se de um papel de agente que “com seus conhecimentos prévios e com estratégias interpretativas que são disparadas pelos gêneros, pelas pistas de contextualização, pelas inferências tornadas possíveis por meio do texto” (KOCH & CUNHA-LIMA, 2005, p.297), desloca-se para além da expressão sígnia e empenha-se em uma verdadeira atividade interpretativa.

Sobre algumas dessas mobilizações, como os *conhecimentos prévios*, o *conhecimento textual*, que é ativado a partir dos saberes relativos aos gêneros, bem como do papel das *inferências*, uma breve explanação tornar-se-á importante, a fim de entender a validade de tais aspectos no processo elaborativo da compreensão. Considerar-se-á, por certo, as particularidades de cada uma dessas instâncias, sem, contudo, configurá-las em unidades que trabalham de forma isolada, pois a ação é conjunta e não há como utilizar-se de uma determinada habilidade sem que, com isso, o aspecto dinâmico e integrado da prática valide a atribuição de sentido(s) e suas possíveis manifestações.

2.2.1 Conhecimentos prévios ou conhecimentos de mundo como base para construções interpretativas

Sabe-se que o sentido é revestido de plasticidade e está amparado nas circunstâncias comunicativas, o que direciona as possibilidades interpretativas emergentes, e que, no entanto, são compartilháveis entre os membros de uma dada comunidade, por se considerar que ao longo de percurso e trajetórias humanas, bem como de ações socialmente difundidas, há

características comuns para as situações discursivas, entendendo-se que todas elas estão ligadas a fatores sociais, históricos e culturais.

De acordo com Morato (2007, p. 316), “(...) toda empreitada ou ação do sujeito no mundo se inscreve num quadro social, submete-se às regras de gestão histórico-cultural, não é nunca ideologicamente neutra”. Inserimo-nos em um grande complexo ou empreendimento linguístico, repleto de informações, de construções que auxiliam a configurar realidades e mundos através dos quais arranjos textuais e sentidos ganham “forma” e vida.

Segundo Smith (1989 *apud* MACHADO, 2005, p.17-18), na leitura realiza-se a “aplicação de uma ‘teoria de mundo’ aos textos e à realidade em geral, para que, utilizando todo o conhecimento que temos armazenado e organizado em nossas mentes, possamos chegar a determinados sentidos, evitando outros, durante a leitura”. É possível, no entanto, apreender que mesmo diante de conhecimentos que são compartilhados ou também estabilizados socialmente, há interesses e objetivos particularizados que atuam de maneira distinta no contato com os textos, interferindo, conseqüentemente, na maneira como cada indivíduo se apropria daquilo que leu, o que, por exemplo, acontece com um leitor quando se depara com um meme, pois há um série de outros gêneros e textos, com quais já entrou em contato anteriormente e que lhe possibilita fazer associações e buscar, a partir do seu estoque, operar na compreensão textual.

Remetendo a Machado (2005, p.28), o autor aponta para o papel das experiências, pois “(...) o modo como as experiências e as expectativas dos leitores estão armazenadas (ou seja, as estruturas cognitivas, os “esquemas”, os modelos mentais) podem influenciar não só os processos inferenciais, mas também os processos de compreensão”, já que os acessos podem se dar de distintas maneiras. Assim, o trato com texto e/ou suas representações vão ganhando enquadres, a partir dos elementos que são fornecidos, com graus de amplitude apreciativa e interpretativa variáveis, mas sempre (re)atualizadas, se considerarmos que novos conhecimentos vão sendo integrados.

Esses conhecimentos podem ser compreendidos como saberes que reportam ao mundo, são situacionalmente marcados, temporalmente sinalizados, espacialmente identificáveis e assinalam construções socialmente elaboradas, o que possibilita, dependendo do contato e dos distanciamentos, uma maior ou menor familiarização e rapidez em recuperar determinados

dados que estão dentro ou fora de pauta, em um grupo ou comunidade, como na emergência e apropriação ou não de um meme “x”.

Por se integrar uma mesma comunidade, os conhecimentos são largamente tomados como pressupostos pelos produtores dos textos – autores – e que, estando amparados nas vivências coletivas, assumem os fatos como dados, em suas elaborações discursivas (MACHADO, 2005). Os interlocutores acionam, então, dispositivos que colaboram na configuração de determinadas pressuposições e percepções do quadro compreensivo, a partir das mensagens que lhes são vinculadas, esperando que consigam inferir realidades textualmente presentes, estabelecendo, com elas, relações adequadas em encaminhamentos que não os levem a “extrapolarem horizontes” (MARCUSCHI, 2008).

Com base na perspectiva adotada, podemos afirmar que os procedimentos ou cálculos que levem à compreensão de um universo textual, relacionam-se a movimentos tanto prospectivos quanto retrospectivos, em um constante IR-E-VIR, buscando, dentro dos conhecimentos compartilhados, ganchos que auxiliem no procedimento interpretativista, pois, “todos temos acúmulo de conhecimento que construímos durante nossa vida, durante o processo de socialização, conhecemos o que acontece em nossa cultura” (VAN DIJK, 1994, p.4).

O que se revela desses conhecimentos é que, como são elaborados em formas textuais, tornam existentes as culturas, as projeções arquitetadas por um determinado grupo e/ou suas formas de percepção, encontrando abrigo naquilo que salienta Antos & Wisser (2005, p.109), ao dizerem que “(...) os textos representam modelos do conhecimento, ou seja, modelos dos conjuntos de fatos estruturados e relacionados conforme um determinado ponto de vista”, isto é, por se tratar de determinar percepções de vida e de realidades humanas, são elaborações que se constituem como formas de trato com mundo, não um simples reflexo direto do que se passa na exterioridade dos seres, mas uma possibilidade interpretativista, que considera e reconhece uma dada ordem sociocognitiva, e, por conseguinte, uma ordem histórico-cultural, que dotam aquela materialidade com a qual se depara, como coerente e significativa.

2.2.2 Conhecimentos textuais- gatilho no trato com a diversidade interpretativa dos textos

Por se considerar que existe uma atividade pautada nas práticas sociais, dadas as configurações e estruturas partilhadas, entendemos que há uma aproximação dos

conhecimentos socialmente distribuídos e que refletem, em alguma instância, as construções textualmente elaboradas, já que a comunicação humana é atravessada pelos textos, e nada é dito de forma desconectada ou desarticulada; consideramos, portanto, todo o mecanismo que faz da língua uma realidade simbólica, amparada em níveis que a estruturam.

A leitura ou o contato com os textos apontam para a existência e visitação a outros repertórios linguísticos que em intercâmbios possibilitam, a partir dos conhecimentos arquivados, o entrelaçamento com muitas outras memórias textuais, bem como geram a visualização de características comuns entre essas “unidades”, o reconhecimento de temáticas, constituindo uma espécie de atuação dialógica através de ambientes que revelam coexistências e aproximações, considerando, para tanto, a participação e envolvimento dos interlocutores.

Ao se reconhecer as pluralidades textuais e suas repercussões na vida da sociedade, torna-se possível atuar da maneira mais adequada comunicativamente, mas não só, pois tais materialidades colaboram tanto na criação de expectativas como na recepção da diversidade de textos. Além disso, constroem-se vínculos entre a língua e a própria cultura nos “rituais” da vida cotidiana, o que acaba por revelar uma relação direta entre a própria natureza do homem, suas elaborações sociais, a multiplicação dos conhecimentos e a sua identificação enquanto sujeito que emprega significações, já que “não há um *a priori* nem um centro regulador da significação, mas ela é produto das interações sociais no interior de uma cultura e da história” (MARCUSCHI, 2002, p.60).

É possível dizer que, considerando este enquadre, há certa coordenação nas atividades verbais processadas ao se perceber como ações são compartilhadas textualmente; uma dentre tantas possibilidades, é o comentário *online*, tão comumente presente em *sites* de rede social, como o *Facebook*. Ações como essas orientam a comunicação, pois estabelecem laços com outras atuações textuais anteriormente praticadas e reconhecidas, considerando, para tanto, modelos estruturados discursivamente, encontrando apoio no já projetado em meio social, inclusive, no que diz respeito aos propósitos comunicativos. Esses constructos auxiliam e favorecem as construções significativas, pois algo de reconhecível direciona as elaborações (BAZERMAN, 2011b) dentro de espaços nos quais se transita, dando contornos às percepções individualizadas, mas possibilitando nas esferas de construções linguísticas, a existência de forças que são estabilizadoras e que apoiam as “reproduções” de significações.

O envolvimento e o trabalho do leitor/ouvinte sobre uma quantidade diversa de textos, aos quais ele está publicamente exposto e passam a ser “visivelmente” percebidos dentro dos empreendimentos discursivos, permitem e facilitam intercâmbios e processos de socialização, orientam a agência e propiciam investidas oportunas no quadro interpretativo, bem como na (re)configuração de propósito(s) comunicativo(s) intencionado(s), e faz repercutir os aspectos culturais, sociais e políticos, gerando novas experiências, capacitando os interlocutores, mas também sensibilizando os seres de linguagem, de uma forma tal que “cada prática representacional traz dinâmicas sociais encaixadas e consequências para a maneira como vivemos” (BAZERMAN, 2011a, p.161), mobilizando existências, fundando não só o conhecimento humano, mas também capacitando ou habilitando uma ordem discursiva.

A integração entre diversos conjuntos textuais que compõem os quadros discursivos humanos não só possibilita a configuração de unidades comunicativas, mas também assegura vínculos entre aquilo que é sabido e construído textualmente; assim, os conteúdos ganham representatividade em mundos mentais, que carregam em essência perspectivas globais, apoiando-se em outros conhecimentos, via texto, e /ou ainda a eles remetem (BAZERMAN, 2011b).

O mundo, que é estruturado textualmente, atua como pano de fundo na constituição de sentido(s), já que em alguma medida refletem experiências humanas prévias, auxiliam no preenchimento de certas lacunas, em possibilidades de identificações, de um modo tal que, como sugere Duran (2009, p.9), “o texto apresenta e propõe ao leitor um universo”, apontando, por certo, a um contexto que é socioculturalmente assegurado, que emerge a cada momento de interlocução, mas também é perpassado por um arcabouço cultural difundido de indivíduo para indivíduo.

Somos, pela constituição humana e vários dos aspectos que a envolve, seres fundamentados em relações semiotizadas e amparados por uma cognição que possibilita acumular conhecimentos e experiências; desfrutamos de memória privilegiada e reconhecemos os outros como seres dotados de intenção (TOMASELLO, 2003), o que direciona potencialmente a maneira como configuramos nossas ações, quer na elaboração dos próprios “produtos” de interação quer nas perspectivas a serem assumidas na condição de interlocutores (BAZERMAN, 2011a), o que garante meios e práticas, dentro dos interesses e

atribuições dadas a uma postagem, por exemplo, e orienta para aspectos característicos de uma comunidade.

Os movimentos conjuntamente produzidos auxiliam no trato ou na maneira como conceitos, instruções e aprendizados podem ser solidificados, mas também estruturam as habilidades avaliativas em relação à elaboração e à recepção dos enunciados construídos (MACHADO, 2005), pois além de criarem efeitos complexos propagados no seio das comunidades, viabilizam a geração de novas e variadas situações que propiciam o desenvolvimento de uma pluralidade de reações, relações e sentidos, inclusive, valorativas, como podem ser percebidas nos comentários publicados e nas proposições indiciadas.

No âmbito dessas construções, a partir de direcionamentos possíveis, entre o reconhecido e processado, entre ditos e não-ditos, nas relações entre dado e pressuposto (MARCUSCHI, 2008), mas também em decorrência das experiências, dos saberes acumulados e de um repertório um tanto individualizado, todavia, configurado na zona de contato com a coletividade, torna-se válido fazer um parêntese para dar espaço à construção de inferências no processamento textual para a construção de sentido(s).

2.2.3 Os processos inferenciais – alicerce na produção de novos sentidos

O texto, como apontado anteriormente, é uma construção sempre dotada de espaços abertos, como uma espécie de obra a ser constantemente “acabada”; é local de existência de lacunas e espaços a serem ocupados através de mecanismos acionados pelos interlocutores. Constitui-se, assim, como um jogo de quebra-cabeças que requer a colocação de peças adequadas, para que o todo possa ser percebido e as informações que ali são interpretadas, no contato com o “jogador” e no seu trabalho colaborativo desenvolvido, complementem-se.

Assim, possibilidades de encaixe, que contam com experiências potencialmente significativas, bem como com os conhecimentos prévios, funcionam como conjunto de informações/saberes que são/foram acumulados de maneira “estruturada” na nossa memória, em uma integração harmônica com dados de outras naturezas, a fim de que, considerando a identificação e sistematização textual, haja a geração de novas informações culminando na construção de inferências, o que afastaria a compreensão como “sinônimo” de decodificação.

Sabe-se, porém, que para que um texto possa ser tomado por seu leitor como materialidade instituída de valor e sentido, requisita que se recorra a processamentos maiores que aqueles que transitam na esfera da decodificação, não descartando, no entanto, a importância desta, pois quanto mais fluente e experiente for o leitor, menos tempo ele deterá no cálculo da organização enunciativa e estará propriamente mais envolvido na elaboração dos sentidos, assim como aponta Chacon (2011, p.2), “(...) leitura, entre outros processos, pressupõe decodificação (+literalidade) e inferências (–literalidade)”.

O leitor, geralmente, recorre a mecanismos de automonitoramento quando se dá conta que algo não foi, no plano da interação, bem-sucedido ou que as relações ali manifestadas são estranhas ou lhe parecem equivocadas, considerando, para tanto, a orientação discursiva traçada e as aberturas textuais permitidas, onde operacionaliza de maneira equilibrada, a partir das fontes acessíveis e dos conhecimentos disponíveis no próprio curso da leitura.

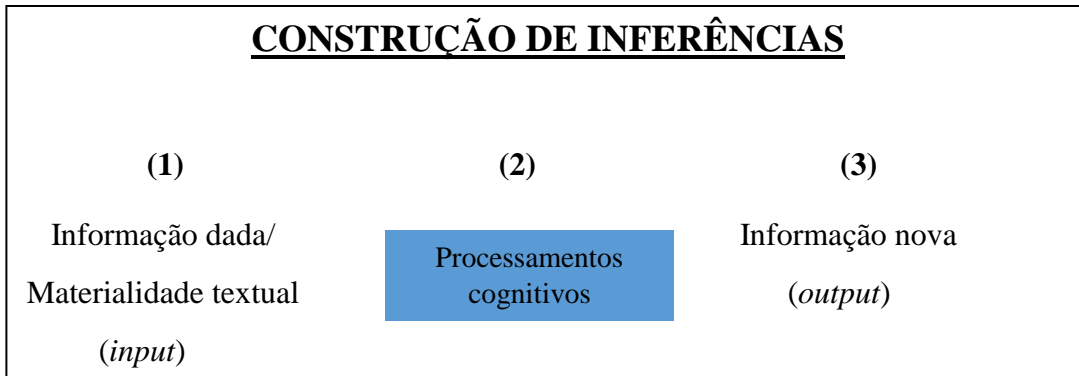
Para a constituição das inferências há um verdadeiro ajuste, a partir de uma multiplicidade de possibilidades e/ou enquadres cognitivos que se configuram em papéis de representação, onde um diálogo se estabelece entre aquilo que é textualmente marcado, seu encontro com o socialmente situado, o comunicativamente enunciado e o previamente acumulado, na criação de novos conhecimentos que são projetados (KOCH & TRAVAGLIA, 2011).

Desse modo, para a produção de sentido(s), o leitor desempenha um papel bastante poderoso e reveste-se de agência, empregando importantes recursos cognitivos que auxiliam em negociações constantes, em raciocínios logicamente fundamentados, bem como na recorrência às experiências de ordem sociocultural (MARCUSCHI, 2008); compreende-se, todavia, que esses sentidos são possíveis porque os processos inferenciais estão no cerne da leitura, e cada leitor configura o texto de maneira diferente, construindo sua leitura de maneira singular.

Em uma atividade onde “ler um texto é reler muitos outros em nossa memória” (SILVA, 2015, p. 663), relevantes são as elaborações do grande aparato humano instituído em construções compreensivas, os atores lançam mão de uma gama de saberes e informações acentuadas naquele momento interlocutivo particular, no contato com uma realidade textual, agindo sobre esta na geração de novos conhecimentos, atuando inferencialmente.

Grosso modo, de maneira bastante simplificada, teríamos a seguinte “simbolização” do processo de construção de inferências, que atuam entre ditos e pressupostos.

Quadro 2: Construção de inferências



(Fonte: a autora)

Assim, na construção inferencial, tanto se recorre a conteúdos expostos no texto **(1)**, valendo-se de níveis de processamento diferentes e agregação de saberes de várias ordens e naturezas, sem a existência de fronteiras delimitadas entre eles, possibilitando, na verdade, trocas e simbioses **(2)**, podendo-se encontrar e utilizar conteúdos que apontem para uma extratextualidade que em confrontos, identificações, negociações, em uma atividade colaborativa, possibilitam a configuração de novas informações **(3)** advindas da soma entre os conteúdos expressos/materializados e aqueles que se configuram como “propriedade” dos falantes/ouvintes.

Marcuschi (2008, p. 249) ressalta que as inferências atuam como “provedoras de contexto integrador para informações e estabelecimento de continuidade do próprio texto, dando-lhe coerência”, apontando para a formação de elos constitutivos e constituídos, quando essas mesmas inferências “funcionam como hipóteses coesivas para o leitor processar o texto” (*ibidem*). O que parece estar implicado nos dizeres de Marcuschi é que se considerarmos a atividade interpretativista, enquanto uma atividade que se processa através de integrações, há de se validar os aspectos sociointerativos e cognitivos da constituição dos sujeitos sobre a prática reflexiva leitora que, mesmo encontrando certa plasticidade na eleição de sentido(s),

não é “jogo” de adivinhações, mas uma atividade de antecipações e verificações mediante suposições.

A partir de chaves encontradas nas representações que podem ser alcançadas, de conteúdos nas sentenças produzidas, refletem-se as formas como os leitores/ouvintes (re)significam os “dados” presentes no texto, a partir de pistas ali presentes, considerando também aquilo que foi pressuposto pelo “autor” do texto (KOCH & ELIAS, 2012), já que este infere sua audiência e a ela credita que certas significações sejam alcançadas, bem como reconhecíveis intenções, mediante aquilo é tomado por relevante neste jogo interlocutivo, mas não o será em outro.

Os “enquadramentos” que ali podem circular e mostram-se em redes integradas, além das respostas que podem ser suscitadas, também florescem pelo fato de se estar e ser integrante de um conjunto de práticas sociais, guias de percepções e validações, indicando, assim, que “as inferências são produzidas com o aporte de elementos sociossemânticos, cognitivos situacionais, históricos, linguísticos, de vários tipos que operam integradamente” (MARCUSCHI, 2008, p.252). É, portanto, o “resultado” de uma atividade que abarca horizontes cotextual e contextual, bem como demanda esforços e ações cognitivas (*ibidem*).

É importante, considerando esse quadro, que as representações efetivadas contam com aquilo que o leitor/ouvinte supõe como sendo também de maior importância, traçando recortes e evidenciando, através de seu olhar particularizado, uma “racionalização” dos conteúdos inscritos, que se tornam reconhecidos, contextualizados e analisados, em relação ao que é posto como centro de observação, estimulando reflexões sobre o que se está interpretativamente construindo. Os comentários efetuados pelos interlocutores permitem, inclusive, orientar ao tipo de prática e carga avaliativa assumidas no contato com determinadas postagens, em uma atividade que denota e estreita relações entre conhecimentos e experiências, ao indicar e (re)construir “representações” negociadas, em particularizações e associações.

Os estudos da vertente sociocognitiva desenvolvidos por Van Dijk (2012, 2013a; 2013b; 2015) e seu aparato teórico auxiliam-nos a compreender o valor significativo e indispensável da cognição para a natureza discursiva humana, em como seus aspectos estão intrinsecamente ligados a nossas formas interativas, a partir de um sistema compartilhado, em atuações linguísticas que não se dão de maneira direta, mas através de elaborações/representações em

modelos mentais (subjetivos/intersubjetivos) atualizáveis; sobre isso, o tópico subsequente tratará ao abordar a noção de contexto, não referido enquanto externalidade/entorno, mas sim, como uma (re)elaboração entre os participantes dentro das situações interlocutivas das comunidades a que pertencem, e dos modelos mentais como construções e representações humanas da(s) realidade(s) sobre a(s) qual (-is) se atua.

2.3 O valor do contexto e dos modelos mentais como base para a compreensão

Considerar o caráter social das apropriações interlocutivas, a partir do que é constituído como evento, em recortes efetuados sobre um mundo posto, torna-se de grande valia, dado que a ele são atribuídas significações mediante uma série de estímulos interpretáveis, que ganham relevância no curso das atividades comunicativas e que contam com a habilidade de organização e estruturação de dados; os dados ou materiais processados interconectam-se a diferentes instâncias/esferas e estabelecem *links* em direções plurais, configurando-se como verdadeiros “organismos”, em um todo bem articulado.

Para que os empreendimentos interativos sejam processados, faz-se necessário o uso de uma ferramenta importante, a memória, que desempenha papel crucial nos enquadres entre os enunciatários, pois está diretamente atrelada desde a movimentos de recepção de estímulos, ainda que em caráter primeiro de base sensorial, até o armazenamento de dados para o seu posterior (re)uso (DIVIDINO & FAIGLE, 2004) em atualizações e complementações, pois não é estática.

Quando se diz “memória”, de fato, aponta-se para “memórias”, que trabalham sempre de maneira dinâmica, integrada e em trocas constantes²⁶; são, assim, dotadas de plasticidade, organicidade, singularidades e acabam indicando para a organização de vivências e experiências, que são ordenas de maneira significativa, apresentando-se em uma estreita relação com a construção de modelos mentais, enquanto representações elaboradas na memória episódica, a partir das atividades sociais (VAN DIJK, 2013a); os modelos

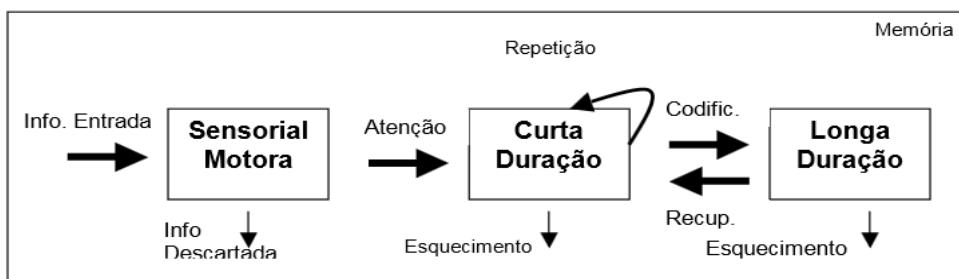
²⁶ABREU, Leonardo Marques de. Memória, Modelos Mentais e Camadas de Interação. **Usabilidade de telefones celulares com base em critérios ergonômicos**. Disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/6705/6705_6.PDF

relacionam-se diretamente às atividades humanas e estão particularmente ligados à constituição das ações, interpretações evocadas e à elaboração de perspectivas, em apropriações, compreensões e valorações dos constructos humanos.

A organicidade, o entrelaçamento e sistematicidades da memória podem ser entendidos, como apontam Dividino e Faigle (*ibidem*), em seções de memória, e comportariam três principais ações ou habilidades cognitivas: codificação, retenção e recuperação. Essas três ações corresponderiam a funções da memória sensorial (**MS**), memória de curto prazo (**MCP**) e memória de longo prazo (**MLP**); tais memórias atuam conjuntamente, relacionam-se e comunicam-se em uma espécie de fluxo, ou seja, trabalham em uma continuidade/constância; a título de didatização, poderíamos “desenhar” a seguinte “sequência”, considerando a percepção dos dados e sua posterior estocagem ou não: I) recepção da informação (*MS*) → II) interpretação e julgamento da validade dos dados (*MCP*) → III) estocagem e/ou descarte dos dados (*MLP*).

De maneira mais detalhada, Dividino e Flaige (2004) interpretam e trazem esquematicamente um modelo de como os dados são recebidos, processados, armazenados ou “deletados”, deslocando-se da memória sensorial e ancorando-se na memória de longo prazo, após serem “geridos” pela MCP.

Quadro 3: Sistema de memória



(Fonte: Dividino & Flaige, 2004, p.2)

É possível dizer, então, que a atividade desenvolvida especialmente pela memória nos oportuniza conservar e (re)atualizar os conhecimentos que são distribuídos na/pela sociedade, como um “lugar” de estocagem de grande parte daquilo que é produzido pelas culturas, grupos e comunidades, em uma relação sempre dialogada entre internalidade e externalidade,

em trocas que não cessam e vão constituindo caminhos possíveis na realização das atividades, das mais simples às mais ritualizadas em um universo experienciado.

Se considerarmos que os sujeitos, nas diferentes trocas efetivadas, não são sujeitos passivos e que, embora traços da sua individualidade sejam trazidos à tona, “regidos” por direcionamentos de visões de mundo, os processos interpretativos que tanto contribuem no desempenho das funções interlocutivas, comportamentos, objetivos e intenções, caberia, então, aos modelos mentais desempenharem um papel que possibilita apropriações, reflexões e interpretação das diversas práticas sociais; as atividades comunicativas não se ancoram na “estaca zero” e, durante todos os momentos de interação, estar-se a elaborar e reelaborar enquadres das situações/eventos, a partir dos quais são construídos percepções ou enfoques, em articulação a atividades de recuperação ou construção de informação por meio dos registros e da natureza mnemônica humana.

Van Dijk (2013a, p.161) afirma que esses modelos “(...) são parcialmente fabricados a partir de conhecimento pessoal existente (‘velho’)” e atuam como um mecanismo que torna possível assentar novas construções; elas estarão, certamente, ligadas às vivências culturais, mas serão perpassadas pela lente da subjetividade, isto é, os modelos mentais funcionam como uma espécie de representação/imaginação que ajudam a “retratar” o mundo, amparando o usuário, seres que enunciam e atribuem significações, na construção de “uma interpretação específica de um discurso” (*op. cit.*), podendo “grande parte do modelo ser recuperado de modelos já construídos em ocasiões anteriores.” (*ibidem*)

Através das elaborações modelares, direcionamos e selecionamos a diversidade de estímulos, “economizamos” cognitivamente nossas apreensões e, por compartilharmos conhecimentos culturalmente construídos, também tornamos possíveis os “implícitos”, em que, estrategicamente, esforços são empregados na tentativa de atribuir significações e completudes aos ditos/não-ditos.

Há, no que compreende as configurações textuais algo de particular, pois a forma como se apreende os conhecimentos configuram-se de maneiras diferentes, dadas as singularidades e contextos sociocognitivos dos atores, refletindo em possibilidades variadas na compreensão dos conteúdos, pois diante de uma “mesma” materialidade linguística, os modelos “incorporam o que as pessoas observam, interpretam e processam sobre fragmentos discretos

do mundo pessoal e social... tipicamente subjetivos e incompletos: representam o que é relevante para um indivíduo” (VAN DIJK 2013a, p.177).

As construções dos modelos, bem como a possibilidade compreensiva, só se tornam efetivas porque lidamos dentro das práticas comunicativas com aparato linguístico instaurado pelas comunidades, através dos quais interativamente criam-se modelos das situações e rotinas comunicativas, permitindo “estabilizações” dado um alto grau de recorrência. Assim, produções como as compartilhadas e publicadas em memes alçam sentido porque há uma experiência socialmente organizada que está fundamentada em sistema de coprodução, dentro daquilo que é contextualmente configurado e margeado pela experiência, no cognitivamente ordenado, no acessível pela coletividade, dadas as representações mentais do mundo, que estariam presentes, por exemplo, nas manifestações, verbalizações e enunciações dos sujeitos, como acontece no espaço destinado aos comentários, no *Facebook*.

Nem sempre os registros das experiências são “diretamente” vivenciados, já que no contato com os “outros” também se compreende e se manipula o mundo (VAN DIJK, 2013b), levando-nos à construção de memórias e representações; ao mesmo tempo em que esses modelos se configuram dentro de um quadro de individualidades, expõem suas raízes, bases e crenças nos conhecimentos compartilhados (*op. cit.*, p.95).

Os modelos mentais são sempre atualizáveis, dinâmicos e (re)estruturáveis; eles podem ganhar, na diversidade dos campos interativos, (re)significações e fundamentar as práticas de linguagem, pois “nada se diz, se faz e se compreende sem um controle mental prévio e paralelo, relacionado com o ‘estado’ dos modelos dinâmicos da situação comunicativa em curso” (*ibidem*, p. 49), isto é, não é possível atuar discursivamente e envolver-se em ambientes discursivos sem se considerar a interface cognitiva nos eventos e nas situações sobre as quais debruçamo-nos, pois esta auxilia a estabelecer a ideia de pertencimento a grupos, em manifestação que estão para além do indivíduo/unidade subjetiva delineando os atores/agentes, que lançam mão de um “EU” social (VAN DIJK, 2013b, p.168) para validar “OUTROS”, em uma agenda de compromissos estabelecidos nas relações inter e intrasubjetivas.

Essas construções mentais possibilitam elaborar interpretações das situações e discursos de maneira particularizada, além de auxiliarem na forma como determinadas atitudes e comportamentos possam/devam ser realizados dentro das práticas culturais, bem como nas

identificações e reflexões que os “enquadres” percebidos sinalizam ou apontam para a situação em curso, o que demonstra, por certo, a existência de coconstruções discursivas. Os modelos permitem que as proposições e propostas, como as meméticas, sejam validadas ou desconsideradas, aderidas ou rejeitadas, tomadas como verdadeiras ou falsas à luz de determinado modelo acionado.

Em movimentos contínuos de negociações e modificações, influenciados e influenciáveis discursivamente, há uma incidência na maneira como os nossos interlocutores desempenharão suas ações e adaptar-se-ão a elas, o que acaba por evidenciar como as representações do mundo são efetivamente construídas e consolidam-se mediante conhecimentos, crenças, valores dos usuários de uma língua ou seus grupos, refletindo a elaboração de universos por mentes socialmente constituídas e que projetam e recriam perspectivas, em configurações discursivo-cognitivas (FALCONE, no prelo), em agentividades que se dão de acordo com as concepções e representações das situações sociais e de realidades.

Sabe-se que há influência de elementos que passam a ser concebidos como potenciais auxiliares na emergência de sentido(s) em trocas interlocutivas, no entanto, como afirma Van Dijk (2001a, p.71), “não é a situação social-comunicativa a que influencia nas estruturas verbais/discursivas, mas sua representação em cada participante (falantes, ouvintes...)”. Todavia, os modelos instituídos, definidos e que ativam determinados esquemas, não podem ser apontados de maneira objetiva, como algo palpável ou visível, uma espécie de exterioridade dos indivíduos, mas configuram-se em mundos mentais, acessíveis, por exemplo, através de pistas e manifestações linguísticas.

Assim, como uma série de modelos mentais que atravessam as realidades enunciativas, as experiências discursivas/discursivizadas humanas contam com a emergência dos modelos de contexto, formados e sedimentados a partir das experiências cotidianas (VAN DIJK, 2001b).

Van Dijk (2012) aponta que os estudos referentes ao contexto foram desenvolvidos em várias áreas do conhecimento, como Antropologia, Psicologia, Literatura, Semiótica e Artes, Estudos do Discurso, Análise Crítica do Discurso, Sociologia, Etnografia e Ciências da Computação e em diferentes campos de estudo da Linguística, mas que, em todos eles, ganhou inclinações e recortes insuficientes, apresentando lacunas que apontavam para incompletudes teóricas ou mesmo falhas, sem um estudo mais aprofundando que transpusesse

os enquadres do contexto dentro de obviedades, como, por exemplo, limitando-o a “entornos” e “ambientes”.

Segundo o teórico, tornou-se necessário partir para observações mais consistentes, compreensões melhor estruturadas das ações discursivas humanas e suas (re)significações nas relações entre os próprios atores sociais, a partir da existência de “uma atuação coordenada (individual e social)” (FALCONE, 2008, p. 34), ressaltando a não rigidez nas ações discursivas ou mesmo determinismos, mas configurações que vão sendo estabelecidas mediante negociações.

Assim, como suporte para o desenvolvimento de uma teorização sobre o contexto, Van Dijk (*op.cit.*) toma por empréstimos aspectos desenvolvidos na Sociologia, Antropologia, Psicologia Social e Linguística, em uma multidisciplinaridade, com o intuito de não criar moldes ou modelagens, mas sim, orientar a discussão e sedimentação de uma teoria de contexto que auxilie a compreensão das interações entre sujeitos, considerando, para tanto, a não existência de uma ligação direta entre a sociedade e o discurso.

O linguista pontua que as compreensões/interpretações não são frutos da extração de elementos fixos que possam ser apropriados sempre igualmente, o que não permitiria, por certo, que as experiências fossem dadas de maneira pessoal, levando, independentemente da situação, a que os atores compreendessem, interpretassem e operacionalizassem identicamente, o que inviabilizaria, por exemplo, o entendimento de que os interagentes têm experiências particularizadas e, conseqüentemente, apreendem os quadros comunicativos de maneira distinta, ainda que haja algo de mais ou menos parecido.

Essas considerações orientam-nos a compreender que os atores interagem em ambientes discursivos de maneira diversificada quanto ao potencial de construção de significações e que, para isso, atribuem a certos elementos papéis de maior relevância em detrimento de outros, de maneira tal que “a representação mental à situação comunicativa se faz com um modelo mental específico que chamamos de modelo de contexto ou simplesmente contexto” (VAN DIJK, 2001a, p.72).

São, pois, os modelos de contexto que orientam toda a vida discursivo-enunciativa dos falantes/ouvintes/escritores/leitores, possibilitam que as interações ganhem contornos especiais a cada nova situação sem, no entanto, emergirem, como mencionado anteriormente,

do nada, já que há rotinas e percepção quanto a regularidades, mas, através dessas experiências no seio da sociedade, direta ou indiretamente, tornamo-nos capazes de estabelecer e criar explicações/compreensões para aquela materialidade com a qual se está estabelecendo pontes deslocáveis, pois tornam possíveis construir outras relações de acordo com mudanças, situações e a própria dinâmica comunicativa.

É interessante ressaltar que quando se fala da situação comunicativa, como base para emergência de modelos, não se está, contudo, dizendo que ela é o próprio contexto, mas que funciona como gatilho a partir das representações que os interlocutores vão atribuindo; assim, o contexto ou modelos de contexto vão sendo elaborados nas atividades interlocutivas, considerando os sujeitos dotados de histórias, modelos e memórias distintas, que funcionam como uma espécie de pré-requisitos importantes à construção de sentido(s) em ressignificações.

Van Dijk (2001b) afirma que o fato de as pessoas serem diferentes, disporem de memórias estruturadas particularmente, tornando os modelos como “propriedades” únicas, não significa e implica, necessariamente, a emergência de modelos completamente destoantes, pois há algo de muito parecido entre eles, o que, de certo, possibilita a realização de trocas e compreensões; o teórico ainda vai além, ao ressaltar que, não sendo o contexto o entorno ou todas as coisas, os modelos de contexto não estão “aí fora”, mas “aqui dentro”, posto que têm ligação com as experiências cotidianas dos interagentes.

Por certo, o fato de termos conhecimentos compartilhados, fazermos parte de uma mesma sociedade ou cultura possibilita que os modelos de contexto se aproximem, ainda que possam ser definidos como exclusivos. Esse compartilhar torna-se uma condição para que as interpretações aconteçam e para que dotemos os textos de construções significativas “vizinhas”, tornando, assim, tais conhecimentos acessíveis e viabilizando trocas entre “mentes”.

As mentes não podem e não são “entendidas apenas como algo interno, mas sim um aparato que se constrói na interação, interação esta que se dá entre sujeitos situados culturalmente e historicamente” (FALCONE, 2008, p.52), ou seja, ainda que os modelos de contexto tenham e garantam a subjetividade de cada ator, existe o envolvimento de ações que são e estão amparadas no grupal e, por isso, práticas discursivas são realizadas, interpretadas, compreendidas e significativas.

Considerando que nossas ações discursivas são publicadas/publicáveis, tornam-se externalizações em meio à participação de uma variedade de elementos/propriedades em cada situação comunicativa, “o contexto não se constitui apenas pelas estruturas externas do discurso” (*op. cit.*, p.55), mas através de elementos que ganham relevo e sobre os quais são, possivelmente, atribuídos diferentes *status* a cada nova interlocução; eles não são diretamente observáveis, mas tornam-se interpretados e (re)conhecidos na forma como cada agente os administra, levando, para tanto, características da sua personalidade, onde elemento “X” ou “Y” exerce determinada influência e orienta a (re)organização dos quadros interpretativos, construção contextual e /ou mesmo em nossos textos professados.

Os elementos são graduados de maneira valorativa distinta para fundamentar sentidos e possibilidade de sentido(s), de modo tal que os “falantes trazem consigo suas identidades, papéis sociais e suas relações de poder quando participam em um evento comunicativo” (VAN DIJK, 2013b, p.7) e, inevitavelmente, esse enquadre também contribui para a emersão de determinado modelo contextual, posto que tais traços auxiliariam, de alguma maneira, na forma como o modelo significa e em suas implicações reflexivas.

A cada disposição interativa, acionamos, interpretamos e atualizamos nossos modelos, construindo representações próprias do evento, orientados, pois, por objetivos, intenções, projeções, memórias anteriores; os modelos estão ligados também à forma como serão manifestados os comportamentos dos usuários de uma língua, bem como irão ser produzidos seus discursos, o que levará, como pontua Van Dijk (2013b), à adaptação das estruturas discursivas em decorrência às situações nas quais serão empregadas.

Por certo, compartilhar saberes que habitam uma mesma cultura, em seus usos e tradições, auxiliará na maneira como as representações enunciativas se arranjam, tornando-as flexíveis, proporcionando adaptabilidades, mesmo que determinados e estreitos elos sejam estabelecidos com os nossos “outros”, com os nossos “pares”, em razão às adaptações que podem ser sutilmente percebidas ou mais “vigorosamente” interpretáveis a cada evento.

No entanto, “somente quando conseguem representar as condições sociais da situação de um modo pessoal (...) é que os usuários da língua são capazes de adaptar-se à situação social de maneira como querem” (VAN DIJK, 2012, p. 72), ou seja, só é possível transformar estruturas mais comuns e generalizadas, em esquemas dotados de unicidade com suas particularizações, desde que se neguem os determinismos, pois a maleabilidade e o

“gerenciamento” de um conhecimento cultural amplamente difundido são a “chave” para o(s) sentido(s), compreensão(ões) e (re)configurações discursivas; estas passam a ser interpretadas em termos de representações e processos mentais, onde existem decisões e variações na empreitada pela criação dos modelos, pois “se os contextos são dinâmicos, eles precisam sê-lo porque os usuários da língua fazem alguma coisa estrategicamente, quer com suas ações quer com seus ‘pensamentos’” (*ibidem*, p.74).

O que há é sempre uma orientação do que fazer, como fazer, para quê fazê-lo, em direção a quem, com quais objetivos. Não nos construímos, tampouco elegemos modelos ou os configuramos, sem compreendermos, minimamente, que quando optamos por determinados constructos e os tornamos públicos, os fazemos por caminhos recheados de propósitos, intenções e com vistas a algum “alvo”, os nossos interlocutores, e, certamente, neles despertaremos a emergência de ideias, valores, atitudes, a partir da maneira como, no contato com aquela enunciação, eles processarão a situação social na qual estão inseridos. Nesse viés é que, por exemplo, os autores dos memes os publicam, supondo a existência de conhecimentos repartidos e incluídos em “representações” acessadas e acessíveis sobre determinados conteúdos, tidos como sabidos e configurados como reconhecíveis em dada circunstância.

É interessante apontar que a *situação* não deve ser vista como o ambiente em si mesmo ou como puramente um entorno, contando com manifestação objetiva de elementos, em termos de variáveis independentes (locais e superficiais), numa espécie de fotografia que revela um recorte bem delimitado de uma circunstância, pois, como menciona Van Dijk (2012, p. 83), “a situação não é definida por aquilo que está presente, mas também por ações ou eventos anteriores, que ainda estão ‘no primeiro plano de nossa consciência’”, seriam, por exemplo, os modelos antigos alojados em nossa memória episódica, ativados para que seja possível, a partir de (re)elaborações pautadas em um conhecimento existente e latente, auxiliarem na eleição de determinadas “características” contributivas à produção e à compreensão dos discursos, integrando-se de maneira única e específica, sempre em novos contornos.

Torna-se válido salientar que “os modelos incorporam o que as pessoas observam, interpretam e processam sobre fragmentos discretos do mundo pessoal e social, mas são tipicamente subjetivos e incompletos: representam o que é relevante para um indivíduo” (VAN DIJK, 2013a, p.177), possibilitando quadros “imaginativos” /representacionais que

apontem para compreensão(ões), implicando, todavia, importantes variações, pois as variáveis são “influenciadas pelas representações dos participantes” (VAN DIJK, 2013b, p.68) sedimentadas enquanto estruturas cognitivas modelares, em estreita relação com a larga tradição cultural de crenças e saberes.

Há, assim, uma ampla articulação e relação entre esses agentes estabelecidas, além do que, sem a “gestão do conhecimento não é possível nenhuma conversação nem interação” (VAN DIJK, 2013b, p.106); apresenta-se o contexto como uma interface entre o discurso e a própria sociedade (VAN DIJK, 2012) ou o próprio fazer das construções linguísticas, ações que operacionalizam o mundo e levam a uma compreensão própria daquilo que abarca o aspecto social, das dimensões que comportam esses indivíduos, como usuários efetivos de linguagem(ens), bem como do amparo em uma amplitude de funções e produções linguísticas nos eventos comunicativos em espaços por onde transitam os interlocutores, revelando o grau de comprometimento ora mais ora menos reflexivo dessas subjetividades e seus intercâmbios, apontando para uma “singularidade da interação em curso, o cenário, as relações entre os participantes, os objetivos, os conhecimentos, etc” (*ibidem*, p.182).

Nas palavras do autor (2013b, p.61), “os modelos de contexto ativam uma maior quantidade de modelos de contextos anteriores e outras experiências prévias para complementar a informação relevante, mas ausentes”, e complementa ao afirmar que esses mesmos usuários ou agentes “não são só falantes altamente especializados, mas também especialistas cognitivos experientes”, o que reflete na maneira como os enquadres e as percepções podem ser alcançados; trabalhamos com constructos representativos não observáveis diretamente, mas capazes de serem inferidos também pelo fato de desfrutarmos de conhecimentos comuns e entendermos que, quando falamos de interação, ela encontra-se sustentada em uma raiz cultural, em uma história, articulada com o socialmente emergente e que se torna amplamente difundido ao habitar outras mentes.

Os modelos de contexto auxiliam “como as outras experiências humanas- a todo o momento e em toda situação... a definirem como vemos a situação presente e como agimos nela” (VAN DIJK, 2012, p.13) e por se constituírem como modelos mentais e modelos de experiência “podem variar culturalmente e têm consequências ‘reais’ para os textos e a conversação” (VAN DIJK, 2013b, p.17).

Com o intuito de desenvolver observações sobre como compreensões e sentido(s) emergem e podem ser (re)elaborados, o próximo item deter-se-á no discursivamente delineado a partir dos comentários, no *Facebook*, que surgiram em decorrência da publicação/postagem de memes nesse *site* de rede social.

CAPÍTULO 3

(RE)SIGNIFICANDO MEMES: OS COMENTÁRIOS NO *FACEBOOK*

“A ciência só existe em meio à paixão do perguntar, em meio ao entusiasmo do descobrir, em meio à inexorabilidade da prestação de contas crítica, da demonstração e da fundamentação”.

(HEIDEGGER, 2008, p.15)

3.1 Análise dos dados

Esta seção destina-se à análise de memes e de comentários a eles referentes. A partir do material selecionado, percorremos caminhos que orientem ou sugiram (re)significações e (re)construções efetivadas pelos atores sociais no ambiente do *Facebook*, mediante marcas linguístico-discursivas que apontem para emersão de sentido(s); a materialização dos dizeres indica, potencialmente, as relações que se estabelecem como verdades, mundos e realidades através das perspectivas assumidas pelos interagentes.

Consideraremos as interações travadas via comentário, validando no trato com a linguagem e suas manifestações, constitutivamente composta por uma natureza dialógica (BAKHTIN, [1976] 1997), bem como interlocutores situados social, histórico e cognitivamente, em práticas interlocutivas (inter)textuais.

Considera-se a importância para as atividades comunicativas desenvolvidas a partir de um forte comprometimento interativo, tanto do leitor quanto do escritor, em configurações que possibilitam o desenvolvimento de papéis plurais na efetivação dos comentários, pois o leitor pode assumir a função de autor/escritor e o autor/escritor pode assumir a função de leitor, em virtude do próprio e dinâmico espaço do meio digital; empreendemo-nos, assim, nas ações sobre “textos materializados em situações comunicativas recorrentes” (MARCUSCHI, 2008, p.155), que auxiliam na promoção e orientação das produções e compreensões possíveis e inferenciais das práticas linguísticas em tal espaço constituídas.

As próprias configurações dos gêneros e a maneira como os agentes sociais a eles estão inclinados, coordenam-se em uma dinâmica que possibilita (re)estruturar, manter e fazer ecoar

dizeres interpretáveis e ricos em significados, não apenas a partir das “estruturas ‘internas’ ao organismo, nem tampouco de estruturas ‘externas’, mas sim considerando padrões recorrentes de interação entre organismo e meio” (FERRARI, 2003, p.25).

É em um movimento de interconexões e integrações, na dinâmica do que se estrutura e é estruturado, pelo poder dos arranjos linguístico-discursivos, que encontramos (re)elaborações de mundo, via texto, realizados em gêneros, como os memes, que, de acordo com a perspectiva para o trabalho assumido, estão “organizados em forma de elementos textuais, normalmente de humor que atuam na transmissão de conhecimento sobre determinado assunto ou situação específica para os atores sociais” (DIAS et al.,2015, p.7).

No processo de composição, *o corpus* ampliado é composto por 28 memes, em que a seleção se deu em virtude da recorrência organizacional/composicional dos mesmos: **foto + legenda ou imagens/fotos com ou sem duplicação de quadros + legendas**, em 13 *fanpages*; considerando a pluralidade ainda manifesta desse gênero, sua instabilidade e variações, encontrou-se em tal configuração e arranjo, um maior número manifesto de exemplares, pelos quais, no presente trabalho, optou-se a partir da sua representatividade em *fanpages* que contivessem o número mínimo de 500.000 (quinhentos mil) “curtidores” (fãs), o que pode demonstrar, em certo aspecto, a popularidade desses espaços, facilitando uma maior interatividade, inclusive, através dos comentários.

É importante salientar que a escolha das *fanpages* também veicula-se a uma relação mais ou menos direta com a visibilidade e o *status* que alcançam, considerando, para isso, o número de curtidas, bem como suas “descrições”, ao dizerem-se relacionadas ao entretenimento, humor, comicidade e divulgação de informações, ao que se percebeu um potencial inventivo, plural e múltiplo, na diversidade e trato com temáticas e assuntos que se tornaram recorrentes socialmente e que oportunizam/possibilitam o florescimento de perspectivas e olhares sobre fatos que fazem/fizeram parte da constituição e construção da sociedade, dos grupos e daquilo que, em certa medida, parece ser mais evidenciado, divulgado e repercutido, inclusive, pela grande mídia.

Considerando-se esses filtros e delimitações, para a configuração do *corpus* restrito, selecionamos, então, 4 (quatro) *fanpages*, e utilizamo-nos de 5 (cinco) exemplares de memes que foram reconhecidos como componentes de 4 (quatro) macroesferas: economia, futebol, imagem da mulher na sociedade e uso de *sites* de redes sociais, facilitando não só

uma melhor visualização e distribuição em “conjuntos” pelo analista, mas também auxiliando na validação de possíveis direcionamentos, a partir do (re)conhecimento e apropriação das temáticas pelos interlocutores, resultando em ações linguísticas no campo “comentário”, incidindo analiticamente, de maneira representativa, em 26 dos comentários postados. Foram validados e trazidos para o campo das análises, os memes que contivessem, no mínimo, 500 (quinhentas) curtidas e 30 (trinta) comentários.

Nessa etapa, procedeu-se a *prints* sequenciais, a partir do auxílio da ferramenta “Principais comentários (sem filtro)”, disponível pelo próprio *Facebook*, até o máximo de 200 (duzentos) comentários por postagem de meme, no período entre junho 2014 a junho de 2015, período destinado à coleta do *corpus* a ser trabalhado na presente pesquisa. Desconsiderou-se, no entanto, os comentários construídos, apenas, através de “reações” caracterizadas por *emojis* e/ou comentários que fossem compostos, exclusivamente, por outros memes, publicidade e *links*.

A partir dos dados e das características da pesquisa, estabelecemos como sendo este estudo de caráter qualitativo, orienta-se, também, como pesquisa de cunho interpretativo, já que visa identificar ou apontar fatores que contribuam para ocorrência de determinado fator e, neste caso, das compreensões e construções elaborativo-interpretativistas configuradas via comentários; considera-se também o caráter bibliográfico do presente estudo, dada a recorrência e apoio em trabalhos anteriormente desenvolvidos.

A coleta foi efetuada após a ocorrência dos comentários, que estão temporalmente marcados, acessíveis materialmente, em virtude do propiciado pelos enunciatários, em seus deslocamentos e gerências, resultando em ressignificações através da construção de “novos textos”, a partir do conteúdo explorado, levando os comentaristas a discussões, perspectivas, geração de pontos de vista e interpretações múltiplas, confluentes ou divergentes, dadas as particularidades dos interagentes.

Nos comentários travados no espaço do *Facebook*, parecem ser evidenciadas apresentação de razões, justificativas e explicações diante daquilo que foi postado anteriormente, quer de maneira curta ou mais extensa, em uma ligação ou articulação imediata ou não à publicação de um meme em particular ou, ainda, em decorrência a comentários precedidos.

Para tanto, parte-se do que está posto, do comprometimento, do nível de “envolvimento” e das reações perante um mundo comunicado, percebido e (re)atualizado em fragmentos linguísticos; o que tal orientação pode levar a constituir ou, ainda, a compreender, é que nas produções dos comentários publicados, os interlocutores caracterizam, assinalam e individualizam situações comunicativas nas quais se envolvem e delas tornam-se, conseqüentemente, colaboradores ao “revelarem” seu(s) engajamento(s).

É considerando, pois, esses enquadres que concebemos os comentários no *site* de rede social FB, como sendo *comentários valorativos*, estando relacionados ao grau de comprometimento e adesão ou não, por parte dos interlocutores, quanto aos conteúdos com os quais se relacionam, em verdades enunciadas e seus efeitos, a partir das necessidades, finalidades e propósitos dos atores comunicativos nas relações que buscam estabelecer com seus parceiros de interlocução; consideramos e optamos, assim, pela inclinação que concebe a linguagem e seus processos a partir da intersubjetividade, do aspecto situado e do caráter cognitivo.

Em virtude dessas configurações, percebemos realidades constitutivas e construídas linguisticamente por tais agentes, em atividade apreciativa e possibilidades interpretativas, a partir do olhar do analista, que vislumbra, nos comentários preferidos via FB gradações, ao considerar as organizações e as escolhas linguísticas dos comentaristas nas seguintes disposições publicadas: *I) estrutura nominal composta por um item lexical: substantivo, adjetivo ou advérbio; II) estrutura sintagmática formada por verbo ser + grupo nominal com ou sem modificador; III) estrutura sintagmática com índices argumentativos/proposição*; tais articulações podem fazer repercutir interpretações e/ou as (re)significações em uma espécie de *continuum*, em deslocamentos que permitem observar os comentários em uma escala de (-) adesão → (+) adesão, denotando a perspectiva selecionada por esses agentes quanto às realidades e os mundos enunciados.

Em termos gerais, temos os dados quantitativos da sequência, tornando-se válido, no entanto, ressaltar que apesar de dispormos de um total de 866 comentários filtrados, debruçamo-nos em 26 deles, que, a partir da recorrência e semelhança, julgou-se como sendo representativos tanto da atividade interlocutiva, bem como das articulações que apontassem para possibilidades de sentido(s) a partir das publicações dos agentes comentaristas.

Quadro 4-Fanpages selecionadas, para *corpus* restrito, de acordo com número aproximado de fãs (“curtidores”)

<i>Fanpages</i>	Seguidores (fãs)
Futebol da Depressão	760.000
Félix Bicha Má	3.600.000
Chapolin Sincero	4.210.000
Minions Sinceros	5.900.00

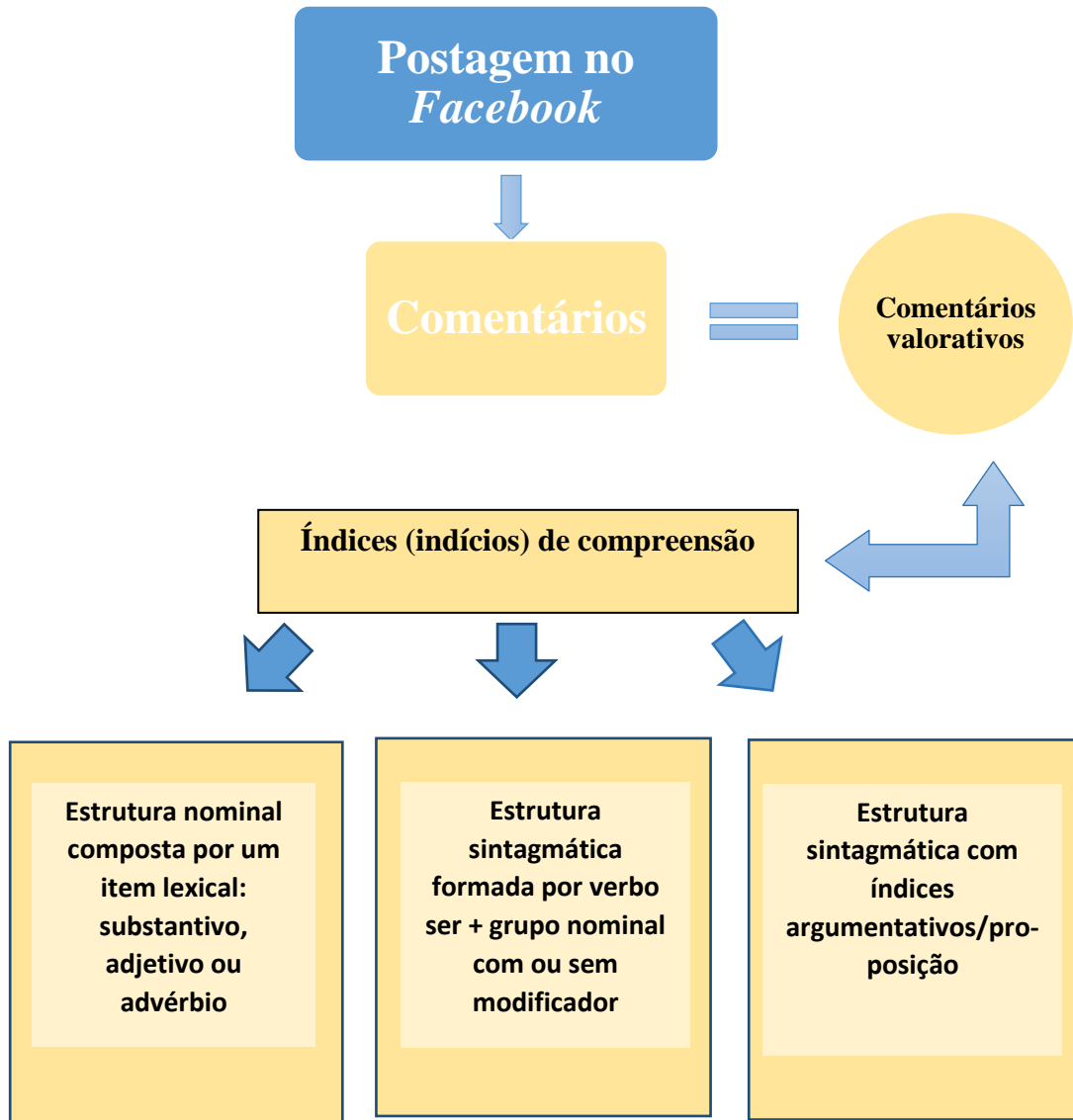
Quadro 5- comentários quantificados a partir da utilização de filtro²⁷

Memes	Comentários
Figura 9- Minions Sinceros (gasolina) ¹	196
Figura 10- Félix Bicha Má (mulher) ²	200
Figura 11- Chapolin Sincero (Whatsapp) ³	198
Figura 13- Minions Sinceros (Whatsapp) ⁴	182
Figura 14- Futebol (7 x1 na copa) ⁵	90
TOTAL	866

Para melhor elucidar essa questão, e em como esses comentários passam a ser representados, elegemos uma configuração gráfica que busca “explicitar” a natureza, os indícios e os desdobramentos linguísticos, no que configurar-se-á como potencial interpretativista, bem como das (re)configurações compreensivas a partir dos enunciados publicados.

²⁷ O que estamos tomando por filtro é a exclusão de comentários formados por: links, propagandas, *emojis* (exclusivamente) e outros memes. Além disso, foram selecionados, para a análise final, os comentários a partir de características semelhantes dado o grau de recorrência.

Figura 8- Trajeto investigativo baseado na representação das categorias analíticas e nos comentários



A partir de agora, direcionar-nos-emos às análises propriamente ditas, considerando como ponto inicial aquilo que denominamos de *comentários valorativos*, nas implicações e no trato das argumentações evidenciadas potencialmente pelas pistas também (co)textuais, creditando-se à diversidade de conhecimentos, em tais estruturas implicados, bem como nas possibilidades de conceber os direcionamentos e os saberes que parecem relevantes nos discursos, em estratégias lançadas mão pelos interlocutores. Para isso, utilizar-se-á, no

tratamento dos dados desta pesquisa, o configurado nos capítulos anteriores (compreensão, sociocognição, inferências, modelos mentais e contexto).

3.2 Comentários valorativos

Considerando que os sentidos não são estabelecidos de antemão e não podem ser aferidos diretamente, recorreremos às construções linguisticamente expressas, como os comentários, sabendo-se, pois, que as trocas entre interlocutores tomam por base aquilo que está, em algum grau, sedimentado entre os seus conhecimentos enquanto leitor, o mundo experienciado ou propagado, valores e crenças, que fazem parte da sua constituição e configuram-no enquanto agente e componente de dados grupos ou comunidades.

Entendemos, assim, que de maneira similar, a partir de saberes que são por esses indivíduos particularizados, mas impregnados de força socialmente estruturante, podem as unidades de linguagem funcionar como indicativos de mundos percebidos via enunciados, por esses mesmos agentes de interlocução; considera-se, todavia, as margens e horizontes por tais atores alcançados entre aproximações e afastamentos que vão circunscrevendo as projeções revestidas no ato de comentar, e nele expostos, observáveis e inferíveis, apontando para o fato de se considerar a atividade de compreensão como “[...] muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade” (MARCUSCHI, 2008, p. 230).

Tomando, pois, uma orientação quanto ao que, de fato, permeia a emersão de sentidos, instaurando-se entre fatores de ordem linguística e cognitiva, em vínculos e relações estreitas, na concepções de mundo e na sua ordem categorizável, é assim que potencialmente revelam-se mundos e verdades, nos fragmentos ou nas (re)construções, a partir de conteúdos publicados, (re)elaborações significativas, que apresentam-se de maneira indicativa através do que compõem uma escrita representativa e acessível ao analista; dessa forma, objetos e realidades culturais, que estão ali implicitadas ou explicitadas, validam-se e emergem através de mecanismos e recursos plurais pela atuação dos falantes-leitores-escreventes.

O que nos comentários parece ressoar, é o fato de apresentarem saberes e validações que encontram base e fundamentação em constructos socialmente latentes que, nos comentários efetuados, ganham contornos em caráter de maior ou menor valoração em espaços interativos,

como o *Facebook*; ordenam-se a partir de fatos ou eventos aceitos como verdades sociais, sobre os quais constroem, dentro da argumentatividade, direcionamentos de realidade(s), em distanciamentos e/ou aproximações, a partir da atividade compreensiva, em comprometimento(s) total(-is) ou parcial(-is).

No tratamento desses universos, haverá consenso entre os interlocutores, sempre que os modelos formados forem compactuados com a imagem/modelo do autor produtor dos memes, enquanto material observado neste trabalho, e ainda orientar-se-ão, os interagentes, de maneira não consensual se tais imagens ou enquadres reflexivos forem considerados equivocados, não pertinentes ou desconhecidos; os comentários, enquanto material discursivo acessível, tornam possíveis que certas “condutas” sejam (re)conhecidas.

3.2.1 Estrutura nominal composta por um item lexical/estrutura nominal lexical: substantivo, adjetivo ou advérbio

Poderemos verificar através dos comentários e nas projeções neles efetuadas, os graus de adesão em encadeamentos e arranjos linguísticos, sabendo-se, no entanto, que muito do plano aqui traçado está pautado naquilo que se pressupõe saberem tais interlocutores, nos registros e marcas que apontam para uma possível apreciação, presentes em pistas de contextualização, sobre as quais incide-se analiticamente, já que a maneira como esses agentes configuram e exploram os memes, admite que se desloquem através de escolhas e operem nas elaborações enunciativas, como, por exemplo, será observado nas estruturas construídas discursivamente.

Certamente, elas estão atreladas a experiências e perspectivas, e podem ser composicionalmente materializadas em *formação nominal lexical*, as quais através do emprego, único e exclusivo, de categorias como *substantivo, adjetivo ou advérbio* revelam um grau atributivo e de reconhecimento quanto à validade e legitimidade do que é sinalizado pelo meme. Vejamos, na sequência, o primeiro exemplo.

Figura 9- Exemplo 7 de meme: Minions Sinceros (a gasolina)



(Fonte: Facebook, fev/2015)

Em um primeiro momento, para que haja uma melhor percepção e construção daquilo que possivelmente funciona como aspecto ou assunto motivador e sobre o qual o meme acima referido custa a apropriar-se, ele é (re)elaborado em torno de temática que atingiu grande repercussão no primeiro trimestre do ano de 2015, o aumento da gasolina. É interessante lembrar que à época, o Governo Federal publicou um decreto sobre (re)ajuste da alíquota do Pis/Cofins, que alteraria o valor final dos combustíveis a serem distribuídos; os valores dos tributos recairiam, indiscutivelmente, no consumidor, que pagaria, a partir de então, mais caro pela aquisição do produto nos postos.

Uma articulação ainda maior dos conteúdos retratados no meme, coordena-se ao fato de que o decreto foi publicado no final de janeiro, período próximo e antecedente à festa de carnaval, bem como da campanha de conscientização que ganha ainda mais força, divulgação e visibilidade na proximidade de datas comemorativas, quando parece haver o aumento do consumo de bebida alcoólica; aponta também, a construção memética, à Lei Seca, em vigor desde o ano 2008.

O *slogan* da campanha está presente e é retratado, rememorado e revisitado na própria elaboração do meme através da estrutura: “Se beber, não dirija”, que circula nas diversas

mídias desde o final do ano de 2007²⁸ e tem como objetivo maior fazer com que os motoristas reflitam sobre os impactos de uma direção imprudente e inconsequente, em virtude da ingestão de álcool e suas possíveis consequências, incentivando mudanças de postura e comportamento no trânsito.

Ou seja, o meme selecionado emergiu em razão de assuntos que ganham/ganharam notoriedade na sociedade e fazem/fizeram parte dos conhecimentos compartilhados socialmente e daquilo que transita nos diversos e domínios dos espaços públicos e publicáveis:

- ✓ Consumo de bebida alcoólica no carnaval;
- ✓ Campanha “Se beber não dirija” (Lei Seca);
- ✓ Aumento do imposto sobre o combustível

A partir dessas três *frames*²⁹ e construções (re)elaboradas ou (re)significadas, consideramos que toda a ação desempenhada pelos sujeitos de linguagem estará inscrita em um mundo que se instaura num quadro social, histórico, cultural e cognitivamente configurados, possibilitando aos agentes comunicativos (comentaristas) aplicarem suas experiências e expectativas (Machado, 2005), influenciando na amplitude apreciativa e interpretativa como as que se seguem:

²⁸“No final do ano de 2007, o Ministério da Saúde veiculou campanha sobre o consumo responsável de bebidas alcoólicas. O objetivo foi conscientizar a população exatamente no período do ano em que os dados revelam aumento no número de acidentados no trânsito registrados nos hospitais e postos de saúde. A razão desse acréscimo se deve ao consumo excessivo de álcool nas festas de fim de ano somado ao fato de que muitas pessoas aproveitam o início das férias e os feriados para pegar a estrada. O mês de dezembro também marca o início de um dos períodos de maior consumo do álcool no país: o verão. “ Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acoes_comunicacao_ms_2007.pdf

²⁹Consideramos que o termo cunhado como *frame* pode alcançar uma diversidade conceitual e de orientação; para o presente trabalho optamos pelo direcionamento de Falcone (2008), quando diz serem *frames*, a partir de uma noção-base, “elementos cognitivos que guiam a compreensão e a própria interação social” (pg.8), ao que complementa, caracteriza-os enquanto “estruturas mentais que moldam a forma como vemos o mundo” (LAKOFF, 2004, p.15 *apud* FALCONE, 2008, p.9).

Ex1: Conjunto de comentários 1- Minions Sinceros (a gasolina)



(Fonte: *Facebook*, fev/2015)

Os dois comentários, apesar de curtos³⁰, constroem-se a partir de uma (re)significação. Os comentaristas ratificam a versão de mundo elaborada pelo autor do meme, apontando para a experiência, quer divulgada pelos pares quer empiricamente conhecida, sobre a qual há sinalização em como esses interagentes apropriaram-se daquilo que leram, dos fatos elencados que passam a ser assumidos como “dados”, como postos. Desse modo, a expressão nominal representativa, professada por MILENE e LAYSA, “verdade”, e “fato”, por BRUNA, em forma de comentários, dota o episódio- a elevação dos preços da gasolina, justamente em período que antecede o carnaval-, para uma inviabilização de custos com deslocamento, uso do combustível e, paralelamente, consumo de bebida, devendo-se fazer uma opção, ou bebe-se ou abastece-se, como sugere a construção memética.

Os agentes, assim, tomam por verdadeiro não só os fatos expostos, mas também reforçam uma construção e representação dos eventos enquanto saber compartilhado, em um ponto de vista que define a situação apresentada enquanto realidade, conferindo-lhe autenticidade, condicionada em processos de socialização, a aquilo que se conhece como fazendo parte e dimensionado na nossa cultura (VAN DIJK, 1994), via representação e elaboração de sentido, em uma relação de sujeito/realidade/verdade, por reiteração.

É, por isso, possivelmente, que conseguem em suas construções e nas mensagens por eles vinculadas, inferir um princípio de realidade, que é textualmente negociada, permitindo-lhes

³⁰ Concebeu-se como comentários curtos aqueles que contivesse no máximo de 140 (centos e quarenta) caracteres, e longos, a partir de 140 (cento e quarenta) caracteres, tomando como base e diretriz o que é característico do espaço que compõe o microblogging *twitter*.

encaminhar dentro de um horizonte de apreensões tomado a partir do conhecimento que é linguisticamente aludido, apontando, enquanto sujeito, para o reforço de um mundo que é socioculturalmente fundamentado e revestido de uma ação que não é neutra (MORATO, 2007).

Em seus pareceres “sutis” e na estratégia do referir, apontam o anteriormente concebido como estruturado, engajando-se no evento comunicativo e utilizando, para isso, da linguagem e das escolhas que lhes soem adequadas, tomando as práticas *beber x dirigir* e *direção x gasolina*, presentes em suas memórias, como configurações que modelam atitudes e representações, enquanto constitutivas de autenticidade, apontando para uma espécie de comprometimento coletivo, pois o que foi dito, proferido e enunciado no meme é para mim, sujeito, uma verdade, uma realidade reconhecida; isso sugere efeitos acerca do saber e das temáticas exploradas no meme, em função de uma prática de escrita ativa e possibilitada pelo julgamento de informações percebidas como relevantes.

Desse modo, construções como “verdade”/ “fato” trazem, antes de tudo, um ângulo de observação apreciativa, pelo uso de construção nominalizada, exprimindo, para aqueles que a ela recorrem, uma crença, um direcionamento reflexivo aos ditos e subentendidos, na força de uma adesão aparente e do considerado como verdade socialmente compartilhável, sobre a qual não há dúvidas de existência; de maneira significativa, mas, ainda, em um nível mais básico, essas afirmações são um tanto quanto categóricas, e possíveis, porque acionam modelos de contexto que, aí implicados, validam o “[...] modo subjetivo de compreender e construir esse fato social” (VAN DIJK, 2012, p.169),

É o que também pode ser dimensionado a partir do exemplo 2. Ele conta com uma organização ou realização similar à apresentada anteriormente e proporciona, potencialmente, relações/concepções de verdade em seus efeitos de sentido.

Ex2: Conjunto de comentários 2- Minions Sinceros (a gasolina)



(Fonte: *Facebook*, fev/2015)

O que se tem, então, no conjunto dois, é ainda uma empreitada no sentido da atribuição de valor pelos interlocutores. Eles fazem uso de construções nominais com valor adverbial, revestindo-as de significado e orientando-se, inclusive, quanto à força de um possível argumento, ainda que não tão claramente definido, mas contornados e recuperáveis.

Para tanto, é imprescindível considerar como referente ou referência toda a enunciação proporcionada pelo meme, figura 9, sobre a qual os advérbios “assim” e “com certeza” funcionam e direcionam-se anaforicamente, sem que os agentes julguem necessário retomar toda a estrutura textual que comporta o meme em questão; estabelecem, com ele, todavia, uma relação semantizada que realça as premissas e articulam-nas ao que seja/esteja subentendido.

Há um conhecimento centrado no enunciador, recuperável pelo fato da atribuição de valor dada pelos agentes, pois marcam certo comprometimento, apesar de não tão intensa carga valorativa, a partir do momento em que se dispõe a configurar algo como “certeza”, em manifestação que soa como conhecimento que julgam ser disseminado, pois estaria dentro de enquadres socioculturalmente fundamentados, propondo uma reflexão sobre em como um universo cultural está alicerçado.

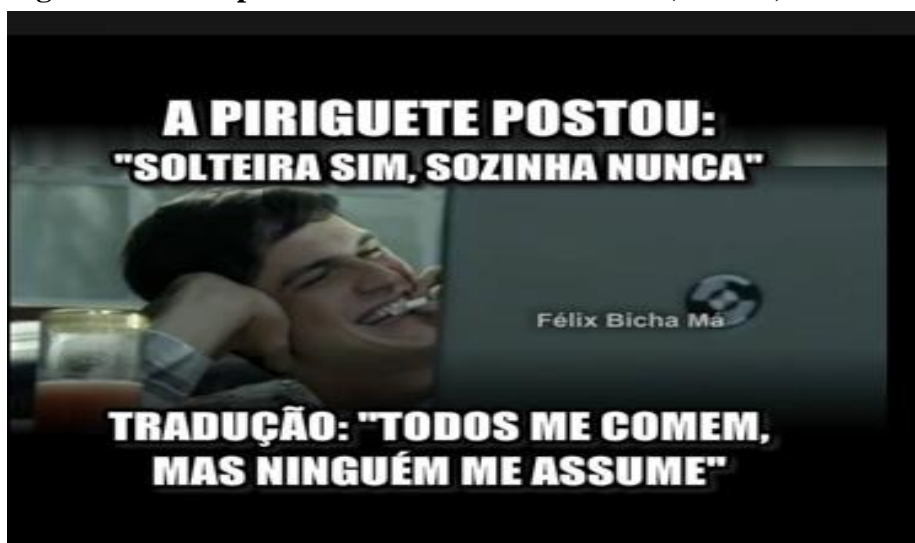
O que construções com valor adverbial como as acima expostas suscitam oferecer, é uma certa cumplicidade entre os comentaristas e o autor do meme; parece-nos, inclusive, marcar uma real interação em movimentos interpretativos, pois através do “com certeza” e “assim” infere-se uma aceitação e predição com vistas ao que o texto sinaliza, numa prática que é assemelhada ao imediatamente responsivo-ativo (BAKHTIN, [1976] 1997), em uma convergência de intencionalidade símile, em (re)construção de ideia sobre o(s) conteúdo(s) tomado(s) como condizente(s), pois o “com certeza”, de ANA, surge em

articulação/inclinação a um universo dos saberes e conhecimentos constitutivos que os interlocutores, nessa situação, compartilhariam. O direcionamento do “assim” concorre para o mesmo campo, pois enquanto postura, encaminha-se, o agente, em sustentar como representação indicativa na recuperação da unidade comunicativa sobre a qual coopera e opera.

Há, portanto, um desmembramento que possibilita uma leitura realizada, em comentário efetuado, dado no sentido de igualdade, como parece ser o pretendido por ELIVANILDA, no território e trânsito entre o particular-coletivo, em trocas e realizações ininterruptas com vistas à uma compatibilidade e possibilidade de enquadres e representações, gerando sentido(s) aceitável(-is) de uma versão certamente negociada e fundamentada em uma rede complexa de relações e articulações, ligando-se, como aponta Marcuschi (2008), a memórias discursivizadas acessíveis e em configurações interpretativas que emergem na conjunção das ideias e do texto em “[...]informações consolidadas na memória” (OLIVEIRA & SILVEIRA, 2014, p.94), na memória de um grupo, naquilo que compreendemos por modelos de contextos, do que pode ser configurado dentro de uma coletividade e é nela expresso.

Considerando ainda a mesma vertente, bem como os traços e pistas linguísticas, deslocamo-nos para as significações e implicações presentes quanto a comentários que são configurados em torno de composição adjetival, marcando manifestações e traços de validação quanto ao *post* memético. Para isso, tomar-se-á como âncora o meme que compõe a figura 10.

Figura 10- Exemplo 8 de meme: Félix Bicha má (mulher)



(Fonte: *Facebook*, junho/2015)

Direcionamo-nos, assim, para as representatividades assumidas e discursivizadas, considerando os indícios linguísticos tornados possíveis, assumindo, para tanto, que há saberes acionados na construção de sentidos (KOCH, 2009a), o que, significativamente, pode refletir em escolhas lexicais, inclusive, no que confere a “propriedades classificatórias” de seres/coisas/eventos referidos, que são múltiplas e variáveis em decorrência de opinião(-ões) e efeito(s) projetados, revelando, portanto, condições de interpretabilidade e significação de determinado texto (VAN DIJK, 2001b).

É importante, de antemão, ressaltar que a configuração do meme, figura 10, bem como dos conteúdos por ele retratados e acessíveis estão atrelados a saberes ou conhecimentos que são, no âmbito do social, difundidos, pois aspectos conceituais nele implicados “revelam” uma série de construções, bem como apontam para registros de experiências que carecem ser (re)ordenados e recordados para que surtam efeitos em seus interlocutores.

Considera-se, para tanto, os aspectos possivelmente intencionados pelo autor do meme, a partir, inclusive, de um modelo mais geral do que configurar-se-ia como uma representação mental do “ser mulher”, daquilo que poderia estar “condicionado” a registros culturais e/ou de experiências ou ainda modelos mais particularizados para o qual concorrem os indivíduos que estão envolvidos em determinados eventos discursivo e com ele interagem mediante o que é para cada sujeito “estabilizado”. O que se pode mostrar através das construções efetivadas

pelos interlocutores e relações aspectuais constituídas mediante o identificado e reconhecido, passa, então, a “refletir” e referir-se nos enunciados.

O que se avalia e infere, partindo do meme, é um quadro de generalizações e, ao mesmo tempo, emolduração da figura feminina, quando diz ser àquela que expõe ideias como “solteira sim, sozinha nunca”, uma piriguete, atribuindo-lhes contornos depreciativos que apontam, a partir da porção textual que se segue, em orientação afirmativa e conclusiva como a mulher que “todos comem, mas ninguém assume”, em um percurso de objetificação da figura feminina.

Sabe-se, todavia, que esse mundo discursivizado/comunicado é “ sempre fruto de uma ação cognitiva e não uma identificação da realidade discretas apreendidas diretamente” (MARCUSCHI, 2002), apontando, nesse caso, para um processo estratégico de desqualificação de um grupo social, em razão da vinculação a imagens difundidas socioculturalmente em compartilhamento de crenças e valores.

É interessante, para melhor visualização, segmentar sobre quais prováveis *frames*, o meme se sustenta em uma realidade discursivamente construída:

- ✓ Música de *funk* “Solteira sim, sozinha nunca”;
- ✓ Representações e enquadres da figura feminina na sociedade;

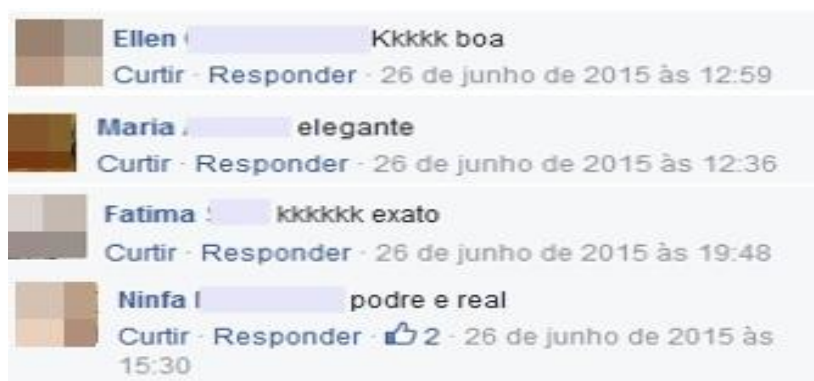
É especialmente importante compreender que as propostas percebidas e significadas se atrelam a variações pessoais, no que dizem respeito aos modelos e aquilo que comporta a individualidade, os recortes de personalidade, sabendo, no entanto, que é através da linguagem e da atividade linguística que se “predica, interpreta, representa, influencia, modifica, configura, contingencia, transforma” (MORATO, 2007, p.317) e sobre a qual age-se estrategicamente.

Consideramos, como mencionado acima, dois *frames* ou pistas possíveis do que se pauta no socialmente difundido, ainda que os interlocutores não tenham consciência clara dessas construções basilares; o fato de falarem sobre ou dizer-se algo, indica fragmentos de mundo “recobráveis”, recuperáveis e situados.

É sobre esse aspecto que Apt (2015, p.25) pontua, ao dizer que “a partir do momento em que o indivíduo se identifica e faz parte efetivamente de um grupo, ele então passará a refletir em seus discursos os mesmos pontos de vista gerais compartilhados pelos demais[...]”, em uma prática que se mostra tanto na elaboração do meme, figura 10, quanto nos comentários publicados por seus interlocutores.

Para isso, elegemos o seguinte grupo de comentários, em movimentos de identificação ou contra-identificação³¹, a partir dos lexemas que “graduam” o referente, ou seja, todo o enunciado do meme.

Ex3: Conjunto de comentários 3- Félix bicha má (mulher)



(Fonte: Facebook, jun/2015)

Construções como as acima elencadas, no exemplo 3, possibilitam observar o fato da linguagem, em sendo situada e localmente organizada, projetar realidades dinâmicas interativas, negociadas e reflexivas; talvez aí, incida, justamente, o potencial de construções e valorações via adjetivo, em uma forma particularizada de apreender a realidade e “enquadrá-la” em dimensões apreciativas, ainda que retomada brevemente como em comentários de curta extensão.

Sabe-se, todavia, que a leitura feita dessas construções, é uma possibilidade dentro de outras, além de que os sentidos de palavras e textos não são, a eles, constantes e pré-existentes (KOCH & CUNHA-LIMA, 2005), mas encontram-se em dinamismos próprios e situados.

³¹Consideramos que a delimitação do *corpus* permite ou possibilita uma incidência maior de determinados tipos de comentários em detrimento de outros, já que não tratamos com *fanpages* que se detenham, por exemplo, a uma causa social específica e sobre ela atuem de maneira sistemática.

O uso de adjetivos, como “elegante”, “exato”, “boa”, “podre e real”, trazem um confronto de perspectivas autorizáveis, ainda que não sejam as únicas em “conceituar” o mundo referido. Nesse caso, publicações do tipo “solteira sim, sozinha nunca”, configurar-se-iam como marcas das representações que os outros sujeitos têm a respeito de determinadas enunciações ou “posturas linguísticas”, já que não há como acessar diretamente as mentes humanas, ou seja, a realidade que se faz e que é valorada quanto ao tipo de posicionamento da mulher ou publicações a elas “permitidas” e “aceitáveis” ou “impróprias” e “abomináveis”, é uma (re)configuração dentro de outras possibilidades, em razão a modelos pré-existentes de realidades intersubjetivas.

ELLEN, MARIA, FÁTIMA e NINFA validam tal construção e a ela dão crédito quando elencam a postagem de “elegante”, “exata”, “boa”, “podre”, mas “real”, sobre o que é possível, então, inferir, validar e evidenciar um saber distribuído no meio cultural, em relações estabelecidas entre sujeitos através de “enquadres” que fornecem base para que possam intervir textual, entre o socialmente dimensionado, aprovado ou reprovado, resultantes de atualizações configuradas “[...] a partir do nosso contínuo processo de atividade social” (FALCONE, 2008, p.55).

Esse tipo de construção possibilita uma percepção inclinativa dos sujeitos comentaristas quanto aos conteúdos sobre os quais estabelecem significação através de opinião que é entrevista quando da inserção desses enunciadores em comprometimentos considerando aquilo que conseguem tornar recuperável. No entanto, essas possibilidades e usos mostram escolhas e produções comentadas que ainda não se inserem em uma adesão mais fortemente indicativa, caso consideremos que as atribuições de valores seguem uma escala/*continuum* do (-) aderente ao (+) aderente.

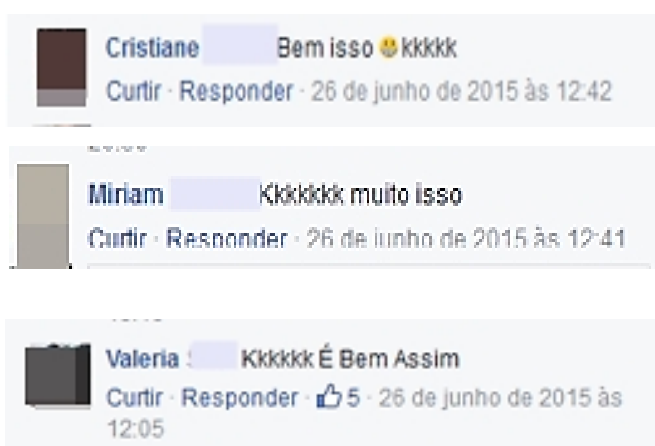
Vejamos, então, como se processam os comentários que contam com construções e estruturações um pouco diferentes de uma estrutura nominal lexical, quando se configuram em *estrutura sintagmática formada por verbo ser + grupo nominal com ou sem modificador*, apontando para possibilidades interpretativas e de compreensão, mas também na consistência gradual mais elevada, asseverativa e valorativa, por parte dos interlocutores.

3.2.2 Estrutura sintagmática formada por verbo ser + grupo nominal com ou sem modificador

O que podemos verificar, de acordo com os exemplos assumidos na sequência, é o fato de eles coordenarem-se de maneira tal, que não há apenas uma leve inclinação quanto à adesão às temáticas e conteúdos, que fazem parte da construção do meme, mas sim, uma valoração mais fortemente indicada, a partir, inclusive, do usos de modificadores que funcionarão como pistas em (re)construção mais acentuada, não só do que pôde ser compreendido, mas também um maior potencial categórico e taxativo.

Para tanto, tomamos, ainda, o modelo de meme da figura 10, ao que se observa os seguintes perfis de estruturação.

Ex 4: Conjunto de comentários 4- Félix bicha má (a mulher)



(Fonte: Facebook, jun/2015)

O que em um primeiro momento podemos depreender é que, em relação à postagem e aos valores nela acessíveis, os comentaristas compartilham de representações similares aos do autor do meme, em um realidade aparentemente percebida enquanto verdade, ainda que possivelmente preconceituosa para outros interlocutores, de acordo com interesses próprios do grupo(s) em que circulam.

As opiniões presentes nos comentários, ainda que curtos, sobre um conceito formado a respeito daquilo que significa ser mulher, está baseado em aspectos histórico, social, cultural, político, ideológico, e naquilo que configuraria ou caberia a tais indivíduos serem ou não,

posicionarem-se ou não, expressarem-se ou não, mas que acabam redundando em opiniões como as acima elencadas: “bem isso”, “muito isso” e “é bem assim”.

Construções de cunho nominal como essas apontam para possibilidades de compreensão, pois a partir do momento em que o pronome demonstrativo “isso” retoma de modo anafórico toda a porção textual anteriormente enunciada, delimitando ou sinalizado a referência e, assim, o reconhecimento e identificação daquilo a que é, por ele, complementado, materializa ou indica que a(s) informação(-ões), pelos interlocutores acessadas, fazem parte não só no que está “dito”, mas também do que já foi dito, de repertórios e conhecimentos por esses agentes alcançados, dentro de pluralidades e “meios não-finitos para criar todo tipo de enunciado” (MARCUSCHI, 2002, p.48).

As estruturações sintagmáticas demonstram, ainda, a existência de um encadeamento lógico entre as ideias que comportam os memes e o expresso pelos comentadores, pois é como se os agentes coordenassem e sincronizassem a informação sabida com a informação por ele(s), então, gerada(s) ao denotarem aprovação e incentivo em relação à situação comunicativa com a qual interagiram e que são intensificadas em virtude do uso de advérbios como “bem” e “muito”, reforçando não só a expressividade, mas o grau de concordância quanto à postura orientada ou pretendida pelo meme.

O que não diferentemente ocorre com as elaborações que se seguem, pois também marcam ou sinalizam o tipo de representação mental que reforça o modo com o qual esses interlocutores (re)constroem enquadres sobre outros atores sociais, neste caso específico, as mulheres.

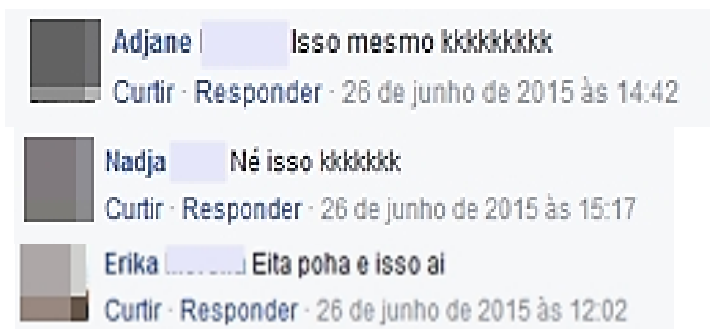
É interessante observar que muitas das composições e dos exemplos elencados contam com a presença de onomatopeias, que, aqui, têm como intuito e função representar imitativamente o riso. Consideramos que as onomatopeias, em conjugação às estruturas linguísticas apresentadas pelos comentaristas, funcionam como uma espécie de reforço expressivo ao que por eles vem sendo assumido nas formas enunciadas, auxiliando-os a (re)afirmar pontos de vista ou inclinações, como um sinal que sugere também a adesão em razão ao que foi publicado.

A partir do contato com o texto, os agentes comunicativos produzem e atualizam seus modelos, configurando-os e articulando-os a elementos de diversas ordens; torna-se

importante, todavia, que haja um cruzamento com horizontes possíveis, no contato com as materialidades linguísticas e contexto sociocognitivo assumido e interpretável pelos participantes, discursivamente competentes, detentores de um saber sociocultural fundamental à compreensão e à prática interpretativista.

É, pois, nesse mesmo viés que concorre o exemplo 5, do conjunto de comentários:

Ex 5: Conjunto de comentários 5- Félix bicha má (a mulher)



(Fonte: *Facebook*, jun/2015)

A partir da manifestação dos comentaristas, considerando o lido, e as expressões empregadas e selecionadas, infere-se que houve e foram utilizados, para tanto, conhecimentos estocados, depreensíveis das marcas indiciais opinativas explicitadas, na existência e reforço de correspondência positiva pela ativação dos agentes na (re)construção de caminhos e mobilização de conhecimentos.

Percebe-se que a mensagem divulgada ganhou projeções e contornos e foi além, pois está qualificada linguisticamente, possível em razão da relação estabelecida entre o falante e o lido, que aponta remissivamente e deiticamente através do pronome “isso”, ao anteriormente postulado, (re)construindo-o, assim, em seu turno discursivo.

Se se considerar mais especificamente o que foi comentado por ADJANE, vemos uma complementariedade na ideia anaforizada através de um sinal de redundância, presente no advérbio “mesmo”, que impregna de força semântica e acentua a construção elaborada, levando o comentário a revestir-se em contornos do “seguramente” instituído ou veiculado, o

que determinaria uma convicção quanto ao(s) fato(s) ao(s) qual(-is) ela se reporta: ao tipo de comentário escrito por mulheres no *Facebook*.

Há, portanto, uma realidade sobre a qual se incide e sobre a qual a “autoavaliação” executada valida a existência de um mundo ou universo compreensivo, de uma crença que se exterioriza via comentário em relação às mulheres e comportamentos “aprováveis” e “reprováveis”, em um *status* do adquirido, de condição-estado, da existência e posição sobre o qual um efeito específico pode atuar.

Mas não só, pois deparamo-nos com outras variantes, indicadas no exemplo 6, a partir da figura que se segue.

Figura 11: Exemplo 9 de meme- Chapolin sincero (WhatsApp)



(Fonte: *Facebook*, mai/2015)

Para que seja possível a compreensão do meme publicado, parte-se da(s) intenção(ões), porventura, pretendida(s), que gera(m) a repercussão de informações pautadas em saberes disseminados. Considera-se que a recuperação de quadros sociais validados seja possível,

apesar da condensação e do espaço limitado para a construção do texto, o que não se torna empecilho para que a interação suceda ou que representações não ecoem.

As práticas sociais ali presentes, dentro de versões difundidas, servem como guia na (re)constituição do conhecido e funcionam como elos conectivos, permitindo que repertório já internalizado seja acessado, tornem-se emergentes e também encontrem consonância e certa adequação, a partir dos movimentos e inserções interlocutivas.

Dessa forma, é importante que sejam tomados os papéis e representações que o meme, como o da figura 11, possam ativar, respaldando-se entre o socialmente situado e o comunicativamente enunciado (KOCH & TRAVAGLIA, 2011), gerando conhecimentos que são (re)projetados nos comentários através da leituras de tantos outros textos que encontram-se presentes e são acessados pela memória (SILVA, 2015) no contato/encontro com a leitura.

É, assim, que se faz e torna-se necessário ativar, ainda que dadas as particularidades de cada sujeito interagente, as seguintes configurações em relação à publicação do “Chapolin sincero”, figura 11:

- ✓ Utilizamos, ou grande parte da sociedade atual, um aplicativo de mensagens instantâneas, o *WhatsApp*;
- ✓ A partir dos mecanismos e configurações do aplicativo, é possível saber que a mensagem foi enviada, mas também que foi lida pelo “destinatário”.

A partir desses enquadres, em configurações comunicativas como as adotadas pelo *WhatsApp*, o interlocutor pode pressupor que: Se “A” envia mensagem para “B”, “B” responderá tão logo a mensagem seja visualizada, pois é o que se configura como natural dentro das relações de interação em relação e semelhança ao par PERGUNTA – RESPOSTA, esperadas pelo uso do aplicativo.

No entanto, a resposta automática/imediata é tida pelo personagem Chapolin como desvalorização, ou seja, estar-se-ia dando importância demasiada ao interlocutor, o que, inversamente proporcional, configurar-se-ia como desvalorização do “eu”, daquele que recebe a mensagem; o estabelecimento desse elo ou dessas configurações operam como uma “hipótese coesiva no processamento do texto” (MARCUSCHI, 2008, p.49), apontando para significações.

Considere-se, pois, o exemplo 6:

Ex 6: conjunto de comentários 6- Chapolin Sincero (WhatsApp)



(Fonte: Facebook, mai/2015)

Construções como as apresentadas pelos comentários de SARAH, LUANI e GUILHERME concorrem para que as expressões funcionem e configurem-se como unidades que indicam uma via argumentativa conclusiva, onde aplicam uma teoria de e sobre mundo.

Ao expressar-se através de “exatamente”, LUANI assevera o valor-verdade quando, por meio do advérbio escolhido, trata como certeza toda a construção presente no meme, ou seja, o advérbio incide sobre as sentenças proferidas pelo personagem, dando a elas grau de exatidão, o que (re)afirmaria ou ratificaria a seguinte proposição: aquele que logo responde à uma mensagem desvaloriza-se. É possível, apenas, dar este direcionamento, porque credita-se à LUANI, como integrante de um grupo, que ela compartilha das habilidades e usos do sistema de trocas de mensagens, e se assim não o fosse, como poderia chegar a uma postura afirmativa e com um caráter de precisão expressos pelo advérbio por ela eleito? Assim, esse interlocutor chega a determinado sentido ou o (re)constrói em detrimento de outros durante o seu processo de leitura e exposição via comentário, sendo suas expectativas, perspectivas, estruturas cognitivas, fortemente influenciadoras no processo compreensivo, como ratifica Machado (2005).

Nas elaborações nominais de SARAH e GUILHERME, o que se pode ver é não apenas a retomada de toda a porção textual do meme ancorada pelo pronome demonstrativo “desse”, mas além de utilizá-lo para reavivar e manter em foco a análise e conclusões proferidas por

Chapolin, os outros dessa interlocução, demonstram que partilham de um mesmo ponto de vista, ao elencarem na sequência “jeito” e o “modelo”, substativando a realidade ou ideia com a qual compactuam, representando-a; eles intervêm, interferem e comentam, com propriedade, sobre a validade do que foi exposto, em um campo de certezas e não de possibilidades, considerando que essas amplitudes apreciativas e interpretativas são variáveis. Há, aqui, uma concretude e responsabilidade chamadas para si quanto das três afirmações, ao assegurarem e “mostrarem” que compartilham de direcionamentos próximos aos do autor do meme e deles se apropriam enquanto realidade com a qual se integram e interagem.

Interessante, talvez, seja configurar alguns aspectos das não-adesões, em como parecem proceder ou ocorrer. Pontuamos, ainda que brevemente, que o fator da não incidência possível de maiores contra-adesões sejam dadas em virtude do fato de não estarmos tratando de *fanpages* que se organizem em vistas a um caráter essencialmente envolto em causas de cunho social, político, institucional, o que, provavelmente, considerando a nível de exemplificação a postagem como a do “Félix Bicha Má”, gerasse um maior nível de não-adesão.

Tomando, no entanto, a título de modelo alguns dos comentários, ainda que bem poucos e mais pontuais, eles mostram orientações e valores, ou ainda, modelos que não correspondem ao que é reivindicado pelo autor do meme, figura 10. Alguns dos interlocutores mostram ou trazem à superficialidade linguística a adoção de referencial diferente do que o “grande grupo” parece propagar; eles não se restringem a comentar e compartilhar direcionamentos e enlaces interpretativistas que se debruçam sobre sentido e organização na ativação de contextos iguais ou similares aos da autoria do meme, fazendo-os assumir outras posturas enunciativas.

Tais interlocutores fundamentam-se em diferentes bases interpretativistas para a intervenção em seus textos e (re)configurações acionadas nos comentários produzidos, levando a inferir sobre a possibilidade e a existência de outros acervos que os abasteçam e permitam construções em outras teias, orientando-se situacionalmente para outros sentidos, representando, assim, diferentes facetas de conhecimentos, mas em integralidade dinâmica e sistemática de cooperação, posto que “evidenciam” a existência de diversas estabilidades

conceituais, inclusive, pelo fato de ser a comunidade de mentes aquilo que mune, abastece e dá medida a todas as coisas (DAVIDSON, 2001).

Para melhor sistematizar o que se está a dizer, verifiquemos o exemplo 7, nos três comentários.

Ex 7: conjunto de comentários 7 - Félix Bicha Má (mulher)



(Fonte: *Facebook*, jun/2015)

Apesar de o verbo “ser” não aparecer explicitamente impresso, podemos recuperá-lo, se creditarmos a essas configurações o caráter sintagmático nominal, bem como toda a organização dos comentários, nas pressuposições e percepções de quadros compreensivos, apontando para o que foi postado em atribuição valorativa. Os agentes assumem em relação à postagem uma inclinação, que confronta o que foi propagado pelo meme, quando manifestam-se diferentemente na atividade interlocutiva, trazendo à tona outras experiências, visões, em mundos comunicados, construídos e imaginados, dado que não há uma ou única identificação com realidades discretas, como salienta Marcuschi (2002).

Os interagentes validam suas experiências em direção à postagem, afirmando se tratar de “uma postagem machista”, “uma postagem sexista”, revelando, assim, suas relações outras do referencial “ser mulher”, a partir do que acumularam, sedimentaram, durante todo processo de socialização, demarcando, assim, inclinações que indicam, nos comentários, estratégias interpretativas emergentes à superficialidade textual, particularizando e validando, dentro de um outro esquema conceptual, a mulher na sociedade, levando-nos a inferir que: postura X ou postura Y não define gênero, caráter e valor; para os comentaristas do exemplo 7, o que se

observa é a não adesão do viés mantido, revelado e manifestado pelo autor do meme, que é também uma elaboração de mundos e universos, a partir de determinado ponto de vista.

Construções como as que se fundamentam através do verbo ser + estrutura nominal, já denotam um maior valor apreciativo quanto às publicações, em gradação dentro de um *continuum* possível, se comparadas àquelas organizações nominais lexicais do item 3.1.1. Vejamos a figura 12.

Figura 12- Quadro-continuum

(-) adesão	[...]	(+) adesão
Verdade!		(É) a mais pura verdade!
Boa!		(É) essa foi boa!
Certo!		É desse jeito!
Exatamente!		(É) exatamente assim!

(Fonte: a autora)

Se atentarmos a essas construções representadas, o que podemos observar é uma variação ou gradação quanto a valor de adesão dos enunciatários. A maneira como os interlocutores elaboram seus comentários deixa entrever a forma como ordenam os conteúdos propostos nas publicações dos memes, desde uma identificação, em menor escada de aderência, (-) adesão, como as situadas no lado esquerdo do quadro-*continuum*- “Verdade!”, “Boa!”, “Certo!” e “Exatamente!” -, à uma maior aderência, como as localizadas no lado direito da figura; alguma recuperação da(s) temática(s) abordada(s) pelos memes-mote existe, visto que demonstram, os comentaristas, predicções ou, ainda, conhecimento na manifestação de crenças.

Entre as duas realidades há, no entanto, uma que desloca para o âmbito do “seguro”, do “certo”, sem grande margem a dúvidas, estruturada também semanticamente na força do verbo “ser” – “ (É) a mais pura verdade!”, “(É) essa foi boa!”, “É desse jeito!” e “ (É) exatamente assim” - em afirmações que parecem mais categóricas e concretas, em ações

linguísticas que denotam, se compararmos os dois recortes, localizando-se mais no campo das certezas e do estado adquirido, (+) adesão, não podendo dele se desfazer, revelando a atitude mais fortemente estabelecida quanto aos saberes e a uma realidade representada, a partir de enquadres interpretativos.

3.2.3 Estrutura sintagmática com índices argumentativos/proposição

Articulando-se, ainda, aos textos, bem como nas representatividades, pautadas em estratégias (re)construtivas, ganham contornos as interações “explicitadas” através de estruturas sintagmáticas acompanhadas de índices/operadores de argumentação, que exercem importante função quanto à própria atividade enunciativa, auxiliando nos encaminhamentos quanto à percepção, interpretação, descrição e particularização dos mundos transitados por atores de linguagem.

Observemos, para tanto, os exemplos a seguir, decorrentes da postagem do meme, iniciando por aqueles que compõe a figura 13.

Figura 13 – Exemplo 10 de meme: Minions Sinceros (WhatsApp)



(Fonte: Facebook, fev/2015)

O meme da figura 13 foi publicado na *fanpage* “Minions sinceros”, no mês de fevereiro de 2015. Em sua descrição, a página veicula-se à diversão³² e os minions são qualificados como francos, possibilitando representações, por parte dos interlocutores, de significados, inclusive, acionados pelo item lexical “sincero”.

As criações textuais idealizadas emergiriam através da franqueza de seres não humanos, que exploram “verdades”, em semelhança à naturalidade das crianças, se atentarmos ao fato dos minions serem personagens de um filme destinado ao público infantil e, circunstancialmente, a emissão de opiniões por eles publicadas, passa a não ser afetada por sanções, posto que não haveria punições à espontaneidade de meninos ou meninas, o que os permitiria opinar ou considerar os mais variados assuntos, sem medidas restritivas, posto que “autorizados” socialmente.

Considerando, assim, o exposto por Pimentel (2014) e Horta (2015), os memes estariam ligados a eventos que ganharam certa repercussão, e acrescentamos a isso, a existência de um trânsito livre em (re)configurações de temáticas que foram evidenciadas, *amplamente difundidas e replicadas* em dado período, ou seja, abordam uma pluralidade de temáticas.

A partir de tal conjuntura, acreditamos estarem refletidos, no meme da figura 13, aquilo que emergiu, possivelmente, a partir de assuntos prestigiados pelas mais diferentes mídias, em fevereiro/2015:

- ✓ Aumento da gasolina (dos impostos que incidiram sobre os combustíveis);
- ✓ Reajuste da energia (ajuste tarifário, autorizado pela Aneel, para as distribuidoras de energia);
- ✓ Queda do volume de água (diminuição dos níveis de água nos reservatórios do Sistema Cantareira, responsável pelo abastecimento da grande São Paulo -SP);
- ✓ Suspensão (temporária), por determinação judicial, do aplicativo WhatsApp;
- ✓ Viralização da imagem de um vestido (percebido com múltiplas cores, por ilusão de ótica);

Direcionamo-nos, então, para os “ditos”, para as evidências e representatividades discursivizadas entre os interlocutores em seus comentários, considerando os indicativos

³² https://www.facebook.com/oficialminionssinceros/info?tab=page_info

linguísticos, as organizações e os conjuntos de saberes acionados na construção de sentidos (KOCH, 2009a).

Ex8: Conjunto de comentários 8- Minions Sinceros (WhatsApp)



(Fonte: *Facebook*, fev/2015)

A partir dos comentários elencados, o que se observa é uma sequência de posturas enunciativas quanto ao publicado no meme. É possível compreender a existência do socialmente distribuído, já que tanto FELIPE, como MARCOS e GILSON fazem considerações acerca do enunciado, reportando-se a ele, o que possibilita um reconhecimento, dado o movimento enunciativo, dentro de uma continuidade logicamente articulada ao anteriormente postado, na projeção de elementos que sugerem a adoção de pontos de vista.

Construindo uma interpretação, mais especificamente a partir do que MARCOS e FELIPE propõem, configurar-se-iam circunstâncias de atração e “preocupação” para os brasileiros, “povo brasileiro”: “perder na copa do mundo” e “aumentar a cerveja”. Ou seja, eles revisitam outras categorias e memórias ao reconhecerem temáticas que se estruturam no mesmo campo do proposto pelo autor do meme, endossando a perspectiva empregada.

Para isso, atuam os interagentes em expectativa e direcionamentos similares. Um deles, MARCOS, se insere mais fortemente, enquanto voz enunciativa, a partir da introdução do

marcador “e”, que com valor de adição, soma ao “dito” e a possíveis intenções do interlocutor, assemelhando-se ou colocando em mesmo nível o compartilhado textual do meme. Já o interlocutor FELIPE, faz sua inclusão em um viés lógico e contínuo, possivelmente, na sugestão e procedimento enunciativo de alternância ou alternativa, através da conjunção “ou”, quando dos descontentamentos emergentes, por exemplo, em razão a um placar desfavorável, hipotético, na Copa, para o Brasil. Situações como essas fariam, segundo esses interlocutores, os brasileiros movimentarem-se a título de indignação, o que para MARCOS e FELIPE não lhes parecem indignações legítimas.

Em manifestações linguísticas como essas, supõem-se a existência de uma prática representacional e de significações que mobilizam outras realidades e vínculos, habilitando ordens discursivas, como as assumidas pelos interlocutores, em gradações ou equivalências a partir das situações (re)conhecidas, mas também em ordens como a instaurada por GILSON, interlocutor 3 da sequência, a partir da reflexão do também socialmente constituído.

Para isso, ele considera como válidos os argumentos trazidos no enunciado pelo meme. Em um primeiro momento ou movimento, configura as ações do “povo brasileiro” como “fúteis”. Age, discursivamente, sinalizando não só reconhecer tais direcionamentos e posturas que seriam típicas dos brasileiros, ativa e de maneira valorativa dá sentido à construção apresentada no meme, mas também se direciona à instrução do “mas” ao julgar serem outras questões mais importantes para o futuro. Através da conjunção adversativa “mas”, orienta-se discursivamente, referindo-se à existência de outros enquadres, representações, outras pautas que deveriam ter primazia, fundamentando-se, pois, nas recorrências e experiências que só são possíveis porque socioculturalmente ordenadas.

Sem se considerar a leitura como atividade essencialmente inferencial, não seria possível que os interlocutores atingissem formulações como as presentes nos comentários, posto que eles não só tomam por relevantes outras elaborações textuais, mas outros aparatos de conhecimento que emergem no momento interlocutivo particular, gerando informações significativas, posto que confrontam, negociam e identificam possibilidades, em prática leitora reflexiva, através de experiências e vivências expressivas, sedimentadas em modelos que permitem construir percepções e enfoques sobre o mundo (VAN DIJK, 2013a), desdobrando-se em interpretações específicas.

Similares mecanismos ocorrem nos comentários selecionados para a figura 14, na sequência.

Figura 14 de meme- Exemplo 11 de meme: Futebol da depressão (7x1, copa de 2014)



(Fonte: *Facebook*, jun/2014)

Antes, porém, de determo-nos nos comentários, é interessante retomar o momento mais específico ao que se refere à circulação do meme que comporta a figura 14. Ele foi divulgado e difundido após o jogo entre Brasil X Alemanha, na Copa de 2014. A seleção brasileira jogava contra a alemã, no dia 08.07. Os alemães fizeram uma sequência de gols, 5 gols, em menos de 20 minutos, e o Brasil sofreu com a derrota de 7 x 1, perdendo de goleada.

É interessante notar que a construção do meme foi realizada em cima de enquadres/*frames* que comportaram os seguintes direcionamentos, funcionando como engates:

- ✓ Copa do Brasil 2014;
- ✓ Jogo Brasil X Alemanha;
- ✓ Propagandas da Jequiti veiculadas pelo SBT, emissora de televisão brasileira;

Para que seja possível (re)construir interpretações mais específicas, faz-se necessário conhecer algumas das propagandas transmitidas pelo SBT, mais especificamente, propagandas relacionadas aos produtos da Jequiti dentro da grade exibida pela emissora. Os anúncios são dados como *flashes*, aparecem e desaparecem subitamente em meio à programação apresentada no canal de televisão.

O que parece se desenvolver como “implícito” e proposta a ser recobrável, dentro das possibilidades interpretativas, é: a sequência de gols foi tão rápida que mal a propaganda se deu, e como em um piscar de olhos, a seleção brasileira sofreu 5 gols; tanto é assim que a elaboração do meme começa anunciando hipoteticamente: “Se fosse no SBT”.

Concebemos que para um modelo de meme como este emergir e fazer sentido, (re)significando para seus interlocutores, é necessário que os agentes “[...] recuperem grande parte de modelos já construídos anteriormente” (VAN DIJK, 2013a), tornando possível que os não-ditos sejam estrategicamente, através de esforços empregados, manifestos.

É válido, no entanto, ressaltar que nem sempre esses registros são experienciados de maneira direta, já que os outros também funcionam como guias para “manipular” o mundo (VAN DIJK, 2013b), em manifestações e pertencimento, em existências, coconstruções e coparticipação.

Nesses moldes encontramos as seguintes amostras, via comentários, do que os enunciadores projetam e recriam.

Ex 9: Conjunto de comentários 9- Futebol da Depressão (7 x1)



(Fonte: *Facebook*, jun/2014)

Considerando o nível representacional, o que temos tanto no comentário de JADSON como no de ANDRESSA é retomada da condição da emissora, ao classificá-la como “rei do merchandising” ou ao categorizar a propaganda como “porcaria”.

Eles reconhecem a existência de uma prática comum e recorrente na veiculação dos anúncios. Há algo que vai além e caminha para adesão ou identificação, quanto ao universo elaborado pelo autor do meme, pois a ele somam uma espécie de argumento, que sedimentados, complementam as ideias dos interlocutores através de construções por eles elaboradas, como “ Só não..” e “Só assim...”, levando a conclusões, como: mesmo a propagando sendo instantânea, ainda sim, a Alemanha faz mais gols, porque a seleção alemã é mais rápida e a propaganda não tem graça, é chata, mas construídas nos termos dos memes, é engraçada, divertida.

Para que isso seja possível, os interagentes estabelecem relação com o enunciado anterior, a favor de uma conclusão ou inclinação conclusiva, que muito diz respeito a como esses agentes operacionalizam suas compreensões e as validam, em virtude do potencial de construção de significados via modelos mentais; são os modelos adotados e ativados que possibilitam às interações ganharem contornos especiais, apontando para a criação de “explicações”/inferências como as dadas, considerando, todavia, esses sujeitos dotados de histórias, representações e memórias distintas.

Entre a emergência do meme, a produção do seu autor e os interlocutores, comentaristas, há algo de muito parecido e reconhecível, o que possibilita a realização de trocas e compreensões, ou seja, modelos de contexto aproximados, garantidas, todavia, as subjetividades e o caráter de personalidade desses agentes, amparados no grupal, mas reveladores do grau de comprometimento, engajamento e trocas entre esses sujeitos.

O que construções como as que emergiram , a partir dos memes 13 e 14 , possibilitam, são direcionamentos mais fortemente apreciativos em arranjos estrategicamente marcados, auxiliando na configuração de processos de significação, posto que o acesso às mentes é impossível, mas as atividades de linguagem, quer na dinâmica do escrito ou do oral, em práticas rotineiras e reais, possibilitam de maneira cooperativa reconhecer e (re)configurar mundos, crenças, valores desses sujeitos leitores-escreventes participativos e reflexivos, dentro de um fluxo de maior adesão.

Os textos, em comentários, assim como as elaborações e configurações realizadas e potencializadas em memes, servem para trazer à tona que “ [...] a verdade, tanto quanto o mundo, existe e se produz como entendimento, construído em condições comunicativas densamente radicadas e vividamente experimentadas” (SALOMÃO, 2003, p.83), levando a produções, compreensões e interpretações que demandam ações sociais entre sujeitos cognitivamente situados, a partir de uma multiplicidade de dinâmicas e conhecimentos, em atuações inferenciais, e também refletem o caráter da impossibilidade de processos interativos e conteúdos cognitivos fora da linguagem (MORATO & KOCH, 2003).

O que verificamos, juntamente à abordagem selecionada, é que o gênero meme, assim como outros constructos relacionados às manifestações linguísticas, como os comentários, dados no socialmente distribuído, oportunizam ao falantes/escritores, uma forma de organizar-se e transitar em meio a uma diversidade e complexidade que reveste as suas agências, mas também no estrategicamente produzir em tons de efeitos e sentido(s), em aprendizados e saberes que são oportunizados em virtude de um trânsito enunciativo em meio à orientações e participações que passam a ser mutuamente (re)conhecidas entre aqueles que fazem parte de um grupo/comunidade, refletindo, portanto, em suas práticas discursivas, o socialmente compartilhado nas inter-relações e apoios que são lançados via atividade comunicativa, sabendo-se, no entanto, que esses enlaces, aproximações e acessos não são dados igualmente, mas em graus de semelhança, em produções e conhecimentos, a partir, também, das relações com os outros em contínuas negociações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os memes apresentam uma variedade de configurações, recursos e estabilidades/instabilidades não só em decorrência das práticas de linguagem instituídas socialmente, mas também em virtude do dinamismo de espaços como o *Facebook*, a partir das motivações, necessidades e articulações dos interagentes, que travam diálogos via comentários, coordenando e ordenando universos e saberes comuns, posto que são detentores de repertórios similares de conhecimento.

Produtor/autor e interlocutor/comentarista exercem atividade em articulação, em uma prática conjunta, a fim de que sentido(s) seja(m) expandidos e significação(-ões) construídas no momento próprio à interação, sabendo-se que “as coisas ditas são discursivamente construídas e a maioria dos nossos referentes são objetos de discurso” (MARCUSCHI, 2007, p.89), pois nada é dado *a priori* e os textos nunca estão prontos e acabados, mas tornam-se realidade e materializam-se; as referências tomam como suporte as esferas sociais, históricas, culturais e cognitivas, que possibilitam dentro de enquadres repertoriados, congruências e incongruências a cada novo acesso, em aproximações ou afastamentos decorrentes das experiências e das relações com universos estabelecidos e reconhecidos.

Entendemos que os memes, dentro das realidades enunciativas, fornecem alguma orientação aos atores de linguagem envolvidos no trânsito comunicativo, possibilitando que construam imagens e representações, positivas ou negativas, a partir daquilo que é priorizado, configurando modelos que auxiliem, inclusive, à reprodução de atitudes grupais não apenas observáveis, mas também inferidas a partir das manifestações linguístico-discursivas dos comentaristas, quando estes ratificam ou, então, não aderem uma determinada perspectiva em relação à postagem memética, ora mais ora menos explicitamente.

Em uma diversidade interessante de comentários, observam-se acessos de compreensão possíveis, já que os interlocutores tomam algo por (re)conhecido e relevante, considerando os aspectos da cena enunciativa, inclusive, naquilo que habita e engloba a emersão dos memes como, por exemplo, instância social, econômica, política, estereotípica que revestem tais postagens, proporcionando efetivas e incontáveis publicações, replicações, reconfigurações, compartilhamentos e um volume extenso quanto ao número de comentários.

Foi possível, através do que se pôde analisar, mediante as sinalizações dos interlocutores, depreender o nível de envolvimento e (re) atualizações de um mundo comunicado, decorrentes da maneira em como esses atores não somente assinalam, mas também individualizam, em algum grau, suas orientações, “mostrando-se” o quão colaborativos, participativos e engajados estão, de acordo com suas finalidades e propósitos, em processos que se configuram e se constituem intersubjetivamente através dos comentários, em atividades que apontam para o aspecto situado e cognitivamente fundamentando, mas também das particularidades, em razão às estratégias lançadas mão, considerando-se, todavia, que as compreensões denotam as relações tangíveis dentro de uma cultura e de uma sociedade (MARCUSCHI, 2008).

Através das construções e configurações presentes nos comentários, entendemos sua realização e manifestação dentro de aspectos que envolveram, em sua maioria, espectos colaborativos e interativos. Tais comentários fornecem material que auxilia a observar a(s) negociação (-ões) de sentido(s), demonstrando, em alguma escala, as trocas e os processos sociais que ali podem ser evidenciados, em ações e intenções, gerando efeitos viabilizados em razão à natureza e instrumentário do *site* de rede social, *Facebook*, em decorrência também de uma certa “democratização” desse espaço, nas postagens que, em algum grau, demarcam opiniões e reações articuladas à publicação memética.

É considerado, por certo, o papel das convenções dentro das comunidades ou esferas transitadas pelos interlocutores, que tornam possíveis a recorrência e reprodução de determinados conhecimentos. Talvez, por tratarmos de modo geral com *fanpages* que não estão necessariamente ligadas a “bandeiras sociais”, os diálogos e trocas ali realizados apresentam mais proximidades e concordância, ativando, assim, modelos muito similares entre os do autor e do público que acessa e segue determinadas páginas. Há refletido em tais *fanpages* selecionadas, muito mais o caráter humorístico que uma abordagem crítica, o que não desconsidera nem desvincula a pluralidade de questões exploradas pelos memes, geralmente, associadas a temáticas que ganharam, em algum momento, um olhar mais apurado, constante ou de grande repercussão, ou ainda orbitam práticas simples e cotidianas dos sujeitos, em torno das rotinas sociais, dentro do que parece significativamente invocado, haja vista o alcance e o propósito a que se prestam as páginas.

As percepções e perspectivas assumidas só são tornadas possíveis, porque as configurações e representações nessas atividades não estão localizadas em modelos mentais individuais, mas nos repertórios comuns aos interlocutores, no conjunto das relações estabelecidas também com a exterioridade, entre as intersubjetividades, dados os conteúdos/saberes que se organizam histórico, cultural, social e cognitivamente, em conhecimentos que emergem no compartilhamento e neles ganham alguma produtividade e relevância em processos interventivos e ações desempenhadas por sujeitos de linguagem.

Os interactantes/comentaristas, em razão às atividades desenvolvidas no espaço destinado aos comentários, lançam mão de todo um aparato linguístico-cognitivo-discursivo em razão das suas exposições, ora por adesão (em sua maioria) ora rejeição (em minoria), apontando em suas construções certas valorações, que indicam, em virtude das escolhas, os conhecimentos que detém, os modelos mentais, que possibilitam a interação dentro de certos enquadres, bem como no (re)conhecimento e efetiva publicação de ideias/pensamentos em ações de linguagem revestida de agência, denotando, em alguma medida, o (re)conhecimento dos acessos e possibilidades em espaços como os suscitados pelo FB, quando significam suas práticas, reconhecem e posicionam-se, e mediante habilidades e competências, avaliam e apreendem o que dizem os conhecimentos e saberes (cultural, histórico e social), haja vista que são negociados, refletindo em ações individuais o que circunscreve e enreda a coletividade.

A exposição aqui feita não teve como papel esgotar as abordagens que envolvem aspectos cognitivos, linguagem, compreensão e gênero, mas trazer algumas questões profundamente envolvidas quando tratamos de (re)significação e emersão de sentidos, apontando indícios de como essa atividade pode se configurar, a partir de gatilhos, “refletindo” a existência de uma prática comum entre os interlocutores, de acordo do *corpus* analisado; as ocorrências e suas configurações indicam e ratificam um processo complexo em ordens e esforços realizados pelo(s) interactante(s) em (re)construções e (re)modelações, dado o entrecruzamento de informações várias, em elos formativos que, para se sustentarem, consideram os conhecimentos prévios e indivíduos que se edificam em práticas situadas e entre implicitudes e explicitudes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA PEREIRA, Ricardo. Gêneros Midiáticos Multimodais - Uma Discussão sobre Letramento Visual, Ensino e Práticas Sociais. In: IV Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais - SIGET, 2007, Tubarão - SC. **Anais do IV Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais - SIGET**. Tubarão - SC: UNISUL, 2007.

ANTOS, Gerd; WIESER, Hans Peter. Os textos como formas constitutivas do saber. Sobre algumas hipóteses para uma fundamentação da linguística de texto à base de uma teoria evolucionária. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte -2005, v.13, p. 93-127, jan/jun. 2005.

APT, Michel Kahan. **Discurso e Poder: o modelo mental como instrumento ideológico de manipulação**. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. (Trad. Maria Ermentina Galvão). [1979]. São Paulo: Martins Fonte, 1997

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2011a.

BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2011b.

BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. **Gêneros - história, teoria, pesquisa e ensino**. Tradução Benedito Gomes Bezerra. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2013.

BENTES, Anna Christina. Linguística textual. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística - Domínios e fronteiras**. 9ª ed. v.1 São Paulo: Cortez, 2012.

BÉRGSON, Henri. **O riso - ensaio sobre a significação do cômico**. [1978]. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

BERKENKOTTER, Carol; HUCKIN, Thomas. Rethinking genre from a sociocognitive perspective. In: _____. **Genre knowledge in disciplinary communication: cognition/culture/power**. Hillsdale, New Jersey: LEA – Lawrence Erlbaum Associates, Publishers. 1995. p. 01- 25.

BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

BORGES, Flávia G. Botelho. Gêneros textuais em cena: uma análise crítica de duas concepções de gêneros textuais e sua aceitabilidade na educação no Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.12, n.1, 2012. p.119-140.

CARVALHO, Robson S.de. Os modos de olhar o texto. In: NUNES, Aparecida Maria et.al. **Olhares cruzados- processos interpretativos**. Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 175-183.

CARVALHO, Maria Angélica Freire de. Linguagem e mundo: atividades linguísticas como construção de sentidos. **Revista de Letras- UNESP**, v. 14, 2010. p. 40-52.

CASTRO, Lorena Gomes F.; CARDOSO, Thiago Gonçalves. Memes: Os replicadores de informação. In: VI Encontro de Pós-graduação em Letras, 6, 2015, São Cristóvão. **Anais Eletrônicos do VI ENPOLE**, 2015. p.01-06.

CAVALCANTI, Maria Clara C. **Multimodalidade e argumentação na charge**.102f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

CAVALCANTE, Mônica M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.

CAPARROZ, Bárbara de Brito e. O meme e o mestre: o conhecimento coletivo nas redes sociais. In: **XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste- Intercom**, 2013, Bauru. São Paulo: 2013.

CHACON, Jéssica Colvara. O processo inferencial nas atividades de compreensão textual em livros didáticos de Língua Portuguesa. In: **Seminário Internacional Linguagem, Interação e Aprendizagem**, 2010, Porto Alegre. Anais Seminário Internacional Linguagem, Interação, Aprendizagem e VII Seminário Nacional Linguagem, Discurso e Ensino. Porto Alegre: UniRitter, 2011. p. 01-10.

CHAGAS, Viktor; *et al.* A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo sobre memes dos debates nas Eleições 2014. In: **VI COMPOLÍTICA**, 2015, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

COSCARELLI, Carla Viana; NOVAIS, Ana Elisa. Leitura: um processo cada vez mais complexo. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 35-42, jul./set. 2010.

COSTA, Maria Alcione Gonçalves da. **Blog como estratégia pedagógica para o ensino de língua portuguesa: comentários em cena**.109f. Dissertação (Mestrado profissional em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras–PROFLETRAS da Universidade de Pernambuco, Garanhuns, 2015.

CUNHA, D. A. C. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. **Revista Investigações**, v. 1, n.5, p. 116- 132, 1º semestre, 2011.

DAVIDSON, Donald. Three varieties of knowledge. In: **Subjective, Intersubjective, Objective**. Oxford: Clarendon Press, 2001, p. 205-220. (Trad. Herivelto de Sousa- CEFA)

DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. 7 vol. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001 [1976].

DIAS, Filipe. et al. Memes, uma meta-análise: proposta a um estudo sobre as reflexões acadêmicas do tema. In: **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom**, 2015, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2015.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, Acir M.; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim S. (Orgs.). **Gêneros textuais** - Reflexões e Ensino. 4ªed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p.137-152

DIVIDINO, Renata Queiroz; FAIGLE, Ariadne. **Distinções entre memória de longo prazo e memória de curto prazo**. 2004. Disponível em: <http://www.ic.unicamp.br/~wainer/cursos/906/trabalhos/curto-longo.pdf>. Acesso: 25 nov. 2015

DURAN, Guilherme Rocha. As concepções de leitura e a produção do sentido no texto. **Revista Prolíngua**, João Pessoa, v.2, n.2, p.01-14. jul/dez,2009.

FALCONE, Karina. **(Des)legitimação: ações discursivo-cognitivas para o processo de categorização social**. 682f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Recife,2008.

_____. **A Construção do Real: ações discursivo-cognitivas nas práticas sociais**. (no prelo)

FÁVERO, Leonor L.; KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística textual-introdução**. 10ªed. São Paulo: Cortez, 2012.

FERRARI, Lilian Vieira. A Linguística Cognitiva e o realismo corporificado: implicações filosóficas e psicológicas. **Veredas** - revista de estudos linguísticos, Juiz de Fora, v.5, n.2, p.23-29, jul./dez., 2003.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. “ A leitura, a produção de sentidos e o processo inferencial”. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 439-448, set./dez. 2004.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989. p.13-41.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GONÇALVES, Susana. Aprender a ler e compreensão do texto: processos cognitivos e estratégias de ensino. **Revista Ibero-Americana de educação**, Madrid, n 46, p.135-141, jan/abr. 2008.

HEYLIGHEN, Francis. **Memetics**. 1993. Disponível em: <http://pespmcl.vub.ac.br/MEMEREP.html>. Acesso em 20/04/2015.

HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**. 2015. 191 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**- aspectos cognitivos da leitura. 15ª ed. Campinas: Pontes Editora, 2013.

_____. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes,2002.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **O texto e a construção de sentidos**. 9^a ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 6^aed. São Paulo: Cortez, 2009a.

_____. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2^aed. São Paulo: Martins Fontes, 2009b.

KOCH, Ingedore G. Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. Do cognitivismo ao sociocognitivismo In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística: Fundamentos epistemológicos**, vol.3, 3^a ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender- os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

Koch, Ingedore G. Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. 13^aed. São Paulo: Cortez, 2011.

LEFFA, Vilson José. Fatores de compreensão na leitura. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, v.15, n.15, p. 143-159, 1996.

LIMA, Carmen Rita G. Marques de. **Meios linguísticos de distribuição da atenção: um estudo sociocognitivo da dêixis**. 116f. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Juiz de Fora, 2001.

LIMA, Jorgelene de Souza. O processo de recategorização no gênero charge: um estudo à luz da perspectiva sociocognitivista. **Entretextos**, Londrina, v.14, n.2, p.116-139, jul/dez, 2014.

LIMA-NETO, Vicente. **Um estudo da emergência de gêneros no Facebook**. 309f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

LÖBLER, Daiane A. Dias; FLÔRES, Onici Claro. As profundezas da compreensão: as inter-relações entre interpretação, compreensão e significado. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v.35, n.59, p. 181-196, jul/dez, 2010.

MACHADO, Marco Antônio Rosa. **O papel do processo inferencial na compreensão de textos escritos**. 187f. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. Do código para a cognição; o processo referencial como atividade criativa. **Veredas**- Revista de estudos linguísticos. Juiz de Fora, v.6, n.1, p. 43-62, 2002.

_____. **Compreensão textual como trabalho criativo**. Unesp, 2011a. Disponível em: < http://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40358/3/0_1d_17t07.pdf >. Acesso em: 10 set. 2015

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir M.; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim S. (Orgs.). **Gêneros textuais** - Reflexões e Ensino. 4ªed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011b. p.17-31.

_____. **A construção do mobiliário do mundo e da mente: Linguagem, cultura e categorização**. Juiz de fora: UFJF, 2004.

MELO, Cinthya Torres. **A construção da sinonímia por encapsulamento anafórico: uma perspectiva sociocognitiva**. 131f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Recife,2008.

MEURER, José Luiz e MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). **Gêneros Textuais**- reflexões e ensino. São Paulo: EDUSC, 2002.

MILLER, Carolyn R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. São Paulo: Parábola, 2012.

MORATO, Edwiges. O interacionismo no campo linguístico. In. MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org). **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**, vol.3, São Paulo: Cortez,2007.

MORATO, Edwiges; KOCH, Ingedore. Linguagem e cognição – os (des)encontros entre Linguística e as Ciências Cognitivas. **Cadernos de Estudos de Linguagem**. Campinas: n.44, p. 85-92, jan./jun. 2003.

OLIVEIRA, Franciso Jailson Dantes de; SILVEIRA, Maria Inez Matoso A compreensão leitora e o processo inferencial em turmas do nono ano do Ensino Fundamental. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 23, n. 41, p. 91-104, jan./jun. 2014.

OLIVEIRA, Almir Almeida. Observação e entrevista em pesquisa qualitativa. **Revista FACEVV**, Vila Velha, n.4, p.22-27, jan./jun.2010.

PIMENTEL, Renato Lira. **Um estudo sobre hibridização e agrupamento de gêneros no Facebook**. 119f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

PAULINO, Graça. [et.al]. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato editorial, 2001. (Educador em formação)

RECUERO, Raquel da Cunha. Redes sociais no ciberespaço: Uma proposta de estudo. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - **Intercom**, 2005, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

_____. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. **Revista FAMECOS**, v. 32, p. 23-31, 2007.

_____. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Editora Sulinas, 2009.

RODRIGUES-LEITE, Jan Edson. Cognição e linguagem na elaboração do saber. **Investigações (Recife)**, Recife, v.01, n.01, p. 23-45, 2004.

SALOMÃO, Maria Margarida M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Revista Veredas**. Juiz de Fora, v.3, n.1, p.61-79, 1999.

_____. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. **Cadernos de Estudos de Linguagem**. Campinas: n.44, p. 71-84, jan./jun. 2003.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Massachusetts: MIT press, 2014.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal**: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos. 2002. 209f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SILVA, Nadiana Lima. “Notícias” do The i-Piauí Herald e Contexto: um estudo sociocognitivista da linguagem. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v.12, n.2, p.653- 664, abr./jun., 2015.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Tradução Cláudia Schilling. 6^a ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Swales, John M. **Genre Analysis**: english in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e Contexto**- uma abordagem sociocognitiva. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Algunos principios de una teoría del contexto. **ALED-Revista latinoamericana de estudios del discurso**, Caracas, n. 1, v. 1, p.69-81. 2001a. Disponível em: <http://www.discursos.org/oldarticles/ Algunos%20principios%20de% 20una% 20teor % EDa%20del%20contexto.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2015.

_____. Texto y contexto de los debates parlamentários. **Revista Toros**, Universidade de Murcia, n.2, nov, 2001b.

_____. **Sociedad y discurso** – Cómo influyen los contextos sociales sobre el texto y la conversación. Barcelona: Gedisa Editorial, 2013a.

_____. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 2013b.

_____. **Estructura discursiva y cognicion social**. 1994. Disponível em: padron.entretemas.com/cursos/AdelD/unidad1/3EstructuraDiscursivaYcognicionSocial.htm
Acesso em: 09 set. 2015

_____. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2015.

ANEXO
Corpus restrito

***Futebol da Depressão**



(Disponível em: <https://www.facebook.com/FuteDaDepressao/photos/pb.150877315053016.2207520000.1464032013./1936528506487879/?type=3&theater>)

Futebol da Depressão
Curtir esta página · 10 de julho de 2014 · 🌐

EHAUHEAUUEUAHEAHEAE Entendeu?

👍 Curtir 🗨 Comentar ➦ Compartilhar

Principais comentários (sem filtro) *

814 compartilhamentos 102 comentários

Anderson [redacted] R.I.P
Ver tradução

Escreva um comentário...

Carlos [redacted] KKKKKKKKKKKK Odeio esse trem do sbt
Curtir · Responder · 👍 32 · 10 de julho de 2014 às 20:14
↳ 3 Respostas

Hebert [redacted] Kkkkk os gols da Alemanha foram tão rápidos que podiam ser chamados de mensagem subliminar 😏
Curtir · Responder · 👍 11 · 10 de julho de 2014 às 21:57

Michel [redacted] Cri essa foi foda
KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK Ray [redacted] e Gabriel [redacted]
Curtir · Responder · 👍 4 · 10 de julho de 2014 às 20:23

João [redacted] não entendi! 😐
Curtir · Responder · 👍 4 · 10 de julho de 2014 às 20:14
↳ 9 Respostas

Savio [redacted]

Escreva um comentário...

Daniel



Curtir · Responder · 1 10 de julho de 2014 às 20:25

Geraldo **ca na granja frangueiro**
Curtir · Responder · 13 de julho de 2014 às 08:05

Renata **xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx booooooa**
Curtir · Responder · 12 de julho de 2014 às 23:54

Jaqueline **xxxxxxxxx olha ai Rodolfo**
Stephane **Barbara**
Ver tradução
Curtir · Responder · 12 de julho de 2014 às 22:40

Nathanael **Kkkk**

Escreva um comentário...

Curtir · Responder · 12 de julho de 2014 às 22:40

Nathanael **Kkkk**
Curtir · Responder · 12 de julho de 2014 às 13:42

Isabelle **Mirela**
Curtir · Responder · 11 de julho de 2014 às 22:08

Daniel **Rijhietly**
Ver tradução
Curtir · Responder · 11 de julho de 2014 às 18:05

Athos **Enika**
Ver tradução
Curtir · Responder · 11 de julho de 2014 às 16:23

Cintia **Patrícia** **HUAHUAHUAHU**
Curtir · Responder · 11 de julho de 2014 às 14:16

Guilherme **Divaldo**
Curtir · Responder · 11 de julho de 2014 às 14:15

Fabio **Gabriel**
Curtir · Responder · 11 de julho de 2014 às 12:32

Lucas **Mensagem subliminar da Jequii**
Curtir · Responder · 11 de julho de 2014 às 12:23

Camila **xxxxxxxxxxxxx Matheus**
Curtir · Responder · 11 de julho de 2014 às 11:06

Gabriela **Hauhauhaauuu**

Escreva um comentário...

Curtir · Responder · 11 de julho de 2014 às 06:35

Os **Kakakakak**
Curtir · Responder · 11 de julho de 2014 às 03:29

Carla **Juliana** **HAHAHAHA**
Ver tradução
Curtir · Responder · 11 de julho de 2014 às 03:05

Amanda **João**
Curtir · Responder · 11 de julho de 2014 às 01:36

Felipe **Kkkkkk**
Curtir · Responder · 11 de julho de 2014 às 00:38

Jadson **SBT rei dos merchandising. Só não aparece mais comercial do que a Alemanha faz gol.**
Curtir · Responder · 11 de julho de 2014 às 00:20

Venicio **Zuera never stop... huehuehue...**
Curtir · Responder · 11 de julho de 2014 às 00:18

Lenon



Escreva um comentário...

Lenon



Curtir · Responder · 10 de julho de 2014 às 21:44

Artur



Curtir · Responder · 10 de julho de 2014 às 21:41

Escreva um comentário...

***Chapolin Sincero**



(Disponível em: https://www.facebook.com/ChapolinSincero/photos/pb.35112673163_9471.-2207520000.1464019360./885586388193500/?type=3&theater)

Chapolin Sincero
Curtir esta página · 24 de maio de 2015 · 🌐

Dica pra você

👍 Curtir · 💬 Comentar · ➦ Compartilhar

👤 Principais comentários (sem filtro) *

2.670 compartilhamentos · 1,4 mil comentários

Emersom [nome oculto] Vontade de marcar algumas pessoas, só não marco Pq preciso me valorizar tb
Curtir · Responder · 👍 605 · 24 de maio de 2015 às 13:32
↳ 15 Respostas

Paulo [nome oculto] 5 segundos depois... "Vou responder logo antes q ela nn fique mais online"
Curtir · Responder · 👍 347 · 24 de maio de 2015 às 13:30
↳ 11 Respostas

Leandro [nome oculto] Eu prefiro esperar 5 minutos pra visualizar, e mais 5 pra responder , assim é mais valorizado kkk
Curtir · Responder · 👍 155 · 24 de maio de 2015

Ana [nome oculto] ai a pessoa vai e responde 5 dias depois
Curtir · Responder · 👍 60 · 24 de maio de 2015 às 13:37
↳ 2 Respostas

Isabelle [nome oculto] Pra mostrar quem é que manda !
Curtir · Responder · 👍 28 · 24 de maio de 2015 às 13:31

Luiz [nome oculto] São sérios momentos de tensão esses 5 minutos hahahah
Curtir · Responder · 👍 37 · 24 de maio de 2015 às 13:32

Verônica [nome oculto] Nesses 5 min eu acabo esquecendo de responder e deixo a pessoa mofando de vddddd
Curtir · Responder · 👍 90 · 24 de maio de 2015 às 13:32
↳ 3 Respostas

Leandro [nome oculto] eu tenho q marcar no relógio se não respondo antes dos 5 min
Curtir · Responder · 👍 84 · 24 de maio de 2015 às 13:27
↳ 1 resposta

Isabela [REDACTED] E Pq não sou obrigada, apenas!
 Curtir · Responder · 31 · 24 de maio de 2015 às 13:26

Willian [REDACTED] na hora que vc penso vou responde a mensagem ela ja tinha saido e foi dormir porque vc demoro pra envia a mensagem ela penso que vc não queria conversa com ela haha !
 Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 22:56

Tati [REDACTED] Na verdade to pensando na resposta ainda
 Curtir · Responder · 16 · 24 de maio de 2015 às 13:28

Ilana [REDACTED] Fazer joguinhos infantis não é se valorizar.
 Curtir · Responder · 16 · 24 de maio de 2015 às 14:12 · Editado

↳ 4 Respostas

Selma [REDACTED] 5 minutos pra mim é muito pouco !
 Curtir · Responder · 2 de junho de 2015 às 05:32

Douglas [REDACTED] Só vim pra ver a opinião do povo, e conclui, caraca, esse povo é ruim, um deixando o outro esperar mais e mais kkkkkkkkkk
 Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 15:19

Lila [REDACTED] Ver que a pessoa esta escrevendo e tentar mandar uma msg primeiro, so pra dizer que coincidência, quem nunca?
 Curtir · Responder · 6 de junho de 2015 às 23:22

Caio [REDACTED] Rsrtrs ou até menos.....
 Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 13:49

Daniela [REDACTED] Hahahah...conheço alguém assim
 Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 14:07

Fabiano [REDACTED] Vou marcar o Real \$5 pra ver se ele se valoriza um pouco 😊
 Curtir · Responder · 2 · 24 de maio de 2015 às 14:17

Flavix [REDACTED] Muito eu...o máximo que consigo esperar!kkkkkkk
 Curtir · Responder · 1 · 24 de maio de 2015 às 13:39

Marilia [REDACTED] Kkkkk...desse modelo!!
 Curtir · Responder · 25 de maio de 2015 às 14:39

Raphael [REDACTED] Ou porque preciso desse tempo pra pensar no que dizer 😊
 Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 13:45

Tatiane [REDACTED] Se esperar meia hora então, aí podemos dizer que a pessoa sabe tudo sobre valor e amor próprio !! É de cagar viu... rssss
 Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 18:34

Marcelo [REDACTED] Eu, não aguento e respondo na hora, vai que a pessoa não fica online?
 Curtir · Responder · 10 de junho de 2015 às 00:40

Wilson [REDACTED] eu sou difícil
 Curtir · Responder · 7 · 24 de maio de 2015 às 13:26

Anna [REDACTED] Como coisa que isso tivesse a ver com auto valorização! Nem de longe! 😊
 Curtir · Responder · 6 · 24 de maio de 2015 às 13:41

↳ 3 Respostas

Dayane [REDACTED] Se demorarem 10 min, eu demoro 20, com muito custo, mas demoro.
 Curtir · Responder · 12 · 24 de maio de 2015 às 13:47

↳ 2 Respostas

Positividade [REDACTED] .Que a gente se divirta sem se matar, que ame sem se contaminar, que aprenda sem se enganar, que viva sem se vender e que sejamos Felizes com um pitada de loucura!
 Curtir · Responder · 10 · 24 de maio de 2015 às 13:41

Carla [REDACTED] Respondo logo porque respeito a pessoa,assim como quero que me respeitem

Juliane [REDACTED] Isso nunca da certo 😊😊
 Curtir · Responder · 4 · 24 de maio de 2015 às 13:55

Wannia [REDACTED] Kkkkkk nunca vi isso!
 Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 18:55

Rita [REDACTED] Eu sempre!
 Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 18:43

Regina [REDACTED] rrsr 5 minutos...

Adriel [REDACTED] 5 minutos não 1 ou 2 hrs..
 Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 17:13

Anderson [REDACTED] Morrendo de rir
 Curtir · Responder · 8 de junho de 2015 às 11:52

Vival [REDACTED] Ou mais
 Curtir · Responder · 25 de maio de 2015 às 06:42

Patricia [REDACTED] Eita!Face super valorizado este...

Shirley [REDACTED] Esse Chapolin é uma figura !!!kkkkk
 Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 13:48

Juliana [REDACTED] Com certeza aqui não tem trouxa 🙄🙄🙄
 Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 13:54

Aline [redacted] respondi pq a pessoa logo, pq quase nunca fica online, 5 minutos depois me arrependi de ter respondido...

Curtir · Responder · 25 de maio de 2015 às 20:11

Ana [redacted] 5 longos minutossssss

Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 22:12

Mayk [redacted] Se demorar, já perco a vontade suausauhshuhau

Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 21:03

Kiko [redacted] Achei digno 🐼🐼

Curtir · Responder · 28 de maio de 2015 às 01:10

Juliana [redacted] Pensa isso e logo responde 🙄

Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 15:03

Jamille [redacted] Detesto isso! 😞 affs

Curtir · Responder · 25 de maio de 2015 às 12:39

Edna [redacted] Trouxas respondem imediatamente! 🙄

Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 22:59

Thinassy [redacted] Haaaaa conheço bem alguém assim kkkkkkk

Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 13:31

Ana [redacted] kkkkkkkkkkkk
#povomuitobesta

Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 14:00

Cris [redacted] Tava precisando dessas palavras !!!

Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 14:11

Junior [redacted] Sempre

Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 14:01

Angela [redacted] Aaah que vontade de marcar...

Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 13:34

Felipe [redacted] kkkkkkk... o que mais tem por aí é gente assim... acho que vou me juntar ao clube

Curtir · Responder · 25 de maio de 2015 às 20:18

↳ 1 resposta

Keila [redacted] Kkk sempre _conto no relógio as vezes passo mais de 5 min...mas q tensao q e...respondo logo ou nao kkkk

Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 15:21

Jaqueline [redacted] u sempre

Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 14:15

Junior [redacted] Respondo somente após seis meses .

Curtir · Responder · 28 de maio de 2015 às 11:24

Alisson [redacted] amor próprio que dura 20 segundos

Curtir · Responder · 25 de maio de 2015 às 11:50

Aline [redacted] Vdd kkkkk

Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 14:00

Curtir · Responder · 25 de maio de 2015 às 11:50

Aline [redacted] Vdd kkkkk

Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 13:29

Cesar [redacted] Não consigo! 😞

Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 14:13

Ariane [redacted] Sempre assim 😞

Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 14:38

Alessandra [redacted] e Gleiciane [redacted] kkkkkkkkkkkk

Curtir · Responder · 25 de maio de 2015 às 21:56

Isabelly [redacted] Esse post me fez ter minha dignidade de volta !! 🙄

Curtir · Responder · 25 de maio de 2015 às 08:46

Cecília [redacted] Sim, Concerteza kkkkkkk

Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 20:24

Alexandre [redacted] As vezes eh bom dar uma ignorada de um dia, para ver se a pessoa realmente sente a nossa falta. Elas fazem isso o tempo todo,haha

Curtir · Responder · 25 de maio de 2015 às 10:59

Marcos [redacted] Vdd... Existe tbm,a vergonha na cara.

Curtir · Responder · 25 de maio de 2015 às 00:44

Ver mais comentários

100 de 1.472

Christiane [redacted] Kkkkkkkk chato

Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 21:27

Guilherme [redacted] Kkkkkkkk è desse jeito

Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 23:52

Mariane [redacted] Queria muito compartilhar, mas não posso dizer que faço isso, senão desvaloriza.

Curtir · Responder · 28 de maio de 2015 às 01:41

Anny [redacted] 😞😞😞😞😞 difícil é conseguir!

Curtir · Responder · 3 de junho de 2015 às 23:26

Edvar [redacted] Nossa 5 minutos é muito tempo kkkkkkkkkkkkkk

Curtir · Responder · 25 de maio de 2015 às 20:12

Jocasta [redacted] Kkkkkkkkkk muito difícil!

Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 13:31

Jamille [redacted] kkkkkkk. boaaa!

Curtir · Responder · 26 de maio de 2015 às 00:45

Poliana [redacted] kkkkkk essa foi boa...

Curtir · Responder · 29 de maio de 2015 às 14:25

Ana [redacted] Te amo rrsrrs

Curtir · Responder · 25 de maio de 2015 às 00:57

Felipe [redacted] Kkkkk

Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 20:32

Rafaela [redacted] Kkkkk né

Rafael [redacted] <https://www.facebook.com/events/1579291162330532/>
 Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 18:23

Thiago [redacted] demora 5 minutos ai a pessoa demora 50 de raiva kkkk
 Curtir · Responder · 2 - 24 de maio de 2015 às 14:17

Renata [redacted] CHOOOOREEEEE!!! Nathalia [redacted] 😂😂😂😂
 nem vou falar mais nd, terreno perigoso 🤪 kkkkk
 Curtir · Responder · 2 - 24 de maio de 2015 às 13:43

1 resposta

João [redacted] Bem isso kkkkk
 Curtir · Responder · 23 de agosto de 2015 às 23:18

Sanllay [redacted] Uashlshuashia
 Curtir · Responder · 18 de junho de 2015 às 01:34

Rafael [redacted] Como se fosse fácil 😂
 Curtir · Responder · 26 de maio de 2015 às 22:33

A garota [redacted] Já galerinha!! Se vocês são amantes da boa leitura e apaixonados por livros, dá uma curtida na nossa page 😊👍

Jessica [redacted] Camila [redacted] HAAHHHAHAHAHAHAH
 Nao eh q eu esqueço de responder...eh q me valorizo mto.pffftthahah
 Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 22:07

1 resposta

Luisa [redacted] Paulo [redacted] visualizei sua mensagem mas vou esperar 27hrs pra responder, pois preciso me valorizar
 Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 13:41

Karen [redacted] 😂😂😂
 Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 14:23

Ana [redacted] Tipo assim, Paloma [redacted] ... No meu caso, espero algumas horinhas pra fazer suspense 😂 hahaha
 Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 16:26

1 resposta

Pri [redacted] Kkkkkkk Grace [redacted] ai respondo mentalmente mas no meu coração eu respondi e é isso que importa. Kkkkk
 Curtir · Responder · 1 - 24 de maio de 2015 às 16:17

Gloria [redacted] Kkkk
 Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 18:23

Jessica [redacted] ... Não

Jessica [redacted] Fernanda [redacted].. Não sei pq lembrei de vc... Mas nada tem a ver com vc não me responder... Kakakaka
 Curtir · Responder · 1 - 24 de maio de 2015 às 23:38

Lilzi [redacted] 😂😂😂
 Curtir · Responder · 24 de maio de 2015 às 15:48

***Minions Sinceros (gasolina)**



(Disponível em: <https://www.facebook.com/oficialminionssinceros/photos/pb.131574543719617.-2207520000.1464029338./339596819584054/?type=3&theater>)

 **Minions Sinceros**
Curtir esta página · 10 de fevereiro de 2015 · 🌐

😄😄😄

👍 Curtir 🗨 Comentar ➔ Compartilhar

👍 Principais comentários (sem filtro) *

70.397 compartilhamentos 785 comentários

 Silmara  Ta feia a coisa mais um pouco a dilma manda cobrar imposto sobre o oxigenio q respiramos tbm
Curtir · Responder · 👍 32 · 10 de fevereiro de 2015 às 18:31
↳ 6 Respostas

 Andrea  Vdd kkkkk
Curtir · Responder · 👍 7 · 10 de fevereiro de 2015 às 16:47

 Lousielle  😄😄😄 queria nem rir
Curtir · Responder · 👍 2 · 11 de fevereiro de 2015 às 10:??

 Alice  Valeu!!!
Curtir · Responder · 👍 1 · 11 de fevereiro de 2015 às 20:23

 Carla  É mesmo.
Curtir · Responder · 👍 1 · 10 de fevereiro de 2015 às 16:38

 Sílvia  morri...kkkkk
Curtir · Responder · 👍 1 · 10 de fevereiro de 2015 às 23:40

 Sandra  Boa kkkkk
Curtir · Responder · 👍 1 · 10 de fevereiro de 2015 às 17:32

 Alê  kkkkk...essa e boa!
Curtir · Responder · 👍 1 · 11 de fevereiro de 2015 às 14:47

 Sandro  Vou deixar o carro em casa kkk
Curtir · Responder · 👍 1 · 10 de fevereiro de 2015 às 18:29
↳ 1 resposta

Damarys Se a pessoa encher tanque aproveita e já bebe a gasosa né Tynah .ou então fica sem role kkkkkkkkkkkk bebedeira na frente de casa msm kkkkkk
 Curtir · Responder · 1 · 11 de fevereiro de 2015 às 11:35

↳ 1 resposta

Cristina muito boa
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 23:31

Marcelle Fico com beber kkkkkkkkk
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 20:20

Leonor Tudo tem seu lado bom,rsss.
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 19:57

↳ 1 resposta

Vania Boa kkkkk
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 23:15

Lucilene Kkkk pior
 Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 12:20

Lucilene Kkkk pior
 Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 12:20

Milene Kkkk verdade
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 19:18

Laysa Verdade rrsrrs
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 21:16

Cristianne Huahuahua... peorf
 Ver tradução
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 17:40

Marilene É verdade....kkkkk
 Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 06:07

Daniella Mtu bom kkkkk
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 17:28

Luis kkkkk e mesmof!
 Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 10:35

10:30

Elici Nesse caso prefiro o tanque do carro cheio
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 20:45

Elaine O ASSUNTO N Ë NEM UM POUCO ENGRAÇADO, MAS DEVO CONFESSAR QUE O TEXTO FOI ÓTIMO! RSRRSRS
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 19:02

Mirella Hahahahaja
 Ver tradução
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 16:39

Monica NÉ ?????? Kkkkk
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 17:22

Maria Kkkkkkk boa
 Curtir · Responder · 12 de fevereiro de 2015 às 07:38

Jussara Verdade kaka
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 18:15

Clara Gostei dessa
 Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 21:16

Anderson Sua espera finalmente chegou ao fim! Muahahmuaha Elite Producoes apresenta... 1°POWER FEST CAR dia 7 de marco na Chacarra do Galo em Santa Terezinha de Itaipu, e para agitar a galera Caminhao Power e tambem o top dj do som automotivo Dj Marcos Alejandro... Power Fest Car voce nao vai fica fora dessa vaaai? <https://www.facebook.com/events/709372689179042/>
 Curtir · Responder · 12 de fevereiro de 2015 às 16:32

Samuel Com a lei seca ate agua.
 Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 08:41

Ivonete Kkkkkkverdade
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 23:36

Cassia Muito boa
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 22:29

Rodrigo [redacted] **Nem fala**
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 19:55

Neusa [redacted] **Verdade!!!**
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 19:47

Wilkinson [redacted] **é melhor beber e andar a pé!!!**
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 17:07

Odeth [redacted] **Kkkkkk realidade cruell**
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 16:40

Danielle [redacted] **Kkk boa**
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 16:39

Karen [redacted] **Kkkk é verdade**
Curtir · Responder · 12 de fevereiro de 2015 às 02:14

Andrea [redacted] **Kkkkkk é verdade**
Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 11:40

Mario [redacted] **Verdade**
Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 09:56

Tata [redacted] **Isso é fato!**
Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 16:58

Meliane [redacted] **vddkkkk**
Ver tradução
Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 16:06

Ana [redacted] **Com certeza**
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 23:05

Nyna [redacted] **Que suba mais o preço então**
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 20:07

Bárbara [redacted] **verdade**
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 19:29

Bárbara [redacted] **Kkkk...**

Renata [redacted] Kkkkk essa foi boa 😊
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 18:11

Alessandra [redacted] Bem isso. Kkkk
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 17:22

Andrea [redacted] Kkkkk...vdd
 Curtir · Responder · 14 de fevereiro de 2015 às 14:53

Michele [redacted] Kkkkkkkkkverdade
 Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 18:23

Fabricio [redacted] Boa ainda bem q não tenho carro
 Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 17:56

Mirélla [redacted] Verdade
 Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 09:18

Ivone [redacted] Que bom assim diminuem as mortes
 Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 00:47

Vanusa [redacted] Kkkkk
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 22:49

Rita F [redacted] Vai ter muita gente a pe
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 21:11

Maria I [redacted] Fatof
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 18:29

Viviane [redacted] Kkkkkk...neh
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 18:13

Marcos I [redacted] Verdade. Kkkk
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 18:08

Cláudia [redacted] Hahaha pura verdade!
 Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 21:46

Luciana [redacted] kkkkk bem isso!
 Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 20:16

Alê [redacted] Dólar subiu!!!! Vem mais aumentos por aí: pão, leite, derivados. Inflação aumentando cada vez mais.
 Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 19:53

Núbia [redacted] Vai ser dureza ter que escolher, kkkkkkkkkk
 Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 14:52

Rogério [redacted] O negócio é tirar onda e beber gasolina!!!
 Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 13:53

Helenice [redacted] Verdade!!!??????
 Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 12:37

12:37

Elivanilda [redacted] Assim kkkkkk
 Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 07:55

Cardoso [redacted] Vou bbr a gasolina. kkkkkk
 Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 05:42

May [redacted] Vdd 😊
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 23:18

Verônica [redacted] kkkk-) pior que e verdade assim economiza mais
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 21:04

Val [redacted] Kkkkkk néh...
 Ver tradução
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 20:06

Livia [redacted] Kkkkk verdade
 Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 18:51

Carinne [redacted] Kkkkkkkkkk é verdade
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 22:53

Maria [redacted] Com certeza.
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 20:20

Sih [redacted] Ner...
Ver tradução
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 18:50

Irene [redacted] Kkkkk
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 18:27

Rejane [redacted] vdd... kkkk
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 17:10

Priscilla [redacted] Vou ficar dentro de casa.
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 16:39

Mimi [redacted] 😊😊😊
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 16:14

Marli [redacted] Essa é boa.
Curtir · Responder · 18 de fevereiro de 2015 às 08:31

Maria [redacted] Essa é boa
Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 20:56

Michele [redacted] kkkk... kkkk!
Legal!
Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 17:28

Aline C [redacted] kkkk verdade
Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 13:59

Marli [redacted] Kkkkkkk, a coisa tá feia
Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 10:35

Gersilaine [redacted] kkkkkk verdade.
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 22:52

Lulu [redacted] Aiaiai
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 22:18

Cklécio [redacted] kkkk vdad
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 21:22

Junior [redacted] Certissimo
Ver tradução
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 20:31

Ariéli [redacted] 'HahaHahaha'
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 19:20

Valdo [redacted] Kkkkkkkkk muito legal
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 19:19

Márcia [redacted] BEM PENSADO KKKKK
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 17:11

Lary [redacted] Pura verdade
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 20:16

Abadia [redacted] Por que só vou beber, kkkkkk

Berenice [redacted] Fico com bebe porque não sei dirigir mesmo kkkkkkkkkkkk
Curtir · Responder · 14 de fevereiro de 2015 às 18:32

Danielle [redacted] .Aí #Dionneferreiradefreitas.
Ver tradução
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 21:46

Mayara [redacted] Kkkk vdd amiga
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 19:03

Kátia [redacted] Kkkkk...
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 18:46

Maria [redacted] Kkkk.....a dilma fez isso de caso pensado para a galera se controlar no carnaval... kkkk ...vota na dilma! Kkkk
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 18:27

Dayane [redacted] Kkkkkkkk.sem contar q vai estar todo mundo em forma...d tanto caminhar
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 18:27

Edinalva [redacted] Esses minios são sinceros
messsmoo.kkkkkkk
Ver tradução
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 18:13

Iara [redacted] Kkkk
Curtir · Responder · 12 de fevereiro de 2015 às 23:24

Jaqueline [redacted] kkk
Curtir · Responder · 11 de fevereiro de 2015 às 12:23

Felipe [redacted] copien
Ver tradução
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 21:59

Leonardo [redacted] Near...
Ver tradução
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 17:07

Eduardo [redacted] minions sinceros
Curtir · Responder · 1 · 18 de fevereiro de 2015 às 17:43

Leonardo [redacted] Near...
Ver tradução
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 17:07

Eduardo [redacted] minions sinceros
Curtir · Responder · 1 · 18 de fevereiro de 2015 às 17:43

Dani [redacted] Kkkk
Curtir · Responder · 12 de fevereiro de 2015 às 09:50

Meury [redacted] Kkk
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 18:32

Marcia [redacted] Vdd kkkkkkkk
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 23:16

Audizia [redacted] Qual custa mais cerveja ou gasolina?
Curtir · Responder · 10 de fevereiro de 2015 às 22:13

***Félix Bicha Má (mulher)**



(Disponível em: https://www.facebook.com/FelixBichaMa/photos/pb.66275678375090_0_-2207520000.1454617275./1203701189656454/?type=3&theater)

Ale Pra mim isso é coisa de gente recalcada, vive mal, casou mal ou namora um traste e chama de periguete quem escolheu não viver assim!! Só acho!!
Curtir · Responder · 50 · 26 de junho de 2015 às 12:14
↳ 16 Respostas

Bruno A mão de compartilhar chega a tremer!!!
Curtir · Responder · 38 · 26 de junho de 2015 às 12:15 · Editado
↳ 11 Respostas

Jéssica Engraçado ver as "muié" aqui se doendo com essa verdade dita aí. Félix, arrasou!!!!!!!
Curtir · Responder · 20 · 26 de junho de 2015 às 16:26
↳ 1 resposta

Manuella Postagem machista, não?
Curtir · Responder · 18 · 26 de junho de 2015 às 12:29
↳ 3 Respostas

Adriana Kkkk tem bastante assim..qria compartilhar..mas vao axa indireta 😂😂😂
melhor dexa in off
Curtir · Responder · 17 · 26 de junho de 2015 às 12:21
↳ 1 resposta

Amanda Kkkkkkkkk conheço muiiitas
Curtir · Responder · 13 · 26 de junho de 2015 às 12:15

Raísa Eitaa postagemzinha machista....de última, hein? Tentem outra vez...
Curtir · Responder · 10 · 26 de junho de 2015 às 12:00

Fatima [REDACTED] kkkkkk exato
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 19:48

Fernanda [REDACTED] Kkkkkkk eita diacho
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:26

Joana [REDACTED] É desse jeito
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 13:24

Maria [REDACTED] elegante
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:36

Juliana [REDACTED] 😂😂😂😂😂😂 e verdade
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:01

Regiane [REDACTED] Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk Palhaçadaa !!! Ri altoo !!!
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 17:46

Nina [REDACTED] É oq mais tem em Boston kkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 14:04

Solimar [REDACTED] E verdade kkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:31

Edyla [REDACTED] Verdade
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 17:58

Samara [REDACTED] Kkkkkkkkk q pena q não posso compartilhar

Ellen [REDACTED] Kkkkk boa
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:59

Tassyela [REDACTED] Kkkkkkkk verdade
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:04

Fagner [REDACTED] Bem certinho, gostei da frase
 Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 16:39

Monica [REDACTED] Ahahahamuito bom!!!!😂
 Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 00:17

Yasmin [REDACTED] kkkk bem isso
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 20:45

Eliana [REDACTED] Kkkkkkkk kikiikkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 19:18

Telmara [REDACTED] Verdade!
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 13:36

Nil [REDACTED] The best!!!!
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 13:19

Mariah [REDACTED] Bem isso mesmo,se eu tivesse solteira ,morria solteira mas nao dava pra qualquer um ,mulher tem que se valorizar.
 Curtir · Responder · 28 de junho de 2015 às 20:03

Ana [REDACTED] E bem isso
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 19:39

Jaelma [REDACTED] Kkkkkkkk muitas assim kkkk
 Curtir · Responder · 28 de junho de 2015 às 13:54

Luana [REDACTED] Verdade
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 14:25

Rosana [REDACTED] Ó , mundo cruel kk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:19

Ana [REDACTED] mas é melhor so dq ,,viver enganada
 Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 22:11

Ana [REDACTED] kkkkkkkkkkkk tem muitas assim mesmo
 Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 22:10

Fernanda [REDACTED] Logo lembro kkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 22:28

Glória [REDACTED] A mão de compartilhar esta tremendo.. Kkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 22:37

Ronilda [REDACTED] Kkkkk bem isso
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 17:54

Arlene [REDACTED] Kkkkkkkkk bem assim...
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 13:04

Erika [REDACTED] Eita poha e isso ai
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:02

Primo [REDACTED] Mas tem mulheres que ficam brigando uma chamando a outra de recalcada poh quem for mais gostosa ganha e assim no pensamento dos homens sinpla
 Curtir · Responder · 22 de agosto de 2015 às 18:27

Francy [REDACTED] Concordo
 Curtir · Responder · 22 de julho de 2015 às 22:37

Cleusa [REDACTED] Kkkkkkk conheço muitas
 Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 00:32

Alicia [REDACTED] Rrstt amei
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 15:01

Izaura [REDACTED] O. Maldade. Em
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:22

Julio [REDACTED] Kkkkkk rachei
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:04

Giselle [REDACTED] Kkk a pura verdade....
 Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 14:46

- Crislaine** **Boa kkkkk**
 Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 14:44
- Valeria** **Tá dando uma vontade doida de compartilhar... kkkkkk conheço uma massas deixa quieto kkkkk**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 18:30
- Rogério** **Verdade !!!!**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 17:23
- Billaa** **Amei essa tradução, hahahahahahaha**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 14:09
- Marta** **Adoro a Félix Bicha Má mas essa foi a PIOR postagem dessa página. Atenção HOMENS E MULHERES! a mulher não precisa que ninguém a "assuma" se ela quer dar por aí comer e ser comida, é a vontade dela e merece respeito. Simples Assim. Se ela quer ser rec... Ver mais**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 13:51
- Raquel** **Kkkkk... Perfeito!**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:39
- Camilla** **Kkkkkkkkkkkkk verdade**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:24

- Raquel** **Kkkkk... Perfeito!**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:39
- Camila** **Kkkkkkkkkkkkk verdade**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:24
- Fabiola** **Kkkkkkkkk Abafaaa mesmo 😊😊**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:11
- Luana** **Porquitchonas ahah Lúcia**
 Curtir · Responder · 1 · 29 de junho de 2015 às 18:13
- Eliane** **Kkkk gostei**
 Curtir · Responder · 9 de julho de 2015 às 19:12
- Capemba** **Kkkkk azar ñ é só óbito oko**
 Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 16:47
- Cleonice** **A mais pura verdade**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 19:31
- Camila** **exato kkkkk**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 17:55
- Meral** **pior que existe, pessoas desse nível!**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 17:27

- Monica** **Kkkkkk morri**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:33
- Poliana** **Essa foi boa**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:17
- Bruno** **TRADUÇÃO: Independente que qualquer classificação afetuosa barata, mantenho vivo o meu tesão, pago minhas contas, gozo gostoso e sou feliz. Se isso é ser puta? Sou puta live e feliz!**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 13:02
- Rita** **Kkkkk... Desse modelo...**
 Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 17:24
- Mariza** **Kkkkkk!!!! Boal!**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 17:55
- Elizangela** **Rssrsrs**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 16:38
- Carla** **Desse modo kkk**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:18

- Milena** **Descurtir**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 20:23
- Nazaré** **GOSTEI...kkkkkk**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 17:38
- Drica** **TA CHEIO POR AI !!**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 13:33
- Diana** **Kkkkk verdade**
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:52
- Juliana** **Boa! Desse jeito, né, Adriana Vieira?**
 Curtir · Responder · 1 · 11 de setembro de 2015 às 11:32
- Janda** **Inteligente não quer patrão!!!! E autônoma kkkkkkkk**
 Curtir · Responder · 1 · 26 de junho de 2015 às 12:45
- Jacqueline** **Yes ... of course ... ahahaha**
 Ver tradução
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:08
- Felipe** **Bassan Priscila olha sua amiga kkkkkkk**
 Curtir · Responder · 1 · 26 de junho de 2015 às

Jony [redacted] Engraçado as mulheres que acham ruim essa postagem é porque a carapuça serviu
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 16:51

Roberto [redacted] Piriga é pirigal Só serve para uso mesmo. Não sou machista, sou realista. Mulher de verdade não tem idade! Tem personalidade, tem classe! rrs
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 14:26

Marcelino [redacted] Conheço muitas e se falar que elas são arrumou briga kkkk se tocam
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 14:13

Ueliton [redacted] esta aí foi boa em kkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:57

Rafael [redacted] Deixa os outros darem o que é deles
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 13:09

Rafael [redacted] Verdade
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:44

Valdilene [redacted] kkk
 Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 21:01

Milena [redacted] Kkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 13:40

Anna [redacted] Kkkkkkkkkkk que horror
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 15:01

Jaime [redacted] Kkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 14:48

Maria [redacted] Kkkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 14:04

Darlina [redacted] Kkkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:05

Rosemary [redacted] kkkkkkkkkkkkk verdade
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 15:56

Luciane [redacted] Kkkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 13:48

Kuty [redacted] kkkkkkk fato
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 20:31

Vitória [redacted] Vdd kkkkkkk
 Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 09:09

Janaina [redacted] Kkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 19:57

Gisele [redacted] Morri 😞😞😞😞😞😞
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 18:53

Débora [redacted] Kkkkk
 Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 16:32

Joao [redacted] LOL

Rosana [redacted] Kkkkkkkkkkk e isso aí kkkkkkkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 15:44

Sandra [redacted] Kkkkkkkkkkk pior
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:43

Beny [redacted] Kkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:11

Tais [redacted] 😞😞😞😞
 Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 02:19

Lina [redacted] Kkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:06

Rose [redacted] Kkkkkkkkkkkkkkkkk bha 😞😞😞😞
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:04

Fabiana [redacted] Kkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 18:06

Rubens [redacted] Kkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:06

Malenna [redacted] Kkkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 14:08

Rosângela [redacted] Kkkk

Inajara [redacted] Kkkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 16:49

Flavia [redacted] Kkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 16:10

Cicera [redacted] Kkkkkkkkk boa
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 15:20

Lais [redacted] Kkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:30

Katuxa F [redacted] Kkkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:04

Lorena [redacted] 😞😞😞
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 22:47

Sheila [redacted] Kkkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 18:47

Karen [redacted] Kkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:03

Fatima [redacted] kkkkkkkkkkkkkkkkkkk é bem assim
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:01

Esther [redacted] Kkkk boa
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 13:53

Flavia [redacted] Kkkk
 Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 12:36

Ana L [redacted] Kkkkkkkkk boaaa
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 19:57

Jéssica [redacted] 😊
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 13:36

Clauciana [redacted] Kkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:14

Luordes [redacted] kkkkkk a minha tabem
 kkkkkkkkkk
 Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 20:11

Lais [redacted] amel
 Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 15:55

Helenice [redacted] Toda mulher ela sempre procura
 alguem,diferente do homem que achar que
 mulher nao tem sentimento igual a ele,nao sao
 todos mais a maioria.
 Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 11:59

Josiany [redacted] Kkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 17:18

Natalia [redacted] Kkkk

Marcones [redacted] Essa e foda ein
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:23

Delgado [redacted] Hahahahah
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:02

Fernando [redacted] Kkkkk
 Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 08:26

Sebastiao [redacted] é desse jeito kkkkkkkkkkkkkkkkk
 Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 08:07

Kaynan [redacted] Kkk
 Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 00:12

Lidiane [redacted] Kkkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 21:02

Mira [redacted] Kkkkkkkkkkkkkkkkkk isso isso isso...
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:10

Sra Rd 📺 😊😊😊😊😊😊😊😊😊😊
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 17:41

Anaclaudia [redacted] Kkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:54

Andreia [redacted] joana opa morri 😊😊😊😊
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 21:43

Sidneia [redacted] kkkkkkkkkk arrasou.
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 16:28

Fernanda [redacted] Deixa quieto!!!
 Kkkkkkkkkkkkkkkkkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 18:43

Cristina [redacted] hihih
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:14

Denise [redacted] Kkkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:22

Magda [redacted] Kkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 14:01

Debora [redacted] Kkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 13:46

Cris [redacted] kkkkk
 Curtir · Responder · 👍 1 · 26 de junho de 2015 às
 17:29

Emilie [redacted] e Jamly [redacted] as piruas la
 kkkk
 Curtir · Responder · 👍 1 · 15 de dezembro de
 2015 às 23:46

↩ 1 resposta

Janete [redacted] Kkkkkk

Janete [redacted] Kkkkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:31

Grazy [redacted] 😊😊😊😊😊😊😊😊😊😊😊😊😊😊😊😊
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 17:45

Silvaneide [redacted] kkkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 13:35

Dayane [redacted] 😊😊😊😊😊😊
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:07

Leda [redacted] 😊😊😊😊😊😊
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:03

Clau [redacted] kkkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 20:03

Jhoyce [redacted] kkkkk
 Curtir · Responder · 4 de julho de 2015 às 12:44

Wladhy [redacted] kkkkk
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:19

Kássia [redacted] 😊😊😊😊😊😊😊😊😊😊
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:06

Jéssica [redacted] 😊😊😊😊😊😊
 Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:07

Raquel [redacted] Kkkkkkkkkkkkkkkkkk boa

Stephanie [redacted] Kkkkkk
Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 20:13

Eliana [redacted] kkkkkk
Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 16:29

Michelle [redacted] 😊😊😊😊😊😊😊😊
Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:42

Renzell [redacted] 😊😊😊😊😊😊😊😊😊😊
Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:05

Elaine [redacted] 🍻🍻🍻🍻🍻🍻
Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 00:17

Marie [redacted] Kkkkkkkkkkkk boa
Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 15:21

Mauri [redacted] Kkkkkk
Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:21

Mila [redacted] 😊😊😊😊😊😊
Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:00

Marcos [redacted] 😊😊😊😊😊😊😊😊😊😊
Curtir · Responder · 24 de julho de 2015 às 22:25

Cristina [redacted] 😊😊😊😊😊😊😊😊
Curtir · Responder · 9 de julho de 2015 às 18:10

Jennifer [redacted] Kkkkkk
Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:11

Driellee [redacted] 😊😊😊😊😊😊😊😊😊😊😊😊
Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 18:30

Rose [redacted] kkkkkk
Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:09

Maria [redacted] 😊😊😊😊😊😊
Curtir · Responder · 27 de junho de 2015 às 00:09

Aline [redacted] 😊😊😊😊😊😊
Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 21:28

Ivonilda [redacted] Kkkkkk
Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 14:14

Sra [redacted] 😊😊😊😊😊😊😊😊😊😊😊😊
Curtir · Responder · 26 de junho de 2015 às 12:02

***Minions Sinceros (povo brasileiro/WhatsApp)**



(Disponível em: <https://www.facebook.com/oficialminionssinceros/photos/pb.131574543719617.-2207520000.1464021718./344377085772694/?type=3&theater>)

Minions Sinceros
 Curtir esta página · 27 de fevereiro de 2015 ·

Estamos perdidos mesmo 😞

👍 Curtir 🗨 Comentar ➦ Compartilhar

Principais comentários (sem filtro) ▾

39.614 compartilhamentos 694 comentários

Suely



Álton O povo se deixou ser levado por coisas sem importancia, mais quando fala em buscar Jesus ninguém faz um pequeno esforço que seja
 Curtir · Responder · 👍 53 · 27 de fevereiro de 2015 às 19:43
 ↳ 4 Respostas

Giselle Acho que o fato de você se distrair com uma curiosidade/evento/piada /oquequerqueseja não significa que você seja retardado ou um alienado por fora das outras coisas que acontecem no país e as aceitando sem questionar. Não é porque existem coisas erradas acontecendo que precisamos focar somente nelas e parar de socializar, se divertir ou apenas mudar um pouco o foco de vez em quando.
 Curtir · Responder · 👍 32 · 28 de fevereiro de 2015 às 00:10
 ↳ 3 Respostas

Douglas É verdade. Por isso q o Brasil está esta merda. O governo tem a cara do povo brasileiro. Pq quem

Douglas É verdade. Por isso q o Brasil está esta merda. O governo tem a cara do povo brasileiro. Pq quem colocou eles lá foram o povo
 Curtir · Responder · 20 · 27 de fevereiro de 2015 às 19:29



Curtir · Responder · 18 · 27 de fevereiro de 2015 às 20:38



Curtir · Responder · 16 · 27 de fevereiro de 2015 às 20:05



Thaylla E ai qual cor vcs estão vendo?



Curtir · Responder · 8 · 27 de fevereiro de 2015 às 20:32

↳ 7 Respostas

Maycow Não acredito q todo brasileiro seja assim

Curtir · Responder · 8 · 27 de fevereiro de 2015 às 19:29

Claudia Porra d vestido pega essa merda e vesti na Dilma povo sem noçao

Curtir · Responder · 21 · 27 de fevereiro de 2015 às 19:29



Curtir · Responder · 7 · 27 de fevereiro de 2015 às 23:34



Sheila [redacted] Vdd



Curtir · Responder · 15 · 27 de fevereiro de 2015 às 20:41

Daniele [redacted] Chato 🤬 essa do 🐟, foi o dia inteiro!!! 🍷 cheio

Curtir · Responder · 6 · 27 de fevereiro de 2015 às 21:10

Dêde [redacted] Que raio d'vestido é esse gente? Alguém me explica?

Curtir · Responder · 6 · 27 de fevereiro de 2015 às 19:32

↪ 7 Respostas

Nathalia [redacted]



Curtir · Responder · 13 · 27 de fevereiro de 2015 às 22:13

Ana [redacted] Aqui vejo preto azul e dourado kkkk



Ana [redacted] Aqui vejo preto azul e dourado kkkk



Curtir · Responder · 5 · 27 de fevereiro de 2015 às 21:22 · Editado

↪ 2 Respostas

Roseane [redacted] Ahushusjuahua
Ver tradução

Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:43

Marcy [redacted] Não sei por que isso agora de visão de ótica...É só ir numa balada que você vê blusa branca fica azul...aff vamos nos preocupar com a nossa qualidade de vida isso sim e cobrar

Roseane [redacted] Ahushusjuahua
Ver tradução

Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:43

Marcy [redacted] Não sei por que isso agora de visão de ótica...É só ir numa balada que você vê blusa branca fica azul...aff vamos nos preocupar com a nossa qualidade de vida isso sim e cobrar nos dia direitos de cidadão..

Curtir · Responder · 3 · 27 de fevereiro de 2015 às 20:04 · Editado

↪ 2 Respostas

Evelin [redacted] Forçou, hein?! Estamos todos preocupados com isso, falamos disso todos os dias, a maioria errou na urna e agora estamos correndo atrás do prejuizo. Mas não dá pra falar SÓ disso. Curiosidades e fatos interessantes fazem parte do cotidiano.

Curtir · Responder · 3 · 27 de fevereiro de 2015 às 22:14

Andressa [redacted] A gente vai fazer oq ? Protestar contra oq está acontecendo cm o Brasil, o único jeito é humor mesmo pq do jeito q vai o Brasil prefiro dar mais importância pro vestido ou whats

Andressa [redacted] A gente vai fazer oq ? Protestar contra oq está acontecendo cm o Brasil, o único jeito é humor mesmo pq do jeito q vai o Brasil prefiro dar mais importância pro vestido ou whats do que cm coisas q não adianta a gente protestar!

Curtir · Responder · 👍 3 · 27 de fevereiro de 2015 às 22:42

Gizaah [redacted] A dona do vestido aiil kkkk



Curtir · Responder · 👍 3 · 28 de fevereiro de 2015 às 21:22

Amanda [redacted] Bem vindo ao Brasil Ou Casa da mae Joana

Amanda [redacted] Bem vindo ao Brasil Ou Casa da mae Joana

Curtir · Responder · 👍 2 · 27 de fevereiro de 2015 às 19:57

Marcos [redacted] O collo afundou o pais ,mais ja estar de vouta, e assim vaiiiiiiii....acabaram com a maior estatal do pais a petrobras.juiz andando em carro apreendido , policial matando primeiro depois prendendo , ai vem a pascoa tudo é esquecido em nome do chocolate...ufa.....só Deusss..

Curtir · Responder · 👍 2 · 27 de fevereiro de 2015 às 22:17

Geany [redacted] Concordo" o aumento da população so q aumenta.. mais ninguem liga pro q e preocupante! Estamos perdidos..

Curtir · Responder · 👍 2 · 27 de fevereiro de 2015 às 19:31

Vinicius [redacted] Viva A Sociedade Alternavita.. 😊

Curtir · Responder · 👍 2 · 27 de fevereiro de 2015 às 19:27

Diego [redacted] acorda cambada de burros idiotas

Diego [redacted] acorda cambada de burros idiotas brasileiros manés vamos derrubar essa vaca do krai.

Curtir · Responder · 👍 2 · 27 de fevereiro de 2015 às 22:41

Rejane [redacted] inventar mentiras e especialidade do povo brasileiro tanto q o pais vive o reflexo disso depois da mentirada ficam falando q o povo ta em panico por causa de watsap se pânico resolvesse alguma coisa era otimo!

Curtir · Responder · 👍 2 · 27 de fevereiro de 2015 às 21:06

Fatima [redacted]



Rodrigo [redacted] vc é outro

Curtir · Responder · 👍 1 · 27 de fevereiro de 2015 às 20:40

Elisete [redacted] Sou obrigada a tirar o chapéu para os nossos governantes.Eles sabem como fazer a coisa.Tipo assim: tirar a atenção de uma coisa importante e séria para todo o povo brasileiro, desviando pra outro olhar.Enquanto eles fazem a coisa sorrateiramente. E da lê alteração que vai gerar desemprego e a guerra civil.Só observo o que tinha que fazer já fiz na urna

Curtir · Responder · 👍 1 · 28 de fevereiro de 2015 às 14:17

Bela [redacted] Oxii aque e Brasil vcs nao sabem q a vida sofrida dos brasileiros trabalhadores nao importa.. O q importa e dinheiro nos bolsos dos corruptos e tento internet boa qm liga pro resto.. Do acho q devemos abrir mais nossa mente pra o q realmente importa.. So axo.. 👍

Curtir · Responder · 👍 1 · 27 de fevereiro de 2015 às 21:43

Valdineya [redacted] /verdade

Curtir · Responder · 👍 1 · 27 de fevereiro de 2015

- Stephanie** Melhor é conversar sobre o Brasil com os gringos
Curtir · Responder · 1 - 27 de fevereiro de 2015 às 20:35
- Dionisia** Da pra Dilma esse vestido branco c/Dourado ou Preto c/ azul tanto faz e brega e feio igual a ela é o q ela tá fazendo c o Brasil #euodeioessespoliticos
Curtir · Responder · 1 - 27 de fevereiro de 2015 às 20:41
- Tamires** Triste
Curtir · Responder · 1 - 27 de fevereiro de 2015 às 22:17
- Marta** Pior viu?!
Curtir · Responder · 1 - 27 de fevereiro de 2015 às 21:23
- Daniel** E o que faz então? Dança da chuva? Trio investimento em energia renovável do bolso?
Curtir · Responder · 1 - 28 de fevereiro de 2015 às 07:09
- Jamilly** Kkkkk. Verdade.
Curtir · Responder · 1 - 27 de fevereiro de 2015

- Thayná** Só observando essas coisas
Curtir · Responder · 1 - 27 de fevereiro de 2015 às 21:03
- Gizaah**
- 
- Vai me dizer que é o Ranger Azul?
- Curtir · Responder · 1 - 28 de fevereiro de 2015 às 21:23
- Mércia** Esse é o povo que os políticos amam. Vai que vai Brasil! Chegaremos ao topo de primeiro lugar em: ignorância, cegueira, alienação, corrompidos e por aí vai...
Curtir · Responder · 1 - 28 de fevereiro de 2015 às 19:58

- Janaina** Nossa estamos perdidos mesmo!!
Curtir · Responder · 1 - 27 de fevereiro de 2015 às 20:50
- Claudia** Não seria o Brasil se fosse diferente
Curtir · Responder · 1 - 27 de fevereiro de 2015 às 21:00
- Bruna** Esse povo brasileiro é realmente uma piada! 😊
Curtir · Responder · 1 - 27 de fevereiro de 2015 às 20:58
- Jussara** Isso é Brasil, sempre dando tanta importância as coisa fúteis.
Curtir · Responder · 1 - 28 de fevereiro de 2015 às 19:29
- Kamila** povo adora coisas fúteis
Curtir · Responder · 1 - 27 de fevereiro de 2015 às 21:09
- Maria** Porque, infelizmente, o povo realmente tem o governo que merece!!!!
Curtir · Responder · 1 - 1 de março de 2015 às 11:40

- Andressa** Povo sem noção!!!!
Curtir · Responder · 1 - 27 de fevereiro de 2015 às 19:32
- Adriane** Pura verdade!
Curtir · Responder · 1 - 28 de fevereiro de 2015 às 08:06
- Tatiana** O povo não é doído. É burro mesmo.
Curtir · Responder · 1 - 27 de fevereiro de 2015 às 23:34
- Gilson** Engraçado, pra motivos fúteis o brasileiro briga, mas por coisas mais importantes pro futuro do país não faz nada. Brincadeira.
Curtir · Responder · 2 - 27 de fevereiro de 2015 às 19:27



Curtir · Responder · 1 · 28 de fevereiro de 2015 às 18:17

Valter Não estou nem ai pro zapzap e pro vestido, pra falar a verdade prefiro mulher sem vestido, falei.....

Curtir · Responder · 1 · 27 de fevereiro de 2015 às 22:46

Cleber Exatamente

Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 08:05

Neuza Verdade. Tem outras prioridades.

Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 09:56

Hanna Kkkkk vdd!!

Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:56

Cleia Vou ensinar a fazer Sucrilhos: coloque Sucrilhos em um recipiente adicione leite e boa appetite.

Curtir · Responder · 4 de março de 2015 às 17:36

Nilda Vdd...

Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:40

Marcia Pra vc ve o quanto as coisas fúteis incomoda mais do que coisas sérias. Por isso o governo caga e anda ora gente.

Curtir · Responder · 2 · 27 de fevereiro de 2015 às 19:33

Juliana Verdade

Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 20:18

Ana kkkk pior que é assim mesmo 😞

Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:55

Matheus Vdd!! Pior q é vdd!! Kkk

Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 21:59

Pâmella Fato!!!!

Curtir · Responder · 1 · 27 de fevereiro de 2015 às 19:44

Elisabeth Verdade aff

Curtir · Responder · 1 de março de 2015 às 03:28

Emerson



Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às

Nilsinho Complicado esse povinhooo

Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 22:20

Carla Excelente!!!!

Curtir · Responder · 1 · 27 de fevereiro de 2015 às 20:01

Kátia Fala serio, o Brasil esta perdido...

Curtir · Responder · 1 de março de 2015 às 06:55

Bilinha Falta do que fazer estão ficando fúteis...lamentável e os hospitais cheios...

Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:54

Lu Terceiro mundinho ;(

Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 17:07

Mari A Verdade ne!! O povo se mobiliza por cada coisa!!

Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 08:56

Luiza Kkk, verdd

Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 00:11

Laah [redacted] Pra ver como as pessoas sao futeis ! Bando de retardados
Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 00:02

Cristiane [redacted] Ola curtam minha page, quero fazer ela crescer se puderem me ajudar ficarei muito grata <https://www.facebook.com/pages/A-culpa-%C3%A9-das-estrelas/659985360774951?ref=hl>
Curtir · Responder · 1 de março de 2015 às 15:08

Ju [redacted] Pior kkkk
Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 22:58

Alessandra [redacted] Pode crerrrr
Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 15:17

Adriana [redacted] Essa é a população alienada que o governo tem orgulho de produzir.
Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 12:11

Suzana [redacted] Pra mim era Ouro e Branco
Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 09:04

Inês [redacted] quanta verdade
Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 20:30

Rodrigo [redacted] Vai entender esse povoll
Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 16:44

Marcos [redacted] e se vai aumentar a cerveja também]
Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 21:57

Denice [redacted] kkkkkkkkk é pura vdd
Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 10:55

Josenice [redacted] O povo brasileiro gosta de ver as coisas subindo. Tem mania de grandeza
Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 23:54

Monise [redacted] e vai fazer o que agora? Quando teve a chance de tirar ela colocaram no poder de novo! Ninguem também vai se matar por isso, não tem mais o que fazer!
Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 23:13

Lorene [redacted] pior que e vdd,, por isso que o brasil nao muda 😞
Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:44

Renato [redacted] Povo sem noção
Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:40

Celia [redacted] kjh&j
Curtir · Responder · 8 de março de 2015 às 17:47

Paula [redacted] Falo a vdd agora! !!! Kkk

Paula [redacted] Falo a vdd agora! !!! Kkk
Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 01:17

Cleide [redacted] Pois é.
Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 20:13

Mila [redacted] Tá braabol Kkk
Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:47

Sueli [redacted]

Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 01:05

Kátia [redacted] É mesmo!
Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 20:23

Daianne [redacted] Kkkkkkk vdd
Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 20:11

Julianna [redacted] infelizmente 😞
Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:59

Aline [redacted] Haaaaaaa verdade!!!
Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:28

Valdenice [redacted] Realmente nos não sabemos mais no pena o vida dura kkkkkk ninguém merece
Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 16:24

Jessica [redacted] É só pra descontrair um pouco! 😊
Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 11:13

Nanny [redacted] Kk pura verdade
Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 07:24

- Mickaelle** **Pior q eh vdd!!**
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 14:45
- Mônica** **ferrou**
 Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 23:32
- Andréia** **pior q é!!!**
 Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 22:14
- Jaci** **Esta colhendo o que plantou vota no pt kkkkkkkkkkkkk!!!**
 Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 21:40
- Ligia** **Ridículo**
 Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 20:36
- Estela** **Dia 15 estaremos lá ol**
 Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 20:28
- Carla** **Kkkkk**
 Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às
- Vai** **vai entender**
 Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:37
- Jeanny** **Pura Vdd kkkk**
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 10:38
- Marcos** **O cabral ,colocam o pezaio**
 Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 22:07
- Marcos** **Infelizmente é isso , samba, carnaval, bbb, novelas, a rede globo controlando a mente do povo ,destruindo a inteligencia do povo, tiram**
 Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 22:07
- Ellen** **Kkkk....**
 Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:49
- Raissa** **Vdd,, kkkkk**
 Curtir · Responder · 1 de março de 2015 às 00:30
- Rosana** **é mesmo né...ooooohhh povinho!!!!**
 Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às

- Isabela** **Perfeito!**
 Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 22:17
- Shyrley**
-
- Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 20:22
- Hortência** **Verdade!**
 Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 20:11
- Shirley** **Fato!**
 Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:53
- Diego** **Verdade.mas q cor é o vestido mesmo???**
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 14:33
- Deigmar** **Se nos nos reunimos para tantas coisa seriamos mas fortes iguau queimados n tem corpo de bombeiro jaceruba muito menos e lugar e o que n falta para construir, precisa vir de nova iguaçu que descaso por um fogo ou acidente n dar pra salvar mas quem é culpado???**
 Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 23:02
- Juliana** **Se a gasolina tivesse cores diferentes de acordo com a visão das pessoas ela seria sim algo a se debater, assim como a água e afins.**
 Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 20:43
- Ellen** **kkkkkkkkk, bem assim!**
 Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 20:14
- Jhanny** **Viva o brasil.... essa merda de pais q vivemos!!**
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às

 Cris  é a mais pura da verdade o povo burro
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 00:15

 Lissandra  Kkk vdd
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 00:04

 Horisa  pode crer!!!
 Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 21:34

 Jaqueline  Pois é
 Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 21:11

 Sandra  Né isso 😞😞
 Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 21:06

 Claudio  E o pior que e mesmo,e mole ou quer mais,que paizinho esse.
 Curtir · Responder · 4 de março de 2015 às 20:55

 Santorini  E não é isso mesmo?
 Curtir · Responder · 1 de março de 2015 às 13:06

 Alessandra  É num é q é?

 William  O pior que as pessoas se influenciaram so pela mídia, que manipula e destorcer a real noticia,mesmo com tantas coisas acontecendo. So vai mudar mesmo algo,as dificuldades chegar a todas as classes desse país.
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 22:29

 Adriana  Cada povo tem país que merece.
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 20:56

 Josefina  esta fea la imagen
 Ver tradução
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 20:22

 Patricia  Verdade,..
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 17:23

 Marcos  <https://www.facebook.com/pages/Gota-de-cristal/1543348815948591>
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 14:39

 Josy  Concordo com a Mércia  Aparecida

 Josy  Concordo com a Mércia Aparecida Rodrigues Sotero
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 13:17

 Wagner  Kkkkk boa
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 12:59

 Sara  Verdade
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 11:39

 Rogério  pior que que é verdade
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 09:31

 Libania  É demais.. o povo se preocupa com coisas banais.
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 07:20

 Felipe  Ou quando perde na copa fazem um rio de lágrimas. Quando vos impostos aumentam a gasolina aumenta. Fazem nada. Vou ti contar
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 01:05

 Josy  Concordo com a Mércia Aparecida Rodrigues Sotero
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 13:17

 Wagner  Kkkkk boa
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 12:59

 Sara  Verdade
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 11:39

 Rogério  pior que que é verdade
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 09:31

 Libania  É demais.. o povo se preocupa com coisas banais.
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 07:20

 Felipe  Ou quando perde na copa fazem um rio de lágrimas. Quando vos impostos aumentam a gasolina aumenta. Fazem nada. Vou ti contar
 Curtir · Responder · 28 de fevereiro de 2015 às 01:05

<p>■ Mislene ■ Kkkk vdd. Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 21:11</p>	<p>■ Livia ■ kkk verdade Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 20:13</p>
<p>■ Elisa ■ Vamos reclamar da falta de água porque tá chovendo muito Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 20:50</p>	<p>■ LoZzinha ■ Kkkk vdd Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:55</p>
<p>■ Brunna ■ Kkkkk Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 20:36</p>	<p>■ Valéria ■ Fato Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:45</p>
<p>■ Livia ■ kkk verdade Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 20:13</p>	<p>■ Joselita ■ Kkkkkkkk bem assim! Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:40</p>
<p>■ LoZzinha ■ Kkkk vdd Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:55</p>	<p>■ Eurenice ■ Vai entender Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:39</p>
<p>■ Valéria ■ Fato Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:45</p>	<p>■ João ■ Amém Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:36</p>
<p>■ Joselita ■ Kkkkkkkk bem assim! Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:40</p>	<p>■ Jo S ■ isso é BazzZzzziil! Curtir · Responder · 27 de fevereiro de 2015 às 19:33</p>